

AMÉRICA SOCIALISTA

REVISTA TEÓRICA MARXISTA - Nº 14 - ABRIL 2019 - CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL



100 ANOS DA INTERNACIONAL COMUNISTA

- Pág 17: Espanha 1970: como se traiu a revolução
- Pág 25: Os bolcheviques e a juventude
- Pág 33: Movimento Negro e o combate do MNS
- Pág 40: 100 anos do assassinato de Rosa Luxemburgo
- Pág 45: Engels e o enfoque histórico nas ciências
- Pág 50: Sindicalismo e comunismo

A APRESENTAÇÃO

A Revista América Socialista, órgão teórico e político da Corrente Marxista Internacional (CMI) nas Américas, chega na edição brasileira à sua edição número 14. São 7 anos de publicação regular e de um esforço teórico e político dos militantes da CMI nas Américas e da Esquerda Marxista em particular para elevar a formação e a discussão política entre militantes revolucionários e a vanguarda dos trabalhadores e da juventude. Este trabalho é absolutamente necessário frente à impressionante regressão política e teórica imposta pelo estalinismo e pela socialdemocracia em todo o mundo. Não só vivemos uma época de decadência moral, cultural e política da sociedade burguesa. É também uma época muito difícil para o movimento operário, oprimido por décadas por enormes aparatos contrarrevolucionários e que hoje resiste e luta com as armas que tem para reencontrar um novo eixo de independência de classe e o caminho da revolução socialista.

Nesta edição comemoramos cem anos de fundação da Terceira Internacional, a Internacional Comunista, e também rememoramos o assassinato covarde de Rosa Luxemburgo pelos aliados da socialdemocracia alemã, que, junto com toda a reação política monarquista, esmagou em sangue a revolução dos operários, torturou e matou seus líderes. Um excelente artigo sobre Rosa Luxemburgo é publicado nesta edição para que novos militantes jovens e trabalhadores não esqueçam os mártires de sua classe e mantenham vivo seu ódio de classe contra a burguesia, que jamais hesitou em atirar no lixo

todos seus discursos democráticos e afogar em sangue toda revolta dos escravos trabalhadores contra o regime da propriedade privada dos meios de produção. A tarefa a que Rosa Luxemburgo dedicou sua vida continua sendo a tarefa que nós devemos resolver.

Um ótimo artigo de Alan Woods sobre a chamada transição espanhola, a transição da ditadura fascista de Francisco Franco para a suposta democracia, na Espanha, nos conta com detalhes, e com os olhos de um militante que viveu essa transição e sua época revolucionária, a traição organizada pelos líderes da socialdemocracia, o PSOE, e pelo Partido Comunista Espanhol, o PCE, em especial o papel nefasto e



Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário

imundo jogado por Santiago Carrillo, o secretário estalinista do PCE, e que resultou num regime com uma fachada democrática, mas que mantém, no essencial, estrutura repressiva antidemocrática erguida pela ditadura de Franco. Este amigo de Hitler e Mussolini deixou de pé sua herança fascista, guardada e garantida pelos líderes socialdemocratas e stalinistas. É por isso que, hoje, a democracia espanhola é capaz de manter enjaulados os líderes políticos Independentistas da Catalunha, cujo único crime foi expressar e lutar pela separação do Estado Espanhol e buscar, assim, expressar a vontade da maioria da população da Catalunha.

Um artigo de sobre a luta do movimento negro retoma, de for-

ma histórica e geral, o combate contra o racismo e o racialismo e por sua emancipação no Brasil, apontando para os combates necessários ainda hoje a serem travados, junto com a classe operária e a juventude, contra toda opressão e exploração. O que passa, necessariamente, por um combate contra a violência estatal contra negros jovens, em particular. O recente assassinato de um negro no volante de seu carro com a família, no Rio de Janeiro, covardemente fuzilado pelo Exército brasileiro com 80 balas, obviamente tem como causa o ódio das forças armadas da burguesia contra trabalhadores, pretos e pobres. A alegação mentirosa de que atiraram num criminoso é uma declaração de como a burguesia e seus lacaios encaram a cor da pele de um ser humano. O racismo serve a essa gente como instrumento para manter aterrorizada a população e cada vez mais armar o aparato repressivo, que em última instância, será sempre usado contra a classe trabalhadora.

Retomamos ainda, nesta edição, a herança histórica do bolchevismo em relação ao trabalho na juventude. Isso é um importante aprendizado porque uma das acusações que os bravíssimos mencheviques, aliados da burguesia, faziam contra os bolcheviques é de que eles eram um partido de estudantes, por causa da sua enorme quantidade de jovens militantes e dirigentes. Na verdade, é um grande orgulho para o partido revolucionário ter a capacidade de ganhar jovens e ter entre seus quadros jovens estudantes como foram Lenin, Trotsky, Sverdlov, Zinoviev, Kamenev. Sem falar do passado, em que o estudante Karl Marx e seu amigo o estudante Frederic Engels construíram a fortaleza que chamamos marxismo.

Publicamos também um artigo de Eric Lerner, um físico norte-a-

americano que reivindica o marxismo, o materialismo dialético e histórico, e que nos dá um resumo do seu livro “O Big Bang nunca aconteceu”, mostrando como esta teoria é uma teoria falsa e cujo sentido maior é tentar comprovar “cientificamente” que Deus existe e está no início de tudo. Este artigo é também uma homenagem a Engels e seu livro “A Dialética da Natureza”, livro incomparável e que merece a leitura atenta de todo revolucionário que pretende entender o mundo e a natureza.

Apresentamos também um artigo de Trotsky, escrito em 1929, sobre a questão dos sindicatos e o suposto apartidarismo sindical, que é como se apresenta, hoje em dia, a independência dos sindicatos em relação a todos os partidos, esta política antimarxista antibolchevique, não só dos setores mais atrasados do movimento operário, mas também dos oportunistas de todo tipo. Hoje se tornou comum que correntes políticas, inclusive as que se dizem revolucionárias, se apresentem disfarçadas nas eleições sindicais, reivindicando a independência em relação a todos os partidos.

Uma coisa é certa. É uma pedra de toque a independência dos sindicatos em relação à burguesia e ao estado burguês, aos patrões. Assim como a luta pela liberdade sindical contra toda e qualquer tipo de ingerência estatal ou legis-

lação burguesa sobre os sindicatos. Mas, isso não tem nada a ver com esconder o trabalho dos comunistas no sindicato. Os comunistas defendem cada uma das conquistas dos trabalhadores e suas reivindicações, mas eles não militam nos sindicatos para melhorar um pouquinho a vida da classe trabalhadora, eles militam nos sindicatos para organizar a classe trabalhadora e construir a organização revolucionária para pôr abaixo todo o sistema de exploração burguês. Não são, portanto, os comunistas nos sindicatos, meros negociantes do valor da força de trabalho da categoria em questão. A negociação do valor da força de trabalho é parte e preparação do combate para organizar o exército da revolução para tomar o poder estatal e liquidar com o regime da propriedade privada dos meios de produção, o regime capitalista.

Finalmente, temos um informe escrito por Mathias Rakosi, em 1922, sobre os Congressos da Terceira Internacional. Rakosi explica os debates dos Congressos, suas resoluções e as circunstâncias em que elas foram tomadas, o que foi central em cada Congresso e o que teve que ser modificado de um Congresso para outro.

Os quatro primeiros Congressos da Internacional Comunista formaram a base da construção do Programa revolucionário do marxismo na época do imperialis-

mo. Esta tarefa ficou incompleta porque a Terceira Internacional foi destroçada pelo stalinismo nos anos seguintes até sua liquidação final, em 1943. Essa tarefa teve que ser continuada por Trotsky, que sintetiza os quatro primeiros Congressos da IC e desenvolve esta base programática culminando no texto “A agonia Mortal do Capitalismo e as Tarefas da Quarta Internacional”, conhecido como o “Programa de Transição”.

Há cem anos foi fundada a Internacional comunista e há 100 anos os bolcheviques continuam esse combate. Esta luta conheceu grandes vitórias e grandes derrotas, mas é esse combate que continua a ser o centro da atividade revolucionária ainda hoje. A construção de uma verdadeira Internacional, não de seitas auto-proclamadas ou de ajuntamentos oportunistas, mas de uma verdadeira Internacional, baseada no marxismo, que seja capaz de dirigir o movimento dos trabalhadores em todo mundo, continua sendo a tarefa mais urgente de cada militante e de cada seção da Corrente Marxista Internacional, a CMI, em todo mundo.

Uma nova Internacional Comunista é uma necessidade de sobrevivência da classe trabalhadora e da espécie humana. Esperamos que essa revista ajude nessa tarefa e seja uma leitura agradável.



Lenin, em 1920, durante o segundo Congresso da Internaciona Comunista

Índice

- 05 **Há cem anos foi fundada a Internacional Comunista (Sobre os 4 primeiros congressos da IC)**
Mathias Rakosi
- 17 **A Espanha na década de 1970: como se traiu a revolução (1ª parte)**
Alan Woods
- 25 **Os bolcheviques e a juventude (1ª parte)**
Evandro Colzani
- 33 **A longa caminhada do Movimento Negro pela emancipação e o combate do MNS**
Roque Ferreira
- 40 **100 anos do assassinato de Rosa Luxemburgo Uma homenagem à luta pelo socialismo**
Maritania Camargo
- 45 **Depois de Engels, onde está o enfoque histórico nas ciências?**
Eric Lerner
- 50 **Sindicalismo e comunismo**
Leon Trotsky

Contato com a Corrente Marxista Internacional (CMI) nas Américas

CANADÁ

Fightback
fightback@marxist.ca
www.marxist.ca

Québec
La Riposte
lariposte@marxiste.qc.ca

ESTADOS UNIDOS

Workers International League
www.socialistappeal.org

MÉXICO

La Izquierda Socialista
www.laizquierdasocialista.org
laizquierdasocialista.org@gmail.com
facebook.com/laizquierdasocialista

EL SALVADOR

Bloque Popular Juvenil
www.bloquepopularjuvenil.org
redaccion@bloquepopularjuvenil.org

REPÚBLICA DOMINICANA

cmi.dominicana@gmail.com

NICARÁGUA

vanguardiamarxistanicaraguense@gmail.com

HONDURAS

izquierdamarxista.hn@gmail.com

VENEZUELA

Lucha de Clases
www.luchadeclasses.org.ve
cmi.venezuela@gmail.com

COLÔMBIA

colombiamarxista@gmail.com

ARGENTINA

Corriente Socialista El Militante
www.argentina.elmilitante.org
elmilitante.argentina@gmail.com

BRASIL

Esquerda Marxista
www.marxismo.org.br
contato@marxismo.org.br
facebook.com/EsquerdaMarxista

INTERNACIONAL

www.marxist.com/es
contacto@marxist.com

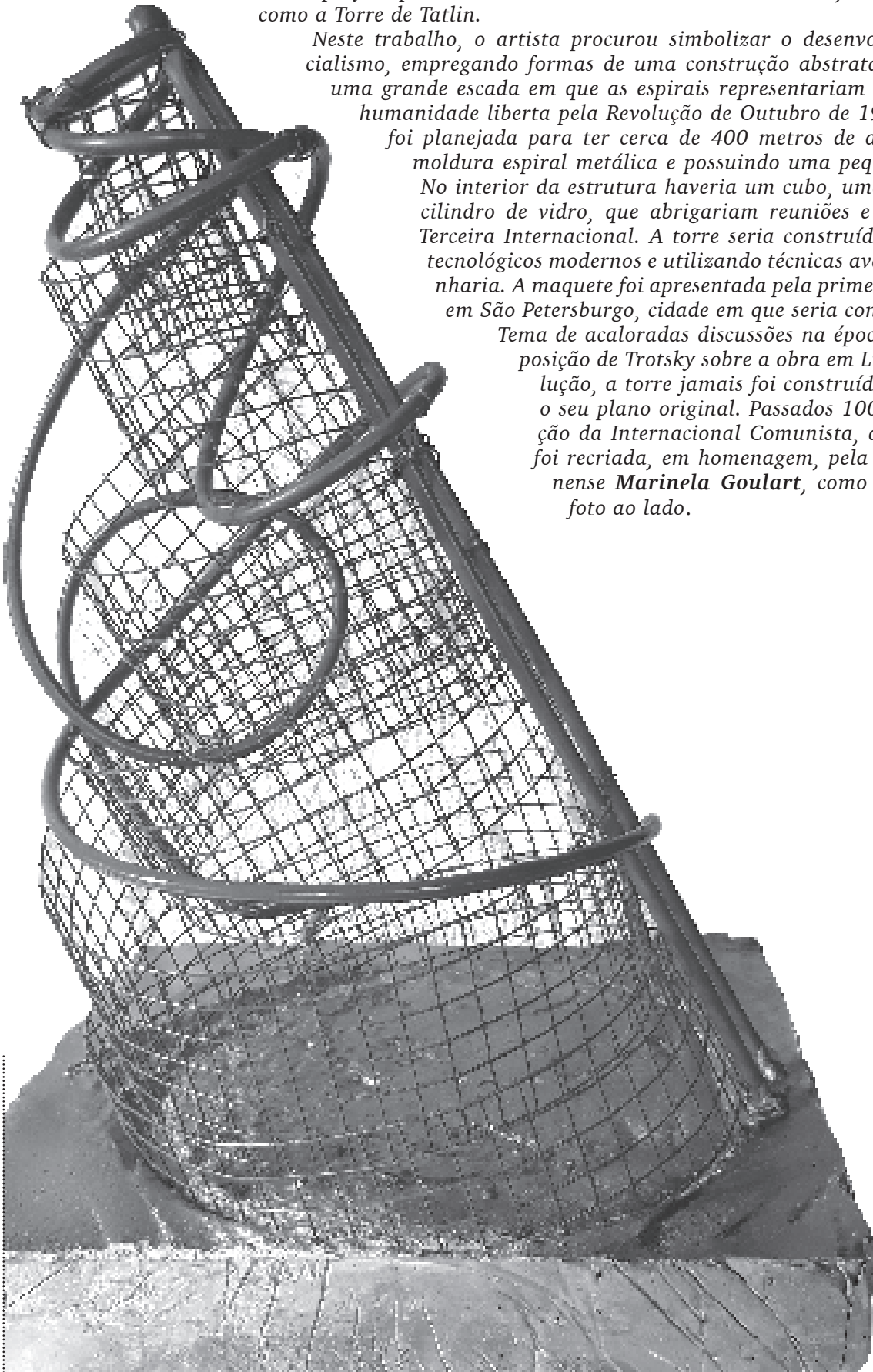


Monumento à Terceira Internacional

No ano de 1919, o pintor, escultor e arquiteto soviético Vladimir Tatlin iniciou seu projeto para o Monumento à Terceira Internacional, também conhecido como a Torre de Tatlin.

Neste trabalho, o artista procurou simbolizar o desenvolvimento do socialismo, empregando formas de uma construção abstrata, pensada como uma grande escada em que as espirais representariam o movimento da humanidade liberta pela Revolução de Outubro de 1917. A estrutura foi planejada para ter cerca de 400 metros de altura, com uma moldura espiral metálica e possuindo uma pequena inclinação. No interior da estrutura haveria um cubo, uma pirâmide e um cilindro de vidro, que abrigariam reuniões e conferências da Terceira Internacional. A torre seria construída com materiais tecnológicos modernos e utilizando técnicas avançadas de engenharia. A maquete foi apresentada pela primeira vez em 1920, em São Petersburgo, cidade em que seria construída.

Tema de acaloradas discussões na época, inclusive com posição de Trotsky sobre a obra em *Literatura e Revolução*, a torre jamais foi construída de acordo com o seu plano original. Passados 100 anos da fundação da Internacional Comunista, a Torre de Tatlin foi recriada, em homenagem, pela artista catariense **Marinela Goulart**, como podemos ver na foto ao lado.



Há cem anos foi fundada a Internacional Comunista

(Sobre os 4 primeiros congressos da IC)

Mathias Rakosi

Este ano, 2019, comemoramos 100 anos da fundação da 3ª Internacional, a Internacional Comunista. Seus quatro primeiros congressos constituem uma base teórica e política fundamental para o desenvolvimento da luta pela revolução proletária no mundo, hoje.

Estes quatro congressos, sob a direção de Lenin e Trotsky, são, de fato, a base do programa e da ação proletária, marxista, na época do imperialismo. Seus ensinamentos são insubstituíveis e tem uma atualidade impressionante. A importância da revolução russa e da Internacional Comunista no mundo é incontestável e seus objetivos, bases teóricas e políticas, seus métodos e ensinamentos são o ponto de partida para a reconstrução/construção de uma verdadeira Internacional digna deste nome, e tão necessária hoje em dia.

O período histórico aberto pela revolução russa e que tem sua continuidade internacional organizada na fundação da Internacional Comunista, este período histórico continua aberto. A tarefa dos revolucionários marxistas é retomar o fio de continuidade entre as massas proletárias e concluir o trabalho em escala de toda humanidade, encerrando a pré-história humana, pondo fim ao regime da propriedade privada dos meios de produção e abrindo uma época de primavera para todo o futuro da espécie humana.

Afim de dar uma visão geral dos primeiros desenvolvimentos da Internacional Comunista, a Liga Comunista Internacionalista (LCI), sucessora da Oposição de Esquerda, publicou, em 1934, um relato feito por Mathias Rakosi, militante húngaro (Que viria a se transformar no chefe estalinista do Estado operário húngaro, burocrático desde seu nascimento) na época trabalhando no Comitê Executivo Internacional da IC e publicado na véspera do 4º Congresso Mundial, no Anuário de Trabalho, em 1923.

Este relato, que de forma alguma substitui a leitura atenta e o estudo do conjunto dos documentos dos 4 primeiros Congressos, dá uma visão geral do quadro e em que situação cada uma das resoluções foi adotada.

Serge Goulart



Lenin discursa no segundo Congresso da Internaciona Comunista

A 3ª INTERNACIONAL COMUNISTA

A 2ª Internacional tinha que se provar no momento da guerra imperialista. Ela foi intelectualmente preparada. Tínhamos antecipadamente analisado com muita precisão o caráter da guerra. Em várias ocasiões, os Congressos Internacionais decidiram liderar a luta mais enérgica e até mesmo empregar a guerra contra a guerra inclusive com a greve geral Internacional.

Quando a guerra estourou, aconteceu o contrário. A 2ª Internacional não foi mesmo capaz de um protesto. Em vez de declarar contra a guerra imperialista a greve geral Internacional seus líderes socialdemocratas se apressam em apoiar a sua própria burguesia, sob pretexto da defesa nacional. Todos estavam devorados pelo oportunismo e chauvinismo, ligados por mil laços com a burguesia. Naturalmente a 2ª Internacional não podia ser diferente dos partidos que a compunham. Frases revolucionárias só poderiam mascarar a realidade enquanto o tempo não tivesse chegado, onde a adaptação das palavras às ações seria necessária. É por isso que o início da 1ª Guerra Mundial marca o colapso da 2ª Internacional.

Isso fez com que o movimento operário internacional fosse privado de sua direção precisamente em um momento de maior inquietação intelectual e moral. Os poucos homens que, mesmo no meio da vaga oportunista e chauvinista que apareceu em agosto de 1914, se sustentaram com todo o seu cérebro, não perderam a cabeça, tentaram imediatamente fazer entender esse fato pelos trabalhadores. Estes foram particularmente, certamente, os bolcheviques russos que em sua luta incansável contra o czarismo durante 1905-1906 já tinha aprendido a distinguir entre as palavras e ações e revolucionárias e que tinham sido uma esquerda na 2ª Internacional, a quem eles criticavam a ação. No primeiro número de seu órgão central, que apareceu 1º no-



vembro de 1914, o camarada Lenin escreveu:

“A 2ª Internacional está morta, vencida pelo oportunismo. Abaixo o oportunismo e viva a 3ª Internacional, desembaraçada dos renegados e também do oportunismo!”

“A 2ª Internacional fez um trabalho útil de organizar massas proletárias durante o longo “período pacífico” da pior escravidão capitalista no último terço do século 19 e início do século 20. A tarefa da 3ª Internacional será preparar o proletariado para a luta revolucionária contra os governos capitalistas, a guerra civil contra a burguesia de todos os países com objetivo de tomar os poderes públicos e da vitória de socialismo.”

Algumas semanas depois, o camarada Zinoviev escreveu sobre “o slogan da social-democracia revolucionária”:

“Nós devemos levantar o estandarte da guerra civil. A Internacional adotará essa palavra de ordem e ela será digna de seu nome ou ela vegetará miseravelmente. Nosso dever é de nos preparar para as batalhas que vêm e de nos habituar nós mesmos e todo o movimento operário a esta ideia; ou nós morreremos e não venceremos sob a bandeira da guerra civil.”

A disseminação de tais ideias se deparou com imensas dificuldades. A burguesia de todos os países, ajudada pelos sociais-patriotas, empregou todos os meios para impedir que essas ideias penetrassem entre as massas.

A primeira tentativa de reconstituir uma Internacional revolucionária ocorreu no início de setembro de 1915 em Zimmerwald, na Suíça. Por iniciativa dos socialistas italianos foram convidadas “todas as organizações operárias que se mantiveram fiéis ao princípio da luta de classes e da solidariedade Internacional”. Estavam presentes delegados da Alemanha, França, Itália, Balcãs, de Suécia, Noruega, Polônia, Rússia, Holanda e Suíça. Todas as tendências estavam representadas, dos reformistas pacifistas aos revolucionários marxistas. A Conferência aprovou um manifesto fulminante contra a guerra imperialista e recomendando o exemplo de todos aqueles que foram perseguidos por tentar despertar o espírito revolucionário na classe operária. Embora confuso, este manifesto marcou um grande passo em frente. O grupo chamado de Esquerda de Zimmerwald distribuiu uma reso-

lução muito mais clara e mais direta. Esta resolução continha a seguinte passagem:

“Recusa de créditos de guerra, saída de ministros socialistas dos governos burgueses. Necessidade de desmascarar o caráter imperialista desta guerra do alto da tribuna parlamentar, nas colunas da imprensa legal e, se necessário, nas ilegais, organizações de eventos contra os governos, propaganda em favor da solidariedade Internacional, proteção das greves econômicas ao mesmo tempo tentando transformá-los em greves políticas, civil, e não paz social.”

A rejeição desta solução pela Conferência caracteriza suficientemente o estado de espírito daqueles que participaram dela. A Conferência nomeou um “Comissão Socialista Internacional”. Apesar da declaração formal de maioria na Conferência, dizendo não querer criar uma 3ª Internacional, a Comissão tornou-se, por sua oposição à “Bureau Internacional Socialista” (Órgão Executivo da 2ª Internacional), o ponto de oposição, de realinhamento e organizador da nova Internacional.

A Conferência de Zimmerwald foi seguida pela Conferência de Kienthal, em abril de 1916. O que caracteriza esta 2ª conferência foi o fato que a ideia da luta revolucionária Internacional contra a guerra, e conseqüentemente, a necessidade de uma nova Internacional apareceu mais e mais em primeiro plano. A influência de Esquerda de Zimmerwald aumentou. Se trabalha com zelo. Brochuras foram impressas, folhetos enviados a diferentes países a um custo de grandes dificuldades. Pequenas entrevistas e conferências foram realizadas, que continuaram a ampliar a ideia de luta de classes revolucionária.

Quando a revolução eclode na Rússia os elementos mais ativos da “Esquerda de Zimmerwald” retornam à Rússia. Assim, o centro da luta pela 3ª Internacional foi transportado para a Rússia. É por isso

que Zinoviev estava certo em escrever:

“Desde o seu nascimento, a Terceira Internacional amarrava seu destino ao da Revolução Russa. Na medida em que esta triunfou, a palavra de ordem: “Pela 3ª Internacional” prevaleceu. E, na medida em que a Revolução Russa é reforçada, também se reforça a situação da Internacional Comunista em todo o mundo.”

Durante as manifestações de 1º de maio de 1917, um dos principais slogans das massas proletárias era a edificação da Internacional Comunista. Este desejo tornou-se ainda mais ardente quando o proletariado russo conquistou o poder e que na luta contra o Imperialismo mundial e a 2ª Internacional – assim como contra a Primeira Guerra Mundial - colocou de lado a burguesia.

Poucos meses depois da queda das Potências Centrais, o Partido Comunista russo tomou a iniciativa de fundar a 3ª Internacional. As revoluções que se seguiram à guerra mostraram a falência da “Defesa Nacional” e dos seus apoiadores, os socialdemocratas. Uma poderosa onda revolucionária passou sobre a classe trabalhadora de todos os países. Na Europa Central insurreições operárias apareceram por todos os lados. Não só o terreno estava suficientemente maduro para a constituição da Internacional Comunista, mas ela se tornara uma necessidade para a preparação e organização das lutas revolucionárias.

O PRIMEIRO CONGRESSO - MARÇO DE 1919

Em 24 de janeiro de 1919, o Comitê Central do Partido Comunista Russo e os Birôs no estrangeiro dos partidos comunistas polonês, húngaro, alemão, austríaco, da Letônia e o Comitê Central do Partido Comunista Finlandês, da Federação Socialista dos Balcãs e do Socialist Workers Party norte-americano, lançaram o seguinte apelo:

“As partidos e organizações signatárias consideram como uma necessidade Imperiosa a reunião do primeiro congresso da nova Internacional revolucionária. Durante a guerra a Revolução se manifesta não só na falência completa dos antigos partidos socialistas e socialdemocratas e com eles da 2ª Internacional, mas também a incapacidade dos elementos centristas da velha socialdemocracia para a ação revolucionária. Ao mesmo tempo, os contornos de uma verdadeira Internacional revolucionária são claramente delineados.”

O apelo descreve em 12 pontos o objetivo, a tática e a conduta dos partidos socialistas considerando que na época atual isto significa a época da decomposição e o colapso do sistema capitalista, que é ao mesmo tempo, o colapso da cultura europeia, se não é suprimido o capitalismo. A tarefa do proletariado é a conquista imediata dos poderes públicos. Esta conquista do poder público consiste na destruição do aparelho de estado burguês e na organização do aparelho de estado proletário. O novo aparelho deve encarnar a ditadura da classe operária e servir de instrumento de opressão sistemática e de expropriação da classe exploradora. O Estado Proletário não é a democracia burguesa, máscara sob a qual se esconde a dominação da oligarquia financeira, mas a democracia proletária sob a forma dos Conselhos. Para assegurar a expropriação do solo e dos meios de produção, que devem passar para as mãos do povo inteiro, é preciso desarmar a burguesia e armar a classe operária. O método principal da luta é a ação das massas revolucionárias até a insurreição armada contra o estado burguês.

No que concerne a atitude dos socialistas, três grupos deviam ser considerados. Contra os social-patriotas que combatem ao lado da burguesia, é preciso um combate sem piedade. Os elementos revolucionários do Centro deverão ser cindidos, os seus chefes criticados



Festival do Segundo Congresso da Comintern na pra Uritsky, por Boris Kustodiyev, 1921

incessantemente e desmascarados. Em um certo momento deste desenvolvimento uma separação orgânica com os centristas se impõe. Um terceiro grupo composto dos elementos revolucionários do movimento operário deverá ser constituído. Seguiu uma enumeração de 39 partidos e organizações convidadas ao primeiro congresso. A tarefa do congresso consiste na “criação de um organismo de combate encarregado de coordenar e de dirigir a Internacional Comunista e de realizar a subordinação dos interesses do movimento dos diversos países aos interesses gerais da revolução Internacional”.

O primeiro congresso aconteceu em março de 1919. Nessa época a Rússia dos Conselhos estava completamente bloqueada, cercada de todos os lados por frentes militares, de modo que um pequeno número somente de delegados, ao preço das maiores faculdades, conseguiu chegar ao congresso. Sobre a constituição das delegações o camarada Zinoviev em seu informe, no segundo congresso, escreveu o que segue:

“O movimento comunista dos diversos países da Europa e da América, nesta época, não estava além do seu começo. Era a tarefa do primeiro congresso da Internacional Comunista desfraldar

o estandarte comunista e de proclamar a ideia da Internacional Comunista. Mas nem a situação geral dos partidos comunistas dos diferentes países nem o número de delegados ao primeiro congresso permitiu discutir a fundo as questões práticas de organização da Internacional Comunista”.

O congresso ouviu os informes dos delegados sobre a situação do movimento em seus países e adotou resoluções sobre as diretivas da Internacional Comunista, sobre a democracia burguesa e a ditadura proletária, sobre as posições em relação às correntes socialistas, sobre a situação Internacional: elas eram todas redigidas no espírito do apelo da fundação da Internacional Comunista. A fundação da Internacional Comunista foi aprovada por unanimidade, menos 5 abstenções. Se deixou para o segundo congresso a tarefa da constituição definitiva da Internacional Comunista, cuja direção foi confiada a um Comitê Executivo, no qual estavam representados o partido russo, alemão, húngaro, a Federação balcânica, o partido suíço e o escandinavo. O congresso termina com um Manifesto ao proletariado do mundo inteiro.

Durante o primeiro ano o Comitê Executivo da Internacional Comunista teve um trabalho difícil

a realizar. Praticamente cortado de relações com a Europa ocidental ele teve meses inteiros sem jornais e privado da maior parte dos seus membros, que não podiam se reunir por causa do bloqueio. Entretanto, não deixou de tomar posição sobre todas as questões importantes, precisamente no primeiro ano após a guerra onde havia tanta falta de clareza: os apelos e escritos do Comitê Executivo tiveram um valor extremamente preciosos.

A criação da Internacional Comunista dava um objetivo e uma direção para as massas operárias opostas a política da 2ª Internacional e se produzia um verdadeiro afluxo de operários revolucionários em direção à Internacional Comunista. Em março de 1919, o Partido Socialista Italiano envia sua adesão, em maio é a vez do Partido Operário da Noruega e do Partido Socialista Búlgaro, em junho do Partido Socialista da Esquerda Sueca e do Partido Socialista Comunista Húngaro, etc. Ao mesmo tempo a 2ª Internacional se esvaziava rapidamente de efetivos, um após o outro seus partidos mais importantes a deixam. Se durante a sua Fundação a Internacional Comunista não era mais que uma bandeira de um exército, ela havia, no curso do seu primeiro ano de existência, não somente reunido

um exército em torno de sua bandeira, mas infringido graves derrotas seu adversário.

O SEGUNDO CONGRESSO - JULHO DE 1920

Novos problemas aparecem com o progresso da Internacional Comunista. Partidos que vinham aderindo não estavam suficientemente formados. Ainda não existia suficiente clareza sobre o partido, sobre o papel dos comunistas nos sindicatos e sobre sua atitude em relação à questão do parlamentarismo e outras questões. Era tarefa do segundo congresso fixar as diretrizes.

De todos os países chegaram delegados. O congresso se abriu em Petrogrado, em 17 de julho 1920, sob aclamação dos operários russos e em meio a atenção do mundo proletário inteiro. Se adotam as resoluções da Internacional Comunista, resoluções onde a noção de Ditadura do Proletariado e do Poder dos Conselhos era esclarecida sobre a base da experiência prática, assim como as condições de aplicação desta palavra de ordem. Se buscavam os meios de reforçar o movimento comunista. Foram adotadas resoluções sobre o papel do partido na Revolução Proletária. O Partido Comunista deve constituir a vanguarda mais consciente e a mais revolucionária da classe operária. Ele deve ser constituído sobre a base do princípio da centralização e, em todas as organizações, constituir núcleos submetidos à disciplina do partido.

No que concerne aos sindicatos "Os Comunistas devem entrar para organizar formações de combate contra o capitalismo e escolas de comunistas". A saída dos comunistas dos sindicatos resulta em entregar as massas aos chefes oportunistas que trabalham com a burguesia. Outras resoluções foram adotadas sobre a questão dos Conselhos Operários e dos Conselhos de Fábrica, sobre o parlamentarismo, sobre a questão agrária e

colonial. Por fim se adotam os estatutos da Internacional Comunista.

Grandes debates tiveram lugar sobre a questão do papel do partido, sobre atividade dos comunistas nos sindicatos e a participação nas eleições. Os oportunistas atacaram com violência as 21 condições de adesão e Internacional Comunista. O combate heroico do proletariado russo, a bancarrota da burguesia e de seu aliado, a 2ª Internacional, as palavras de ordem e os apelos revolucionários da Internacional Comunista conduziam uma massa de chefes, obrigados a ceder à pressão das massas operárias. Eles eram devotados de alma à 2ª Internacional e só entravam na Internacional Comunista para não perder sua influência sobre as massas. Mesmo a Internacional Comunista sendo já uma organização possante e experimentada, a entrada desses elementos oportunistas trazia o perigo de fazer penetrar no seio da Internacional Comunista o espírito da 2ª Internacional. Ora, a Internacional Comunista sendo composta de partidos ainda em vias de formação tinha uma necessidade imperiosa de manter fora estes elementos. É isso que explica as 21 condições de adesão.

Estas condições exigiam de cada partido que desejava aderir à Internacional Comunista que sua propaganda e sua agitação tivessem em caráter comunista. A imprensa devia ser completamente submetida ao comitê central do partido. Os reformistas deveriam ser desligados de todos os postos responsáveis. O partido devia possuir um aparelho ilegal e fazer uma propaganda sistemática no exército e no campo. Ele devia levar uma luta enérgica contra os reformistas e os centristas. Nos sindicatos ele devia lutar contra Internacional Sindical de Amsterdã. O partido deveria ser severamente centralizado e ter o nome de Partido Comunista (seção da Internacional Comunista). Todos os partidos que pertencem a Internacional Comunista, ou que desejam entrar, devem no máximo

em quatro meses após o segundo congresso, examinar estas condições em um congresso extraordinário e desligar do partido todos aqueles membros que recusem estas condições.

O congresso termina em 7 de agosto. Em setembro o partido socialdemocrata da Tchecoslováquia se divide: uma maioria esmagadora adota as 21 condições e se constitui mais tarde em partido comunista. No mês de outubro, no congresso de Halle, a maioria do Partido Socialdemocrata Independente da Alemanha se pronuncia pela adesão à Internacional Comunista. Em dezembro a fusão da Esquerda do Partido Socialdemocrata Independente com o K.P.D., o grupo espartaquista, cria um grande Partido Comunista Unificado da Alemanha. Em fim de dezembro a imensa maioria do Partido Socialista Francês adere à Internacional Comunista. No mês de janeiro de 1921, uma cisão se produz no seio do Partido Socialista Italiano, que já pertencia então a Internacional Comunista, mas cuja maioria reformista recusava as 21 condições. Em todos os países do mundo, onde existiam organizações operárias, o mesmo processo se produzia: Os Comunistas se separam dos reformistas e se constituem em seção da Internacional Comunista.

Paralelamente ao progresso e ao reforço da Internacional Comunista, se produzia a decomposição da 2ª Internacional. Toda uma série de partidos que saíram da 2ª Internacional e se recusaram a entrar na Internacional Comunista, constituíram uma "União Internacional de Partidos Socialistas", comumente apelidada de Internacional 2 e 1/2, porque em todas as questões eles oscilavam entre a 2ª e a terceira Internacional.

O TERCEIRO CONGRESSO - JUNHO DE 1921

O terceiro Congresso da Internacional Comunista teve que resolver novas tarefas. Elas eram

determinadas, em parte, pelo fato de que a Internacional Comunista compreendia já mais de 50 sessões, entre as quais grandes partidos de massa nos países europeus os mais importantes, o que fazia surgir questões de tática e de organização, mas sobretudo pelo fato que o desenvolvimento da revolução e o colapso do capitalismo sentiam certo abrandamento, que não se havia podido prever na época do primeiro ou do segundo congresso.

Após o colapso das potências centrais, a vaga revolucionária era monstruosamente forte e se tinha a impressão de que revoluções proletárias seguiriam imediatamente as revoluções burguesas. Na Hungria e na Baviera, o proletariado conseguiu por algum tempo tomar o poder; e mesmo após a derrota das repúblicas soviéticas da Hungria e da Baviera a esperança de uma vitória rápida da classe operária não havia desaparecido. Quem não se lembra da época onde o exército vermelho estava diante de Varsóvia e onde o proletariado inteiro se preparava febrilmente para novas lutas.

Mas a burguesia se mostrou mais capaz de resistência do que se havia acreditado. Sua força consiste em primeiro lugar no fato que o social-traidores, que durante a guerra se bateram tão heroicamente contra o proletariado, se revelaram, mesmo após a guerra, como os melhores apoiadores do capitalismo abalado. Em todos os países onde a burguesia não podia mais continuar controlando a situação ela entregava o poder aos socialdemocratas. Foram esses governos socialdemocratas, com Noske e Ebert na Alemanha, Renner e Otto Bauer na Áustria, com Tusar na Tchecoslováquia, com Bom e Garami na Hungria, que dirigiram os negócios da burguesia durante o período revolucionário, que esmagaram em sangue as tentativas de liberação do proletariado.

A prosperidade aparente que se seguiu imediatamente após a guerra, permitindo aos capitalis-

tas ocupar os soldados desmobilizados, constituía igualmente num obstáculo a revolução. A burguesia conseguiu acalmar os operários com trabalho e concedendo subvenções. A isto se somou um fenômeno psicológico importante, a saber a fadiga das largas massas da classe operária que apenas saíam dos sofrimentos e das privações sentidas durante os quatro anos da guerra imperialista. Enfim, os partidos comunistas a quem incumbia a tarefa de dirigir e coordenar a luta do proletariado, estavam ainda em vias de formação e adotavam seguidamente falsos métodos de combate.

Estas circunstâncias permitiram a burguesia reunir lentamente suas forças, reconquistar segurança e retomar uma parte das posições perdidas. Quando a burguesia não teve mais necessidade deles, ela expulsa os socialistas do governo em todos os países em que eles



participavam, e os capitalistas retomam eles mesmos a direção dos seus negócios. Eles criaram organizações militares ilegais, armaram a parte consciente da burguesia e passaram ao ataque contra a classe operária.

Ao mesmo tempo, a situação econômica tinha igualmente sentido profundas transformações. Na primavera de 1920, uma crise aparece no Japão e na América, que se estende pouco a pouco a todas as nações industriais. O consumo diminuía rapidamente, a produção se reduzia, centenas de milhares, milhões de operários foram lançados na rua. Os empregos diminuíram rapidamente, a produção encolheu. As lutas defensivas dos operários tomaram grandes dimensões, mas terminaram em derrotas, o que reforçou a situação da burguesia.

Tal era a situação quando se abre o terceiro congresso da Internacional Comunista. O congresso examina em primeiro lugar a situação da economia mundial e aborda, em seguida, a questão da tática necessária para a nova situação. A burguesia se reforça, assim como seus servidores, os socialdemocratas. A época de vitórias fáceis levadas pela Internacional Comunista, no curso dos anos que se seguiram imediatamente após a guerra, era o passado. Esperando por novos combates revolucionários, nós devíamos reconstruir e reforçar nossas organizações e conquistar posições dos reformistas no trabalho firme no seio das organizações operárias. As ocupações de fábrica na Itália, a greve de dezembro na Checoslováquia, a insurreição de março na Alemanha, mostraram que os partidos comunistas, mesmo quando combatem abertamente pelos interesses do proletariado inteiro, não podiam chegar a vencer as forças unidas da burguesia e da socialdemocracia, mesmo que eles tivessem a simpatia das largas massas, mas apenas quando eles englobasse essas massas no seio de suas organizações, arrancando-as

das diversas outras organizações. É por isso que o congresso lança a palavra de ordem “Ir às massas!”

Na Europa ocidental, os partidos comunistas devem fazer tudo que for possível a fim de obrigar os sindicatos e os partidos que se apoiam na classe operária para uma ação comum em favor dos interesses imediatos da classe trabalhadora, ao mesmo tempo que preparam a classe trabalhadora para a possibilidade de traição destes partidos não comunistas.

Uma certa oposição esquerdista se manifesta contra essa tática. O K.P.D. vê nessa tática um abandono da luta revolucionária e acusa a Internacional Comunista de fazer no terreno político o mesmo recuo que o poder dos soviets foi obrigado a fazer sobre o terreno econômico. Outros bons camaradas igualmente não compreenderam, no início, a necessidade desta tática.

Ao lado das questões de tática foram as questões de organização que retiveram a maior atenção. Com o objetivo da conquista dos sindicatos o Birô Sindical, organizado no segundo congresso, em colaboração com os sindicatos que aderiram no intervalo destes dois congressos, se constitui na Internacional Sindical Vermelha, se discute igualmente a questão da Internacional da Juventude e do Movimento de Mulheres, assim como o que concerne ao trabalho nas cooperativas e nas uniões esportivas operárias.

O congresso, em seguida, ouve um informe sobre a Rússia dos Soviets e aprova por unanimidade a tática empregada.

Grandes debates tiveram lugar sobre o informe de atividades do Comitê Executivo. Alguns camaradas não aprovavam a política do Comitê Executivo na questão italiana, no caso Levi e na questão do K.A.P.D., mas o congresso aprova em todas essas questões a atividade do Comitê Executivo. Os acontecimentos não fizeram mais que confirmar a justeza dessas decisões.

O congresso termina, em 12 de agosto, com a discussão da questão oriental.

Os meses que se seguiram foram relativamente calmos e deram aos diferentes partidos comunistas a possibilidade de aplicar as decisões do Terceiro Congresso. As organizações foram submetidas a um exame severo assim como a ligação entre as diferentes seções e o Comitê Executivo melhorou. No curso dos três anos de sua existência, a terceira Internacional se tornou uma organização mundial. A 2ª Internacional, por exemplo, não tem nenhum partido em países como França ou Itália; mas, ao contrário, não existe um país onde a fração mais consciente do proletariado, sem distinção de raça ou cor, não tenha construído uma seção da Internacional Comunista. Isso compreende cerca de 60 seções, com um efetivo total de cerca de 3 milhões de membros, e que possuem 700 jornais diários. A conquista de novas massas e posições prosseguem com sucesso. O Congresso dos trabalhadores do Extremo Oriente, que aconteceu em Moscou no mês de janeiro de 1922, estabeleceu a ligação da classe operária chinesa e japonesa com a Internacional Comunista.

A FRENTE ÚNICA

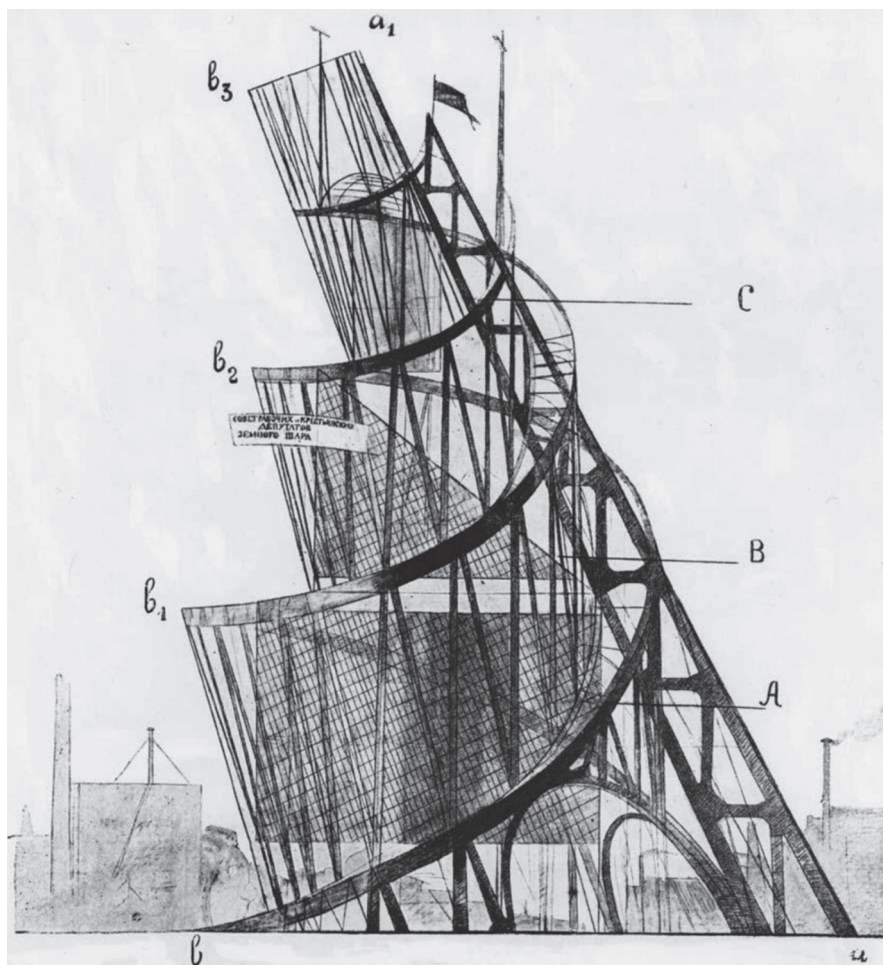
O terceiro Congresso se reuniu em uma época onde reinava uma grande depressão no seio da classe trabalhadora. As derrotas sentidas haviam desencorajado o proletariado. Esta situação se agrava ainda mais depois do congresso. Na Inglaterra, na América, na Itália, nos países neutros, os operários sofrem um desemprego permanente. A classe operária perdeu suas conquistas dos últimos anos. A jornada de trabalho foi prolongada, o nível de existência dos operários foi levado a um nível mais baixo que antes da guerra. Se em países como Alemanha, Áustria, Polônia, o desemprego é menor, a miséria da classe operária não é menos

dura, visto a diminuição constante dos salários reais causado pelo rebaixamento contínuo do valor de compra do dinheiro, o que põe os trabalhadores na impossibilidade de satisfazer suas necessidades, mesmo as mais elementares.

Esta situação era intolerável. Sob a pressão da miséria crescente, as massas começaram a buscar um remédio para esta situação. Elas compreenderam que os velhos métodos eram impotentes para obter qualquer coisa que fosse. As greves fracassam, e quando são vitoriosas, as vantagens eram logo anuladas pela depreciação do dinheiro. As massas viram que a classe operária estava dividida em diferentes partidos que se combatiam mutuamente, enquanto que a classe capitalista engajava contra ela uma ofensiva unificada. Nesta situação, a solução que se impunha era unificar as forças dispersas do proletariado para se opor ao ataque do capitalismo.

De que modo devia se realizar essa unificação das forças do proletariado? Embaixo, as massas operárias não tinham nenhuma ideia muito clara. Em todo caso, o fato que um movimento se produzia nesta direção, era uma prova de sua profundidade e de sua necessidade. Ele provava que as massas se desviavam inconscientemente da política reformista da 2ª Internacional e da Internacional Sindical de Amsterdã, e que, após tantos erros e derrotas, eles estavam enfim decididos a se engajar na via da unificação das forças do proletariado.

Isto significava o mesmo tempo uma mudança na apreciação do papel dos partidos comunistas e da Internacional Comunista. No curso dos anos 1918 e 1919, o proletariado foi vencido porque sua vanguarda, o Partido Comunista, representava mais uma tendência do que uma organização capaz de tomar a direção da luta de classes. A experiência da derrota obriga os comunistas a criar, por meio de células e de partidos Independentes,



Monumento à IC, por Vladimir Tatlin, conhecido como "A torre de Tatlin"

as organizações de combate necessárias. Este período de divisões coincidia com aquele onde a grande vaga revolucionária estava em vias de decréscimo e, ou, começava a contraofensiva do capitalismo. Mesmo se os socialdemocratas não tivessem sabido utilizar corretamente esta circunstância um descontentamento se teria produzido contra o "divisionismo", no seio das massas que não podiam compreender a necessidade dessa tática. As massas haviam também pouco compreendido as tentativas de levantes feitas pelos comunistas, quando estes últimos, frente a toda a classe operária — precisamente porque eles são a fração mais clarividente - propunham o emprego de métodos de combate mais enérgicos. Tanto a greve de dezembro, na Tchecoslováquia, como a ação de março, na Alemanha, ambas deveriam fracassar mesmo se elas ti-

vessem sido melhor conduzidas. As amplas massas não compreendiam então a necessidade de tal método de combate. Mas, a pressão da miséria lhes fez logo compreender a necessidade daquilo que eles consideravam antes como tentativas de golpes. O trabalho que os comunistas, na época da depressão, tinham feito sozinhos, ao preço de imensos sacrifícios, estava a dar seus frutos.

A isto se vinha juntar o fato que, na luta os operários não levavam mais em conta as fronteiras entre os partidos, por meio do que os socialdemocratas tentavam se afastar dos comunistas.

Os partidários de Amsterdam, os da 2ª Internacional e da Internacional 2 e 1/2, tentam explorar a nova corrente provocando um movimento em favor da unificação, contra os comunistas. Mas, a época onde estas manobras eram possíveis, quando os socialdemocratas

tinham em mãos todas as organizações operárias e toda a imprensa operária, havia passado. O Comitê Executivo da Internacional Comunista desmascara esse plano e engaja uma campanha "pela unidade do proletariado mundial, contra a união com os social-traidores". Na questão do socorro aos famintos e do socorro aos operários iugoslavos e espanhóis, ela se dirige à Internacional de Amsterdam, no início, sem nenhum sucesso. Quando os contornos da nova vaga se tornam mais claros e mais visíveis, o Comitê Executivo, após longas discussões, toma posição sobre a questão.

Nas resoluções sobre a Frente Única Operária e sobre as relações com os operários que pertencem à 2ª Internacional, à Internacional 2 e meio, à Internacional Sindical de Amsterdã e às organizações anarco-sindicalistas, se analisa a situação e se dá um objetivo claro e preciso aos esforços elementares em vista da Frente Única. A Frente Única não é outra coisa que a unidade de todos os operários decididos a lutar contra o capitalismo. Os comunistas devem sustentar essa palavra de ordem de maior unidade possível das organizações operárias em cada ação contra o capitalismo. Os líderes da 2ª Internacional assim como da Internacional 2 e meio e da Internacional Sindical de Amsterdam, traíram as massas operárias em todas as questões práticas da luta contra o capitalismo. Desta vez, também, eles preferem a unidade com a burguesia do que a unidade com o proletariado. É o dever da Internacional Comunista e de suas diferentes seções, persuadir desta vez, as massas operárias da hipocrisia dos social-traidores, que se revelaram destrutores da Frente Única da classe operária. Com este objetivo, a independência absoluta, a plena liberdade de crítica, são as condições principais dos partidos comunistas.

As resoluções insistem igualmente sobre os perigos que podem



nacer, no curso da aplicação dessa tática, ali onde os partidos comunistas não têm ainda clareza ideológica necessária e a homogeneidade indispensável.

As resoluções foram adotadas na metade do mês de dezembro. Em vista de uma decisão definitiva se convoca para Moscou uma reunião ampliada do Comitê Executivo para o início do próximo mês de fevereiro. Em um apelo, datado de 1º de janeiro de 1922, sobre a Frente Única Proletária, o Comitê Executivo mostra a necessidade da luta comum em relação com a conferência de Washington e a ofensiva geral do capitalismo contra a classe operária. As resoluções e o apelo do Comitê Executivo foram rapidamente distribuídos em todos os países, e foram objeto de longas

discussões nos partidos comunistas, e entre seus adversários, e contribuíram para esclarecer a questão da Frente Única.

Os social-traidores lançaram grandes gritos. Eles compreenderam que estavam colocados diante de uma questão que os obrigava a se desmascarar. Mas, sua indignação, sobre essa “nova manobra comunista”, não podia fazer desaparecer, nas massas, a impressão de que os comunistas, que eram chamados até aquele momento de “divisionistas”, eram, na verdade, os verdadeiros partidários de unidade do front proletário. A sessão do Comitê Executivo Ampliado, não se reuniu, por causa da greve dos ferroviários alemães, antes do final de fevereiro. Esse foi, na realidade, um pequeno congresso com-

posto de mais de 100 delegados representando 36 países. A ordem do dia era carregada: compreendia os informes dos partidos dos países mais importantes, as tarefas dos comunistas nos sindicatos, a questão da luta contra os perigos da Guerra, a questão da Nova Política Econômica da Rússia dos soviets, da luta contra a miséria da juventude operária. Mas, a questão principal era constituída pela questão da Frente Única e da participação na conferência comum proposta pela Internacional 2 e meio.

Os camaradas franceses e italianos se pronunciavam contra a Frente Única na forma como era apresentada pelas resoluções do Comitê Executivo. Os camaradas franceses exprimiram o temor de que as massas operárias francesas

não compreendessem uma ação comum dos comunistas com os dissidentes. Eles se declaram partidários da Frente Única dos operários revolucionários, e declaram que a atividade dos comunistas, na França, nas questões da jornada de 8 horas e dos Impostos sobre o salário, tendia a realizar o bloco dos operários revolucionários. O partido francês era ainda muito jovem e muito pouco capaz de manobrar. Ele era incapaz de levar uma ação comum com os socialistas dissidentes e os sindicatos reformistas do qual tinham acabado de se separar.

Os delegados de italianos se declaram partidários da unidade da frente sindical, mas adversários da unidade da frente política com os socialistas. Eles exprimem o ponto de vista de que as massas não compreenderiam uma ação comum de diferentes partidos operários, e que o verdadeiro terreno onde a Frente Única era possível era o sindicato, onde os comunistas e os socialistas estão juntos.

Todos os outros delegados presentes na conferência exprimiram um ponto de vista diferente. Apesar das traições inumeráveis dos líderes reformistas até o presente, eles têm conseguido manter sua influência sobre a maior parte das organizações operárias. E não seria repetindo ainda uma vez que eles são traidores que nós chegaremos a alinhar conosco os operários. Se trata agora, quando uma grande vontade de combate reina entre as massas, de lhes mostrar que os socialdemocratas não querem combater, não somente pelo socialismo, mas mesmo pelas reivindicações mais imediatas da classe operária. Até o presente momento nós não tínhamos ainda conseguido desmascará-los, em primeiro lugar, porque nós não tínhamos para isso os meios necessários, em seguida, porque a situação psicológica, a atmosfera graças a qual os operários compreendem as traições de que eles são objeto não estavam presentes. Nós temos, enfim, a ocasião de desmascara-los. É por isso que,

ao se recusar a lutar junto com os reformistas, porque eles não lutaram jamais seriamente contra a burguesia de quem eles são servidores, nós teríamos a aprovação dos camaradas que já sabem disso, mas não convenceremos um só dos operários que seguem ainda os reformistas. Ao contrário, recusando levar a luta em comum, em uma época em que as massas operárias a desejam, os comunistas dão aos social-traidores a oportunidade de apresentá-los como sabotadores da Frente Única do proletariado. Mas, se nós participamos na luta, as massas verão logo quem realmente luta contra a burguesia e quem não quer essa luta. Nossos camaradas, que nos viam no começo, com mau humor, porque nos sentamos na mesma mesa dos reformistas, compreenderão, no curso das negociações, que lá também nós fazemos o trabalho revolucionário.

Após que o Comitê Executivo Ampliado adotou por unanimidade dos votos, menos os votos dos camaradas franceses, italianos e espanhóis, as diretivas contidas nas resoluções, as delegações adversárias da Frente Única fizeram uma declaração prometendo se submeter.

O Comitê Executivo Ampliado decide aceitar o convite da Internacional de Viena, para participar de uma conferência Internacional, fazendo a proposição de convidar para conferência, não somente a Internacional Comunista, mas também a Internacional Vermelha dos Sindicatos, a Internacional Sindical de Amsterdam, as organizações anarco-sindicalistas e as organizações sindicais independentes, e colocar na ordem do dia desta conferência, ao lado da luta contra a ofensiva do capitalismo e contra a reação, a questão da luta contra novas guerras imperialistas, contra a tentativa de restaurar o capitalismo na Rússia dos soviets, das Reparações e do Tratado de Versalhes.

Após haver resolvido ainda outras questões, como aquelas da

imprensa comunista, da Oposição Operária do Partido Comunista Russo, etc., após haver procedido a eleição do presidente do Comitê Executivo, a conferência termina em 4 de março.

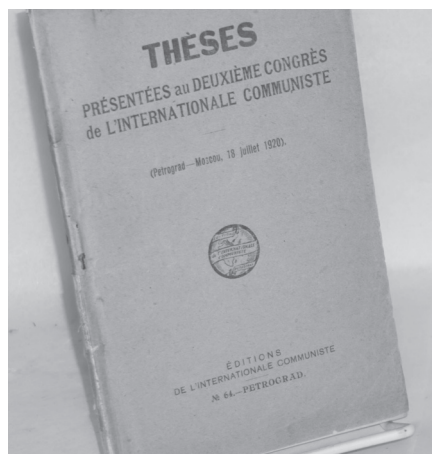
A CONFERÊNCIA PRELIMINAR DAS TRÊS INTERNACIONAIS

Em 2 de abril, houve a primeira sessão das delegações das três Internacionais, composta cada uma de 10 membros. Os representantes da 2ª Internacional tentaram imediatamente sabotar a conferência e explodir, no germe, a Frente Única. Eles puseram condições para a Internacional Comunista como a de garantias contra a política de “construir células” e se meteram a discutir a questão da Geórgia e a questão dos socialistas-revolucionários. Isso resultou numa situação tal que se podia temer que a conferência não teria como não se separar. Mas, graças a atitude enérgica dos Delegados da Internacional Comunista, que exigiram a Frente Única sem condições, os delegados da Internacional de Viena concordaram com estes pontos de vista, e isto obrigou os delegados da 2ª Internacional a recuar. Após quatro dias de negociações, se decide convocar, no prazo mais curto, uma conferência geral. Se nomeia uma Comissão, composta de três membros de cada Comitê Executivo, encarregada da preparação desta conferência. Aguardando a reunião desta conferência geral, se decide organizar manifestações comuns de todos os partidos aderentes às três Internacionais para o dia 20 de abril seguinte. E, em todos os lugares, onde isso não fosse tecnicamente possível, deveriam se realizar manifestações conjuntas no Primeiro de Maio, com as seguintes palavras de ordem:

- *pela jornada de 8 horas;*
- *pela luta contra o desemprego, provocado pela política de Reparações das potências capitalistas;*
- *pela ação unida do proletariado contra a ofensiva capitalista;*

- *pela Revolução Russa, pela Rússia faminta, pela retomada de relações políticas e econômicas com a Rússia;*

- *pelo restabelecimento da Frente Única proletária nacional e Internacional.*



Uma comissão de organização foi encarregada de contatar os representantes da Internacional Sindical de Amsterdam e da Internacional dos sindicatos vermelhos. Os delegados da Internacional Comunista fizeram uma declaração se comprometendo a que os processos dos socialistas-revolucionários russos teriam lugar com toda publicidade e que terminaria sem condenações à morte. A resolução constata ainda que a conferência geral não podia ser em abril porque a 2ª Internacional a postergava sobre diferentes pretextos e que ela também se recusava, igualmente, a inscrever na ordem do dia da conferência a questão do Tratado de Versalhes e sua revisão.

As manifestações de 20 de abril e do Primeiro de Maio, nas quais participam massas operárias imensas, mostraram que o proletariado estava decidido a lutar em comum pelas palavras de ordem que haviam sido lançadas. A 2ª Internacional e os partidos que a compõem tentaram, hoje como ontem, sabotar a Frente Única por todos os meios. Se recusaram a organizar as manifestações comuns, retardaram a execução das decisões tomadas e contribuem assim a se desmascarar

frente as massas.

É a tarefa da Internacional Comunista e de suas seleções nacionais demonstrar, por sua ação, que a luta contra a ofensiva capitalista, e contra o capitalismo em geral, não pode vencer a não ser sob a direção Internacional Comunista.

Como se esperava, a 2ª Internacional e Internacional de Viena fazem explodem a Comissão dos nove. Após ter chegado a impedir a reunião da comissão durante a conferência de Gênova, a fim de que a burguesia não fosse incomodada nas suas deliberações contra a Rússia, a primeira, e última, sessão da Comissão dos nove, teve lugar, em 23 de maio, em Berlim. Em 21 de maio, houve uma reunião do Labour Party, do Partido Operário Belga e do Partido Socialista Francês, no curso da qual havia sido decidido convocar uma conferência geral de todos os partidos socialistas, a exceção dos comunistas. Estava claro que a 2ª Internacional e a Internacional 2 e 1/2 tinham voltado ao seu projeto de Frente Única contra os comunistas. Apesar disso, a Internacional Comunista fez todo o possível para permitir a reunião de um congresso Internacional de todos os partidos socialistas. Para chegar aos objetivos de unidade da Frente Operária, a saber, a luta contra a ofensiva do Capital, o rebaixamento de salário, contra o desemprego, ela se declara pronta a tirar da Ordem do Dia a questão da Rússia dos Sovietes, já adotada na plataforma comum. Por outro lado, ela pediu uma resposta precisa sobre a questão de saber se a 2ª Internacional aceitava, sim ou não, o Congresso Operário Mundial. Colocado diante desta questão, a 2ª Internacional se revela adversária da Frente Única, assim como seu auxiliar voluntário, a Internacional de Viena. A comissão dos nove se separa.

A Internacional Comunista convoca então uma nova sessão do Comitê Executivo Ampliado. Este se reúne em 7 de junho e participaram representantes de 27 países.

A conferência discute a questão da tática a seguir, após os ensinamentos da primeira etapa da luta em favor da Frente Única, e a tática dos partidos cuja política não correspondia a política geral da Internacional Comunista, enfim a posição da Internacional Comunista em relação ao processo dos socialistas-revolucionários e a convocação do Congresso Mundial.

No que concerne a tática da Frente Única, a conferência constata que, malgrado o fracasso da Comissão dos nove, os postulados políticos e econômicos da tática da Frente Única subsistiam como antes e que, por consequência, a tática das diversas seções da Internacional Comunista devia consistir em estabelecer a unidade do front contra a ofensiva do Capital.

Os partidos francês, italiano e norueguês não tinham aplicado a tática da Frente Única a não ser com hesitação ou em parte. A conferência se ocupa em detalhe da situação desses partidos e exprimiu o desejo de que essa tática seja aplicada igualmente nestes países. No que concerne ao partido francês, constatando que a existência de uma direita oportunista importante fazia obstáculo à sua atividade e ao seu desenvolvimento, o executivo declara que o melhor meio de remediar a situação era a união do centro e da esquerda contra a direita. A conferência examina igualmente a situação do Partido Comunista Tcheco-eslovaco, onde apareciam os sintomas de uma crise próxima. Examina as razões de uma certa passividade da direção do partido e se fixam as instruções úteis para fazê-las desaparecer.

No que concerne ao processo dos S. R. se constata que, desde o momento que a 2ª Internacional e a Internacional de Viena tinham empreendido uma campanha contra a Internacional Comunista e a Rússia dos Sovietes e, que por outro lado, se tratava de um caso importante para Rússia dos Sovietes, avenida da revolução mundial, e a Internacional Comunista, esta

última devia participar ativamente do processo enviando acusadores, defensores, testemunhas e especialistas.

O QUARTO CONGRESSO - NOVEMBRO DE 1922

O quarto Congresso Mundial foi marcado para 7 de novembro de 1922, 5º aniversário da revolução proletária, com a seguinte ordem do dia:

- *Informe do Comitê Executivo Internacional;*
- *Tática da Internacional Comunista;*
- *Programa da Internacional Comunista e das seções alemã,*

francesa, italiana, checoslovaca, búlgara, norueguesa, americana e japonesa;

- *A questão agrária;*
- *A questão sindical;*
- *A educação;*
- *A questão da Juventude;*
- *A questão do Oriente.*

O principal trabalho do 4º congresso será sobre o ponto 3 da pauta. Em vista da preparação de um programa da Internacional Comunista, foi nomeada imediatamente uma comissão que fica igualmente encarregada de colaborar na redação dos programas das diferentes seções.

A conferência mostra o desenvolvimento e o reforço do movi-

mento comunista em todos os países. Um dos melhores sintomas disto é o nervosismo crescente dos partidários de Amsterdam, que vêm com temor o progresso da influência dos comunistas nos sindicatos. Muitos sinais mostram que eles estão, na hora atual, determinados a expulsar os comunistas dos sindicatos em todos os países, e que, com esse objetivo, eles não recuarão diante da cisão do movimento sindical. É por isso que a tarefa principal da Internacional Comunista, nos sindicatos, será desmascarar esta manobra e se opor a que os partidários de Amsterdam enfraqueçam o proletariado destruindo os sindicatos.



Lenin com delegados ao Congresso da Internacional Comunista

A Espanha na década de 1970: como se traiu a revolução (1ª parte)

Alan Woods

Em 6 de dezembro fez 40 anos desde que a Constituição espanhola foi aprovada depois de décadas de ditadura brutal sob Franco. Mas, como explica Alan Woods (testemunha desses acontecimentos históricos), a chamada Transição à Democracia foi uma traição colossal calculada pelos líderes da classe trabalhadora espanhola, que deixou intactos os principais pilares da antiga ordem reacionária.

O FRANQUISMO E A TRANSIÇÃO

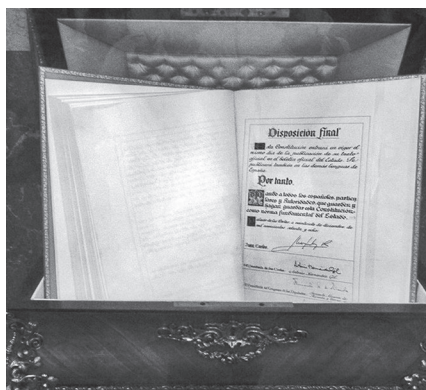
“Para que as coisas continuem igual, tudo deve mudar” (Il Gattopardo, de Giuseppe Tomasi di Lampedusa)

Durante as últimas quatro décadas, a Espanha sofreu uma espécie de amnésia nacional. Há interesses poderosos que desejam manter o passado da Espanha debaixo de chave. Mas a classe trabalhadora e todas as forças vivas no Estado espanhol exigem a verdade e não se conformarão com nada menos. O período conhecido como “transição democrática” foi uma gigantesca fraude.

A monarquia que Franco impôs arbitrariamente foi mantida, embora o sentimento esmagador da maioria fosse por uma república. A Guarda Civil e outros órgãos repressivos foram mantidos intactos.

Da noite para o dia, supunha-se que os espanhóis tinham que se esquecer do milhão de pessoas que morreram na Guerra Civil, dos milhares que pereceram nos cárceres de Franco ou da repressão violenta ao movimento dos trabalhadores durante décadas. Supunha-se que todos esses delitos deviam ser apagados da consciência comum como por artes de magia.

Nem uma só pessoa foi castigada pelos crimes da ditadura. Os assassinos e torturadores que haviam operado com impunidade sob o antigo regime permaneceram intocáveis da mesma forma sob a nova “democracia” e caminharam livremente pelas ruas onde podiam rir na cara de suas vítimas.



Constituição espanhola de 1978

Os livros de história foram reescritos de tal forma que parecia que nada disso tinha acontecido. As fossas comuns, onde se encontram milhares de cadáveres sem identificar, enterrados em campos de oliva, em passagens de montanhas e nas valas das estradas, deviam ser deixadas intactas para não impedir que os turistas admirassem a paisagem.

A LONGA NOITE

A repressão selvagem que começou na zona nacional durante a Guerra Civil continuou sem cessar depois da guerra. Os fascistas se vingaram terrivelmente dos trabalhadores. Republicanos, comunistas e socialistas foram presos e internados em campos de concentração e inumeráveis pessoas foram torturadas, assassinadas ou desaparecidas nos cárceres de Franco.

A cada ano, centenas foram executados por tribunais militares. Enquanto as execuções oficiais somam “só” 35 mil, alguns historiadores es-

timam que a cifra poderia estar mais próxima de 200 mil. A verdadeira quantidade provavelmente nunca será conhecida. O objetivo era aterrorizar a classe trabalhadora para submetê-la. Proibiram-se as greves, as manifestações e os sindicatos livres. O único “sindicato” era o “Sindicato Vertical” fascista, que acolhia tanto os trabalhadores quanto os chefes. O único partido político legal era o Movimento fascista.

Passou-se muito tempo antes que o proletariado pudesse se recuperar, mas o despertar gradual da classe trabalhadora já se anunciava nas greves heroicas na província vasca de Vizcaya, em 1947 e 1951, e em Barcelona em 1952. Mas as greves nas Astúrias, que começaram em 1962, marcaram uma mudança decisiva na situação. Entre 1964 e 1966, houve 171 mil dias de trabalho perdidos pelas greves. Entre 1967 e 1969, a cifra aumentou para 846 mil, e de 1973 a 1975 houve 1.548.000.

As *Comisiones Obreras*, um movimento operário opositor de base, surgiram dessas lutas para se converter na principal oposição ao “Sindicato” controlado pelo governo.

Os trabalhadores já estavam perdendo o medo ao regime. Em vez de atemorizar os trabalhadores, os atos de repressão só serviram para aumentar a sua ira, empurrando-os a uma luta maior e ainda mais radicalizada. A consciência dos trabalhadores espanhóis se elevava a passos agigantados. Estavam aprendendo rapidamente na escola da luta de classes. Não há escola melhor.



Assembleia das "Comisiones Obreras", 1976

DIVISÕES POR CIMA

Particpei de minha primeira manifestação do Primeiro de Maio na Espanha em 1973, em uma das cidades mais proletárias de Barcelona: LHospitalet. Os trabalhadores, em filas cerradas, encheram as ruas com estandartes, bandeiras e gritos de "Viva a classe trabalhadora!".

Que me lembre, a manifestação durou aproximadamente 10 minutos. O som das sirenes da polícia logo se ouviu acima dos cantos dos trabalhadores. A gente se dispersou rapidamente, correndo para as ruas laterais e bares para escapar dos porretes e do gás lacrimogêneo dos odiados cinzentos (a polícia).

A questão imediata era a democracia. Mas muita gente desejava ir mais além. Os trabalhadores avançados sentiam que o poder estava ao seu alcance. Sentiam instintivamente que a derrubada da ditadura franquista não era o final, mas o começo de uma transformação profunda da sociedade espanhola. O movimento começava a adquirir um caráter claramente anticapitalista. Isto se revelou de forma muito clara na greve geral em Vitoria, em março de 1976.

O espírito de rebelião era mais forte entre os jovens, como era de se esperar. Nas paredes de todos os povoados e cidades da Espanha apareceram grafites que denunciavam a ditadura em nome de uma ou outra das organizações revolucionárias e dos trabalhadores.

Lembro vivamente o estado de ânimo explosivo que existia nesse momento. Praticamente todas as paredes de Santa Coloma, a cidade proletária junto a Barcelona, onde comecei minha atividade clandestina em 1972, estavam cheias de grafites de diferentes grupos de esquerda: comunistas, maoístas, anarquistas e trotskistas.

A polícia tinha dificuldades ao tentar erradicar a voz da revolução expressada graficamente naquelas paredes. Alguns grafites eram encobertos com tinta, outros tinham as letras unidas de tal forma que tornava difícil ler as consignas. Mas foi tudo em vão. Já não era possível silenciar a voz da revolução dessa forma. As consignas apagadas em um dia reapareciam imediatamente na noite seguinte.

Praticamente todos os estratos da sociedade espanhola se opunham ao regime. Sob a influência

das greves operárias de massas, artistas, cantores, atores de teatro, diretores de cinema e dramaturgos entraram na luta contra a ditadura. Em um teatro de Madri, os atores interromperam uma atuação para anunciar que se uniam à greve e foram aplaudidos com entusiasmo pelo público.

Uma ativista, que era estudante de Sociologia na Universidade Complutense de Madri, lembra do estado de ânimo naquele momento:

"A universidade estava cheia de vida política irreprimível. Sempre havia discussões na cantina. Todos os dias, militantes de um grupo ou de outro entravam com um rolo de papel que desdobravam na parede com longas declarações, protestos, apelos ou manifestos que os estudantes liam interessados. Naturalmente, esses manifestos de papel não duravam muito. A polícia chegava rapidamente à cantina e os destruía. Mas no dia seguinte reapareceria outro cartaz, com as mesmas consequências. A polícia tentava estabelecer a identidade dos culpados, interrogando os membros do pessoal da cafeteria, que, a lhes dar crédito, nunca revelaram nomes. A polícia reprimia qualquer indício de protes-

to com a maior selvageria. Vi estudantes pular pelas janelas depois de quebrar os vidros em uma tentativa desesperada de escapar dos golpes brutais às mãos da polícia. A polícia havia bloqueado todas as entradas e a única forma de sair era atirando cadeiras para quebrar as janelas. Muitos estudantes terminaram feridos dessa forma, sofrendo cortes severos pelos fragmentos de vidro quebrado. Somente este fato mostra que a alternativa de cair nas mãos da polícia era, até mesmo, pior do que isto. A agitação revolucionária na sociedade espanhola encontrou sua expressão em profundas divisões por cima, que eram somente um reflexo distorcido das pressões colossais que se acumulavam por baixo. Alguns exigiam medidas de liberalização para evitar a revolução que se avizinhava, enquanto outros defendiam uma repressão ainda maior. Todos estavam conscientes das nuvens de tempestade no horizonte.”

A MORTE DE FRANCO

Na quinta-feira, 20 de novembro de 1975, as pessoas da Espanha ligaram o rádio e ouviram o som de uma música solene. Esse momento permanecerá para sempre em minha lembrança. Francisco Franco, o homem que havia tiranizado a Espanha durante 36 anos, estava morto.

O regime fez tentativas desesperadas para manter vivo o ditador de 82 anos, não por acreditar que pudessem ter êxito, mas pelo medo e pela incerteza sobre a agitação política que inevitavelmente se seguiria à morte de Franco. Mas, afinal, a natureza seguiu o seu curso. Nos bairros operários de Bilbao a Sevilha, em inumeráveis apartamentos e casas houve celebrações. E em questão de horas por toda a Espanha se esgotaram os estoques de champanhe.

A morte de Franco abriu as comportas através das quais os trabalhadores entraram em cena com uma vaga de greves e manifestações. A classe dominante agora en-

tendia que a mudança era inevitável se não quisesse ser atropelada pela maré da revolução.

Antes de morrer, Franco havia nomeado Carlos Arias Navarro, apelidado de “o Carniceiro de Málaga”, pelo papel que desempenhou na sangrenta repressão infligida à Málaga depois de Guerra Civil, como primeiro-ministro. De início, Arias tentou acabar com o movimento revolucionário através da repressão. Mas isto não conseguiu frear a maré revolucionária. No início de dezembro de 1975, 25 mil trabalhadores metalúrgicos já se haviam declarado em greve em Madri e as minas das Astúrias estavam paralisadas.



Francisco Franco

No início de janeiro de 1976, os trabalhadores do Metrô de Madri declararam-se em greve. Os acompanharam as greves de trabalhadores dos setores de correios e telecomunicações. As greves logo se espalharam à rede ferroviária (Renfe), aos taxistas e a centenas de outras empresas no cinturão industrial de Madri, o que obrigou o governo a chamar os militares para manter em funcionamento o metrô e os serviços postais.

Nesse mês se perderam cerca de 21 milhões de horas de trabalho devido às greves. Algumas das em-

presas mais importantes do país, como Ensidesa, Hunosa, Standard Eléctrica e Motor Ibérica, entre outras, estiveram em greve durante meses. Ao longo do mês de dezembro, estalou uma vaga de mobilizações exigindo uma anistia total para todos os presos políticos. Nas ruas se ouvia o grito de “Anistia e liberdade!”.

CHEGADA A MADRI

Em janeiro de 1976, eu vivia em Carabanchel, um bairro operário de Madri, onde havia uma prisão infame na qual estavam detidos opositores e dirigentes operários. Da janela, podíamos ver os altos muros de tijolos vermelhos, patrulhados por policiais armados. Em meu primeiro informe ao jornal *Militant*, escrevi:

“Praticamente todos os setores dos trabalhadores estiveram envolvidos nas disputas trabalhistas da primeira parte do mês: trabalhadores do metal, trabalhadores da construção, os ferroviários, os carteiros, os trabalhadores da central telefônica, dos bancos, do metrô, os trabalhadores do automóvel e inclusive os agentes de seguros. Começando com os trabalhadores industriais, alguns dos quais, como os da Standard Electric-ITT, estiveram em greve durante um mês, a vaga de greves se espalhou de imediato com o início do ano novo e todos os dias parecia que novas camadas da classe trabalhadora entravam no poderoso movimento, que literalmente acendeu uma fogueira debaixo do traseiro do novo governo. Junto aos 15 mil trabalhadores da Standard saíram 12 mil operários da Chrysler, 3 mil das indústrias das telecomunicações, 3.200 do metal da Getafe, 5 mil da Pégaso. O jornal *Informaciones de Madrid* (9 de janeiro) cifrava o número total de grevistas em 100 mil. As estimativas não-oficiais falavam do dobro desse número. Na realidade, Madri esteve muito próxima de uma situação de greve geral nestas poucas semanas. A principal empresa de telefonia permanece em greve até o momento de escrever

estas linhas. A uma tentativa de deter um dirigente dos trabalhadores da Telefônica, respondeu-se com uma greve imediata que logo assegurou sua libertação. Em geral, a maioria das empresas que não estiveram em greve realizaram paradas diárias durante um período de tempo determinado, normalmente duas horas. Há alguns dias, fui comprar selos de correio em uma barraca e perguntei ao homem que estava atrás do balcão onde estava a caixa postal mais próxima. 'Não se preocupe', assegurou-me, 'não vão ser enviadas'. Quando lhe perguntei a que se referia, quase gritou com uma alegria mal reprimida: 'PORQUE ESTÃO EM GREVE!'. E era verdade. Os carteiros haviam se unido ao movimento grevista. Em 14 de janeiro, as manchetes dos jornais de Madri estavam adornadas com a chamada: 'CORREIO MILITARIZADO'. No dia seguinte, os jornais publicavam notícias da prisão de oito empregados dos correios em cumprimento do decreto de militarização'. Este decreto significava que todos os trabalhadores dos correios, maiores de 18 anos, estavam sob o comando e a jurisdição militar. Da mesma forma que seus companheiros do Metrô, os carteiros foram obrigados a voltar a trabalhar. A atmosfera elétrica de Madri se concretizou em uma série de manifestações massivas nas quais as reivindicações salariais se misturavam com palavras de ordem políticas. A transição se tornou ainda mais fácil na Espanha na atualidade porque um dos primeiros atos do novo regime 'liberal' foi o de introduzir um congelamento salarial. 'Abaixo os máximos salariais!' e 'Abaixo a carestia da vida!' eram as palavras de ordem mais populares das manifestações, junto com 'Anistia!' e com a reivindicação de direitos democráticos."

MASSACRE EM VITORIA

Em todas as partes a luta estava acumulando um ímpeto irresistível. Alcançou seu ponto culminante em Vitoria no início do mês de março de 1976. Esta luta heroica

afetou todo o país, chegando até o coração do governo. Estive presente no momento mais crítico e o lembro como se fosse ontem.

Viajei para Vitoria em 2 de março em um automóvel cheio de jovens socialistas que estavam ativos na clandestinidade e mantinham contato com os trabalhadores em greve em Vitoria, transportando uma duplicadora para a UGT dessa cidade. Escapamos por pouco da prisão, havendo sido parados em um ponto de controle da polícia na entrada da cidade. Todo o lugar estava cheio de policiais armados, como se fossem uma força de ocupação em território inimigo.

O movimento de greve funcionava de forma extremamente democrática. A inovação mais importante foi a eleição de "Comissões Representativas" em cada fábrica. Estes órgãos de luta eram compostos pelos trabalhadores mais combativos, muitos deles com ideias revolucionárias, que proporcionaram uma liderança extremamente boa do princípio ao fim.

As comissões representativas eram responsáveis pela coordenação das lutas e pela negociação com os patrões. Os delegados eram responsáveis ante as assembleias e podiam ser revogados a qualquer momento. Por sua vez, os delegados às assembleias também eram revogáveis a qualquer momento.

Assisti a uma reunião massiva de grevistas e suas famílias. Era o mais próximo a um soviete que jamais havia visto. O estado de ânimo era arrebatador. Uma mulher disse: "Embora meus filhos só tenham pão para comer, devemos continuar a greve até o fim". Isso era típico do ambiente geral.

No dia seguinte, 3 de março, depois de 54 dias de greve ininterrupta, se fez um apelo a uma greve geral em todo o território de Vitoria. A greve foi observada pela totalidade da classe trabalhadora. Nessa noite, mais de 5 mil pessoas assistiram à assembleia geral na Igreja de San Francisco. Foi então quando ocorreu o desastre.

A polícia rodeou o edifício e disparou granadas de gás lacrimogêneo e bombas de fumaça que destruíram as janelas da igreja, que estava cheia de homens, mulheres e crianças. O pânico era indescritível, visto que o gás e a fumaça tornavam impossível respirar em um espaço tão confinado.

A multidão se dirigiu para a saída. Mas, enquanto lutavam para sair pelas portas, quase sem alento, a polícia abriu fogo com armas automáticas. Três trabalhadores morreram instantaneamente, mais de cem resultaram feridos e dois trabalhadores morreram mais tarde no hospital. Estes acontecimentos provocaram uma vaga de ira e repúdio em toda a Espanha.

Os eventos em Vitoria tiveram um efeito eletrizante na consciência de centenas de milhares de trabalhadores em todo o país. Em várias partes do país explodiram greves e manifestações espontâneas. Este massacre brutal marcou um ponto de inflexão na luta contra a ditadura de Franco. Se os dirigentes dos trabalhadores tivessem feito um apelo a uma greve geral, teriam obtido uma resposta total.

Uma greve geral teria posto a ditadura, já muito sacudida e debilitada pelas divisões, de joelhos. Mas as organizações da classe trabalhadora não fizeram a convocação. O Partido Comunista, em particular, era hostil aos trabalhadores de Vitoria, que não estavam debaixo de seu controle. Opôs-se implacavelmente à ideia de uma greve geral, embora anteriormente havia sido parte de seu próprio programa. Sua política era a de negociar um acordo com o regime existente.

CRISE DO REGIME

Nesse momento, Arias já era uma força esgotada. Em julho de 1976, os espanhóis despertaram com a surpreendente notícia de que o rei havia decidido destituir o primeiro-ministro. A maioria dos espanhóis se assombrou ao saber que o novo homem era um

político de carreira praticamente desconhecida chamado Adolfo Suárez, que havia passado muitos anos na sombra, medrando pela escada escorregadia da burocracia fascista e finalmente se convertendo em secretário-geral do Movimento fascista.

Durante décadas se cultivou cuidadosamente a lenda de que Suárez e o rei Juan Carlos “trouxeram a democracia à Espanha”. Uma mentira. O papel fundamental na derrubada da ditadura foi desempenhado não por Suárez e certamente não por Juan Carlos, mas pela classe trabalhadora espanhola. Onda após onda de greves, greves gerais, manifestações e protestos de ruas gradualmente desgastaram o regime da mesma forma como as ondas do oceano, que se abatem contra os rochedos, acabam desgastando o granito mais forte.

Camada após camada de trabalhadores se viu envolvida na luta: mineiros, trabalhadores automotivos, impressores, trabalhadores telefônicos, empregados de bancos, ferroviários, controladores aéreos, trabalhadores dos correios, estivadores, empregados do governo, mecanógrafos, atores e muitos outros. Com suas greves e greves gerais, mostraram o seu poder para paralisar toda a sociedade. Desafiaram a Estado e suas forças repressivas com impressionante coragem e determinação.

No entanto, em última instância, tudo isso não valeu de nada. O futuro da Espanha estava determinado por um pequeno punhado de pessoas que realmente não representavam a ninguém mais além de si mesmas. Foram os políticos operários reformistas e uma pequena camarilha de ex-burocratas franquistas que decidiram tudo nas costas das massas.

O problema central era um problema de direção. Os dirigentes do Partido Comunista Espanhol (PCE) argumentaram que a correlação de forças não era favorável para uma greve geral. Não tinham



Repressão brutal da polícia em Vitoria, março de 1976

em absoluto nenhuma confiança na capacidade dos trabalhadores espanhóis de tomar o poder em suas próprias mãos e buscavam ansiosamente alguém a quem entregar o poder que temiam assumir.

A verdadeira correlação de forças ficou clara pelo fato de que Suárez não podia fazer nada sem o apoio dos líderes dos partidos socialista e comunista. Suárez sabia que não podia governar sem se basear nesses dirigentes. Apoiou-se neles e eles se apoiaram na classe trabalhadora. Mas, em vez de se basearem no poder da classe trabalhadora, esses líderes ficaram hipnotizados com o espectro do poder estatal, embora esse poder estivesse se desintegrando rapidamente diante de seus próprios olhos. Comportaram-se com um coelho assustado cego pelos faróis de um automóvel.

Tinham medo de tudo: do regime, do exército, da Igreja, das massas e, inclusive, do som de suas próprias vozes. Consideravam o movimento de massas não como um poder, mas simplesmente como um ás na manga em suas negociações com o regime. Estavam dispostos a sacrificar tudo em troca de qualquer coisa que lhes fosse oferecida. Sequer eram bons

negociadores em termos puramente sindicais.

A MONARQUIA

No centro dessas sórdidas intrigas por trás das cortinas estava a monarquia: esta instituição desacreditada que havia sido rejeitada de forma decisiva pelo povo espanhol em 1931, e que, praticamente, não tinha apoio, agora foi apressadamente empurrada à frente, e devia ser restaurada com as cores da democracia.

Juan Carlos foi apresentado como um símbolo da “democracia” diante do povo da Espanha. Mas suas credenciais democráticas eram absolutamente falsas. Ferramenta voluntária do ditador, Juan Carlos viveu uma vida de luxo ocioso, adulando Franco de maneira servil. Sua única reivindicação de “legitimidade” foi que o ditador o havia nomeado como seu sucessor.

Juan Carlos era um moderno Bourbon, com todas as características históricas dos Bourbons. Estas características eram similares as que Trotsky atribuiu aos Romanov russos: “traição passiva, paciente, mas vingativa, disfarçada com uma duvidosa bondade e amabilidade”. Estas palavras descrevem adequadamente o caráter do novo rei espanhol.

Ninguém em seu próprio juízo poderia supor que os líderes do PCE e do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) aceitariam uma monarquia e muito menos sob um homem que Franco havia designado pessoalmente como seu herdeiro. Em todos os intensos debates entre os ativistas do movimento dos trabalhadores depois da morte do ditador, tal abominação sequer era mencionada como possibilidade teórica. No entanto, foi isso precisamente o que aconteceu.

As reuniões de Adolfo Suárez com os dirigentes políticos da oposição faziam parte de um plano cuidadosamente elaborado. Seu objetivo era o de romper a frente comum dos partidos de oposição (que já estava suficientemente desgastada pela rivalidade mútua e pela luta para a obtenção do máximo de vantagens) e, sobretudo, para marginalizar o Partido Comunista. Parte do plano era prometer as vantagens mais sedutoras se aceitassem participar nessa manobra cínica. O plano funcionou.

Durante todo esse tempo as conversações foram realizadas em segredo entre Suárez e González. Os dirigentes do Partido Socialista olhavam continuamente por cima do ombro, perguntando-se nervosamente se a colaboração com Suárez os comprometeria diante dos olhos das massas e de seus próprios membros. Se deixassem de fora o Partido Comunista, isso não se voltaria contra eles? Mas, não tinham por que se preocupar.

Desde setembro de 1976, Adolfo Suárez e Santiago Carrillo mantiveram contatos regulares, embora secretos. O líder do PCE já se havia metido na cama com Suárez e não estava em posição de criticar Felipe González a partir da esquerda. O cenário estava pronto para a grande traição.

SETE DIAS DE JANEIRO

Mesmo enquanto se realizavam negociações secretas por cima, a violência do regime se desatava sem piedade para reprimir a opo-

sição nas ruas. As bandas fascistas se lançaram livremente às ruas, sequestrando, batendo e assassinando com total impunidade.

Outras forças sinistras começaram a aparecer. Dias antes do referendo, um misterioso grupo terrorista que se fazia chamar de GRAPO sequestrou José Maria Oriol, uma figura destacada da oligarquia espanhola e do regime de Franco. Essa mesma gente também sequestrou mais tarde o general Villaescusa.

Um fascista que operava sob o controle das forças de segurança do Estado assassinou um jovem esquerdista, Arturo Ruiz, no centro de Madri. O assassinato provocou uma onda de fúria com manifestações praticamente ininterruptas e atos de protesto. O estado de ânimo era particularmente forte nas universidades de Madri, que estavam praticamente paralisadas, com cerca de 100 mil estudantes em greve e mais de 30 mil participantes em assembleias e reuniões. Aproximadamente 115 mil participaram nas manifestações que ocorreram durante toda a manhã.

Em uma dessas manifestações, uma jovem estudante, Maria Luz Nájera, foi assassinada por uma granada de fumaça disparada pela polícia. Filha de uma família operária do distrito de La Alameda de Osuna, em Madri, tinha apenas 20 anos de idade. Havia sido sua primeira manifestação.

As pesadas granadas metálicas de fumaça estavam destinadas a ser disparadas para cima a fim de dispersar os manifestantes mediante a liberação de nuvens de fumo. Nunca devem ser disparadas horizontalmente, o que sucedeu aqui. Disparadas diretamente aos manifestantes, esses instrumentos se convertem em armas letais.

Maria Luz recebeu o impacto direto desse míssil assassino em seu rosto, que ficou completamente destroçado. Seus companheiros a levaram rapidamente à clínica de La Concepción, onde chegou em coma. Mas era demasiado tarde.

Morreu de seus terríveis ferimentos. A pessoa que realizou a ação sangüinária sabia perfeitamente o que estava fazendo. Foi um assassinato a sangue frio. Mas como todos os outros assassinatos cometidos pelo regime, ninguém foi acusado ou processado.

O ar estava carregado de tensão elétrica, como a atmosfera sufocante antes de uma tormenta. Nesse mesmo fatídico dia 24 de janeiro, um grupo de extrema-direita com conexões no exército, na polícia e nos Serviços de Informação caminhou tranquilamente até os escritórios dos advogados trabalhistas das Comisiones Obreras, na Rua Atocha, número 55, em Madri. Abriam fogo metralhando todos que encontraram.

As vítimas foram os advogados Luís Javier Benavides, Francisco Javier Sauquillo e Enrique Valdellvira; o estudante Serafin Holgado e o trabalhador administrativo Ángel Rodríguez Leal, que foi o primeiro a morrer. Estes assassinatos provocaram uma onda de indignação em toda a população. O ambiente era tão explosivo que uma só chispa teria bastado para incendiá-lo.

O PAPEL DE CARRILLO

Os representantes sérios do grande capital estavam totalmente alarmados. Deram-se conta de que só podiam se salvar pedindo ajuda aos dirigentes operários, particularmente ao Partido Comunista, que, nesse momento, tinha um domínio esmagador sobre o movimento dos trabalhadores. E não se equivocaram.

Nesse momento decisivo, os líderes do PCE agiram como bombeiros muito efetivos, lançando água fria sobre a fúria ardente das massas. A grande manifestação que se seguiu ao funeral dos advogados assassinados foi estritamente controlada pelo serviço de ordem do Partido Comunista, que impediu que se gritassem consignas ou que se ondessem bandeiras ou estandartes.

A silenciosa manifestação foi muito impressionante. Mas, a dis-

ciplina era realmente uma mensagem para o governo: *“Vê como podemos controlar as massas e mantê-las em silêncio? Pode confiar em nós para manter a ordem nas ruas! Mas, agora esperamos que faça concessões...”*.

Os dirigentes reformistas renunciaram a qualquer ideia de um programa socialista, apresentando em troca a ideia de um “consenso” que supostamente uniria os interesses de classe contraditórios, submergindo os interesses da classe trabalhadora em um movimento geral, vago e amorfo pela “democracia”.

Santiago Carrillo, o secretário-geral do Partido Comunista, havia estado indicando há algum tempo sua disposição para dialogar com os elementos do regime. Assim, foi realmente um assunto muito simples para este último entrar em contato com ele. De fato, só teve de levantar seu dedo mindinho para que o líder do PCE acudisse correndo.

Já em 1974, antes de regressar à Espanha, Carrillo deu uma conferência de imprensa em Paris a jornalistas espanhóis. Falou da necessidade de esquecer o passado, de se assegurar que não houvesse atos de vingança e que todos os “progressistas” deveriam trabalhar para a “unidade nacional” pelo bem do país. Também falou do papel que desempenharia o exército em sua contribuição ao futuro político da Espanha.

Finalmente, Carrillo obteve sua recompensa. Em 9 de abril de 1977, o Partido Comunista da Espanha foi legalizado. A partir desse momento, o poderoso PCE se converteu em uma ferramenta nas mãos de Suárez. Carrillo reconheceu a monarquia e a bandeira nacional e pregou a moderação e a “reconciliação nacional”.

Muitos membros do PCE ficaram aturcidos e ressentidos, mas décadas de autoritarismo stalinista ha-

viam eliminado qualquer espírito de crítica. Trataram de se consolar com a ideia de que “nossos dirigentes sabem o que fazem”, que tudo era só uma tática e que, finalmente, o Partido encontraria o caminho correto. Mas o único caminho diante do PCE foi o que o conduziu a um abismo sem fundo.

No livro de Gênesis, Esaú vendeu seu primogênito por um prato de lentilhas. Esse não foi um mal acordo em comparação ao que chegaram Carrillo e González, que entregaram o poder que havia sido conquistado através da ação da classe trabalhadora em troca de uma falsa democracia. Aqui se enraíza o segredo da chamada transição democrática.

Santiago Carrillo e outros líderes do PCE defendiam um “compromisso histórico” entre os conservadores e os comunistas. Na realidade, foram os conservadores que ganharam tudo, enquanto os comunistas perdiam tudo.

Carrillo e outros dirigentes do PCE desempenharam um papel fundamental para sabotar o movimento revolucionário da classe trabalhadora e ajudar a burguesia a recuperar o controle quando lhe havia escapado das mãos. Esta traição teve um preço alto para Carrillo e seu partido. Os dirigentes do PSOE não eram nem um pouco melhores, mas não tinham o tipo de apoio que o PCE desfrutava e as Comisiones Obreras que controlavam nesse momento.

Sua votação caiu bruscamente, enquanto que a dos socialistas, que contavam com o apoio dos meios de comunicação e tinham mais recursos, aumentou. É claro! Se há dois partidos operários, um grande e outro pequeno, com políticas e programas similares, os trabalhadores votarão pelo maior dos dois. O PCE perdeu em relação aos socialistas, os quais apareciam como maiores ante os olhos das massas, nas primeiras eleições democráticas da Espanha em 1977 e mais uma vez em 1982, com quatro deputados eleitos em comparação aos 202 dos socialistas.



Santiago Carrillo

Nos anos seguintes, o PCE viu diminuir sua influência, e sua militância e seu número de votos desabaram. Se converteu em uma sombra do que era. A renúncia de Carrillo como secretário-geral se tornou inevitável. Em 1985, depois de uma luta pelo poder, foi expulso do Partido. Afinal, o autodenominado realista Carrillo conseguiu destruir completamente o poderoso Partido Comunista Espanhol. Terminou ignorado politicamente nos últimos anos de sua vida como resultado de sua traição.

O PCE, este poderoso partido do passado, construído com o heroísmo e sacrifício de uma geração de militantes da classe trabalhadora, que arriscaram suas vidas na luta clandestina contra a ditadura de Franco, praticamente se dissolveu na Izquierda Unida.

Quando Santiago Carrillo morreu, a imprensa liberal burguesa publicou as homenagens mais elogiosas ao homem que os salvou. Um agradecido Juan Carlos foi visitar seu leito de morte duas horas depois que falecesse e declarou que o ex-secretário-geral do PCE havia desempenhado um “papel fundamental” no estabelecimento da democracia na Espanha. O jornal *The Independent* escreveu:

“Juan Carlos disse, depois de visitar a família de Carrillo para lhes dar suas condolências apenas duas horas depois de sua morte, aos 97 anos, que o líder comunista foi ‘uma pessoa fundamental para a democracia’, quase seguramente uma referência ao papel fundamental desempenhado por Carrillo, como líder do Partido Comunista até 1982, no período de transição política e reconciliação depois da morte do general Franco.”

Essa é a pura verdade. A classe dominante tinha boas razões para elogiar o homem que, de fato, os havia salvado e ao seu sistema, e que, ao fazê-lo, destruiu o partido mais poderoso da esquerda na Espanha. Pelo menos não se pode acusá-los de ingratidão.

O PSOE E OS SINDICATOS

Até 1976, o Partido Socialista adotou uma política que, em palavras, estava à esquerda do PCE. Na realidade, no entanto, esse radicalismo verbal foi simplesmente uma tentativa de ocultar o fato de que o PSOE era orgânica e politicamente muito inferior aos comunistas. Para compensar esta deficiência, necessitavam de dinheiro, muito dinheiro. E encontraram um banqueiro disponível na socialdemocracia alemã.

Era um segredo aberto naquele momento que Felipe González estava recebendo grandes somas de dinheiro de Bonn. Escusado dizer que este dinheiro vinha com condições. Os socialdemocratas alemães exigiram que os socialistas espanhóis abandonassem sua demagogia esquerdista e aceitassem as políticas e os princípios do “socialismo moderado”. Tampouco faz falta dizer que González e cia aceitaram esta generosa oferta com diligência.

González entrou em contato com Adolfo Suárez. O partido abandonou sua verborreia radical como uma batata quente, abandonou o marxismo, expulsou a esquerda, liquidou as Juventudes Socialistas e virou bruscamente para a direita. Se converteu em um lamentável partido de governo, totalmente subordinado aos interesses dos banqueiros e capitalistas da Espanha. Inclusive aceitou a entrada da Espanha na OTAN, algo que haveria sido considerado um anátema alguns anos antes.

Essa degeneração também se desenvolveu em um processo paralelo nos sindicatos. A velha combatividade foi substituída por um espírito covarde de acordos e pelo chamado realismo, que era simplesmente uma folha de parreira para ocultar uma política de colaboração de classes, de concessões e de traição. Os dirigentes sindicais, tanto os das

Comisiones Obreras quanto os da CGT, apresentaram a palavra de ordem de “sindicato de serviços”, isto é, substituir um sindicato que se baseia na luta de classes e na ação combativa para defender os direitos e padrões de vida dos trabalhadores por outro que cobra as cotas de afiliação em troca de certos serviços, tais como seguros etc.

Isso, por sua vez, aprofundou a desilusão das bases, o que levou a um colapso da filiação sindical e a uma perda de autoridade dos sindicatos ante os olhos da massa dos trabalhadores. A militância das *Comisiones Obreras* também caiu, embora não de maneira tão catastrófica. Por outro lado, a mais moderada CGT inicialmente cresceu em termos de militância, visto que as novas camadas de trabalhadores em circunstâncias distintas buscavam soluções práticas para os seus urgentes problemas cotidianos.

Os dirigentes de *Comisiones Obreras* chegaram à conclusão de que este era o caminho a seguir. Durante todo um período houve uma concorrência entre os dirigentes de *Comisiones Obreras* e da CGT para ver quem era mais moderado, mais razoável e mais disposto a chegar a acordos, isto é, quem estaria disposto a capitular mais profundamente diante dos empresários.

Os dirigentes sindicais tentaram justificar sua conduta baseando-se no “realismo”. Na realidade, era precisamente o contrário. Para cada passo atrás que os líderes sindicais davam, os empresários exigiam mais três. A debilidade convidada à agressão. No final, o vazio do chamado sindicalismo moderado conduziu a um colapso geral da filiação sindical e mesmo ao desprestígio da ideia do sindicalismo entre as amplas camadas da classe trabalhadora espanhola.

Fim da 1ª parte.

Os bolcheviques e a juventude

(1ª parte)

Evandro Colzani

“Lenin está rodeado de garotos’, os liquidacionistas costumavam dizer com desprezo. Mas, precisamente naquilo, Lênin via a grande vantagem de seu partido. A revolução, assim como a guerra, coloca necessariamente a principal parte de seu fardo sobre os ombros da juventude. O partido socialista que for incapaz de atrair a juventude não tem futuro.” (Stalin - uma análise do homem e de sua influência, de Leon Trotsky)

O jovem tunisiano Mohamed Bouazizi, que precisava ajudar sua mãe e irmã financeiramente, não conseguia arrumar um emprego formal e a única saída que encontrou foi começar a vender frutas e legumes nas ruas de Ben Arous. O garoto, que ganhava apenas US\$ 75 mensais, frequentemente precisava lidar com fiscais que exigiam subornos e realizavam ameaças. No dia 18 de dezembro de 2010, seu carrinho foi confiscado e ele, desesperado, tentou recorrer ao governo local para que liberasse o seu único meio de subsistência. Mohamed tinha apenas 26 anos quando, ao não ser atendido pelo governo, decidiu queimar o próprio corpo, gerando uma enorme comoção na Tunísia e dando início à onda de protestos que se espalhou pelo mundo árabe derrubando, em dias, ditaduras que perduraram por décadas. Quando morreu, em 4 de janeiro de 2011, a indignação social acumulada ao longo de décadas de um regime autoritário e violento já havia resultado no início da Primavera Árabe.

Em junho de 2013, a juventude foi às ruas, no Brasil, após um longo processo de acúmulo de indignação gerada pela repressão brutal da Polícia Militar, por mortes nas favelas, por constantes ataques da burguesia às conquistas da classe trabalhadora e da juventude. O estopim desses eventos foi no dia 13 de junho, quando a Polícia Militar de São Paulo reprimiu brutalmente a manifestação contra o aumento da tarifa do transporte coletivo. Na época, o país era governado pelo



Trotsky conversando com uma jovem militante da Juventude Comunista (Konsomol)

Partido dos Trabalhadores (PT) e a cidade de São Paulo também. As Jornadas de Junho, como ficou conhecida essa onda de protestos, deixaram claro que um novo momento político iniciava no Brasil com o fim do controle do PT sobre as massas. Elas abriram uma nova situação política no Brasil.

Esses dois exemplos ilustram a famosa frase de Karl Liebknecht, líder da Revolução Alemã de 1918-1919, ao declarar que “a juventude

é o barômetro sensível das tensões da luta de classes”. Não foi apenas o revolucionário alemão que se dedicou a interpretar o papel da juventude na luta de classes. Os revolucionários ao longo da história, e principalmente os bolcheviques, não só tentaram entender a juventude, como ganhá-la para o lado da classe trabalhadora.

Trotsky, por exemplo, explica no Programa de Transição que “apenas o fresco entusiasmo e o espírito

ofensivo da juventude podem oferecer os primeiros sucessos na luta” e complementa que esse entusiasmo pode também atrair para o combate novamente os velhos quadros operários desanimados. Em uma carta direcionada à juventude, de 1938¹, o revolucionário russo fala que o mais radical dos jovens pode se tornar o maior dos oportunistas se não der atenção à teoria.

Lenin, desde os tempos do Iskra, defendia que o partido revolucionário deveria se dirigir aos jovens e orientou os bolcheviques sobre a necessidade de ganhar estudantes universitários e secundaristas. Também foi quem apresentou quais eram as tarefas da juventude comunista antes e depois da revolução, durante o período em que a Revolução Russa de 1917 almejava construir o socialismo no mundo inteiro.

Os principais quadros bolcheviques foram ganhos para a militância quando ainda eram muito jovens. Lenin, Trotsky, Sverdlov, Bukharin, Zinoviev, entre outros, tinham de 16 a 19 anos quando realizaram suas primeiras atividades revolucionárias. Ganhar a maioria da juventude para as fileiras da revolução socialista é tarefa essencial dos revolucionários, o que só pode ser feito se compreenderem a real importância desse estrato da sociedade que não é parte da classe operária, mas que dará um importante impulso na luta pela libertação dessa classe. Essa é uma importante lição deixada pelo Partido Bolchevique e, ao analisarmos a história do partido, do nascimento da classe operária russa e da origem dos quadros bolcheviques, podemos observar por que eles conseguiram chegar a essa conclusão.

A CHEGADA DO CAPITALISMO NA RÚSSIA

No século XVII, a Inglaterra já havia derrubado as estruturas feudais após a vitória de Oliver Cromwell na Guerra Civil Inglesa. Na França, a Grande Revolução

de 1789 não só varreu o feudalismo do país como levou o espírito da revolução para os demais países europeus. Nos Estados Unidos da América, a revolução burguesa, iniciada nas guerras de independência em 1774, se completaria em 1865 com a vitória dos estados do norte sobre os do sul, terminando com o regime de escravidão na Guerra da Secessão.

A Rússia chegava na segunda metade do século XIX sem ter desenvolvido o capitalismo, mas a economia do país se tornava cada vez mais entrelaçada com o capitalismo existente no restante do mundo. Além disso, a derrota na Guerra da Criméia (1853-1856) serviu para desmascarar o regime czarista diante do campesinado e da *intelligentsia*. O anseio pelo desenvolvimento de uma indústria, a instabilidade gerada no país e o medo de uma explosão social fez com que, em 19 de fevereiro 1861, o czar Alexandre II decretasse o fim do sistema de servidão.

Esse sistema forçava os camponeses a ficarem nas terras sem as possuírem. Além disso, os nobres, donos das terras, poderiam vendê-las com os servos que nelas trabalhavam. Por exemplo, um aristocrata vendia suas terras com tantos acres de extensão e contendo tantas “almas” (servos). Acontece que o decreto do czar não era um ato de bondade e não resolveu a situação dos trabalhadores do campo, pelo contrário, piorou consideravelmente a situação das massas camponesas. A completa abolição da servidão só poderia existir com a abolição dos latifúndios, isso significava uma verdadeira reforma agrária semelhante à ocorrida na Inglaterra, França e Estados Unidos e isto estava fora de cogitação. Os camponeses foram libertos da terra, mas não das garras dos latifundiários². Com o tempo, eles foram empobrecendo cada vez mais, acumulando dívidas impagáveis e logo iniciaram uma série de sublevações locais desesperadas. Apesar da reação do campesinato, a sua

própria constituição como classe, sua atomização e atraso, junto da forte repressão que seguiu esse período, foram fatores que resultaram em grandes derrotas para o movimento.

O ritmo da decadência social feudal foi mais rápido que o da formação da burguesia. Sob essas condições, setores da *intelligentsia*, especialmente a juventude, romperam com a nobreza, a burocracia e o clero e começaram a buscar uma saída para o estancamento social³. Eles não viam na burguesia, covarde e primitiva, nem na nascente classe operária um ponto de apoio e concluíram que os camponeses seriam a única classe verdadeiramente revolucionária.

O primeiro grupo formado pela *intelligentsia*, chamado “Jovem Rússia”, fundado em 1860, já falava da necessidade de uma “violenta e implacável revolução” e uma série de outros grupos semelhantes que surgiram tentaram despertar os camponeses. Porém, a tão esperada revolução estava demorando muito e essas organizações chegaram à conclusão de que era necessário forçar esse processo.

A frustração com a dificuldade em incitar os camponeses levou os narodniks (“populistas”, homens do povo), nome pelo qual ficaram conhecidos os diferentes grupos da *intelligentsia* russa, a modificarem sua tática de ação, trocando a agitação e propaganda pelo terrorismo individual. Então, no dia 4 de abril de 1866, Dimitri Karakosov, ex-estudante de 25 anos e filho de um nobre, tentou matar o czar com um tiro.

A partir dos anos 1870, os narodniks iniciaram uma nova fase. Milhares de pessoas, em sua maioria jovens da classe alta, iniciaram um movimento ingênuo e confuso conhecido como “Ir ao povo”. Sem um programa claro, esses jovens queriam se dirigir aos camponeses e incitar a revolta. Vestidos com roupas de trabalho compradas em mercados de segunda mão, utilizando passaportes falsos, eles fo-



Lenin e Sverdlov (centro) em 1918. Foto: Alexey Ivanovich Savelyev

ram para o campo na tentativa de aprender algum ofício e se misturar com o campesinato.

A tentativa de se aproximar da vida do camponês esbarrou no próprio “povo” que os narodniks tanto idealizavam. Os camponeses viam com desconfiança aqueles jovens e não queriam que essas pessoas com roupas sujas e esfarrapadas ficassem em suas casas. Dormindo ao ar livre, com fome e frio, os narodniks que não foram presos regressaram para as cidades desiludidos e esgotados.

Nesse mesmo período, a indústria se desenvolveu em grande escala. A cidade de São Petersburgo, entre 1869 e 1890, passará de 668 mil habitantes para 928 mil. Os trabalhadores, arrancados de sua vida pacata no campo, passam a viver toda a agitação e brutal exploração das fábricas. A consciência operária eleva-se rapidamente e começam a surgir as primeiras

organizações operárias russas.

Os narodniks, após a desilusão com a “ida ao povo”, se voltam com força para as táticas terroristas e, em 1881, o Narodnaya Volya (Vontade do Povo) obtém êxito em um ataque que, ao mesmo tempo, aplica um golpe mortal na própria organização que o planejou:

“No dia 1º de março de 1881, a carruagem do czar Alexandre II passava próxima ao canal Catalina em São Petersburgo quando, de repente, um jovem jogou o que parecia uma bola de neve. A explosão que seguiu não atingiu o alvo e o czar, ileso, saiu para falar com alguns cossacos feridos. Nesse momento, um segundo terrorista, Grinevetski, correu para a frente e com as palavras ‘é cedo demais para dar graças a Deus’, jogou outra bomba em seus pés. Uma hora e meia depois, o Imperador de Todas as Rússias estava morto.”⁴

Mesmo com a morte do czar, os camponeses não são ganhos

pelos narodniks. A resposta do regime acontece por meio de brutal repressão à *intelligentsia* liberal e às atividades estudantis, além da proibição e remoção das bibliotecas de qualquer obra considerada sediciosa. O último jornal do Narodnaya Volya será publicado em outubro de 1885 em uma edição carregada de confusão teórica, contradições, misticismo religioso e pessimismo social e pessoal.

O fim dos anos 1880 será marcado pelo fim da *intelligentsia* narodnik e pela entrada da burguesia russa em cena. O que resultará numa transformação dessa *intelligentsia*, que abandonará o dever revolucionário e passará a defender o individualismo burguês. Simultaneamente, surge uma classe operária que, diferente do homem do campo, está cada vez mais concentrada nas grandes cidades que começam a surgir. De 1865 a 1898, o número de fábricas com mais de

cem operários passa de 706 mil para mais de 1,4 milhão. Na década de 1890, sete grandes fábricas na Ucrânia empregam dois terços de todos os operários metalúrgicos da Rússia e Baku emprega quase todos os trabalhadores do petróleo.

O desenvolvimento do capitalismo russo é carregado de características próprias que fornecerão as bases da revolução que ocorrerá no país em 1917, como explica Trotsky em História da Revolução Russa:

“A reforma camponesa realizada na Rússia, em 1861, foi obra de uma monarquia burocrática e aristocrática, sob pressão das demandas de uma sociedade burguesa totalmente impotente politicamente. A emancipação camponesa teve um caráter tal que a força da transformação capitalista do país converteu inevitavelmente o problema agrário em um problema da revolução. Os burgueses russos sonhavam com um desenvolvimento agrário do tipo francês, dinamarquês, estadunidense – qualquer um, desde que não fosse russo. Eles negligenciaram, contudo, a história francesa ou a estrutura social estadunidense. A intelectualidade democrática, apesar de seu passado revolucionário, na hora decisiva tomou posição a favor do burguês liberal e do latifundiário, e não da aldeia revolucionária. Nestas circunstâncias, apenas a classe trabalhadora podia se colocar à frente da revolução camponesa.

A lei do desenvolvimento [desigual e] combinado dos países atrasados – no sentido de uma peculiar mistura de elementos retrógrados com os fatores mais modernos – surge aqui ante nós em sua forma mais acabada, e oferece uma chave para o enigma mais importante da revolução russa. Se a questão agrária, uma herança do barbarismo da velha história russa, tivesse sido resolvida pela burguesia, o proletariado não teria podido tomar o poder em 1917. Para que nascesse o Estado soviético, foi necessário que coincidisse, e se coordenasse reciprocamente, dois fatores de natureza

histórica completamente distinta: a guerra camponesa, movimento característico do alvorecer do desenvolvimento burguês, e uma insurreição proletária, o movimento que assinala o ocaso da sociedade burguesa. Essa é a essência de 1917.”⁵

O JOVEM LENIN

Com a falência dos narodniks e com a intensificação das contradições da sociedade russa, uma camada de milhares de jovens começa a se dirigir ao marxismo, no fim dos anos 1880. Um desses jovens que se conecta ao marxismo será o principal líder do Partido Bolchevique, que levará a classe operária ao poder na Rússia em 1917. Vladimir Ilych Ulyanov, mais conhecido como Lenin.

O primeiro enfrentamento de Lênin com as autoridades ocorreu alguns meses depois de sua admissão na faculdade de direito da Universidade de Kazan. No dia 4 de dezembro de 1887, os estudantes organizaram um protesto que não exigia a queda do czar ou algo semelhante, mas apenas um refeitório e salas de leitura. Lenin não liderava o protesto, entretanto foi preso e, no dia seguinte, expulso da universidade. Essa reação com Lenin não foi fruto do acaso, os Ulyanov eram odiados pelas autoridades por conta de um evento ocorrido em março do mesmo ano.

Alexandre Ulyanov, quatro anos mais velho que Lenin, era admirado pelo irmão caçula que sempre tentava imitá-lo. Em 1883, Alexandre ingressou na Universidade de São Petersburgo e durante os três primeiros anos não fez nada além de estudar. Porém, a pressão das autoridades, o clima de opressão intensificado após o assassinato do czar alguns anos antes, empurrou o irmão de Lenin para a ação política.

A primeira atividade pública de Alexandre acontece em um ato no Cemitério Volkovo, no dia 17 de novembro de 1886, atividade que ele ajudou ativamente a construir

para comemorar os 25 anos da reforma que aprovou o fim da servidão e homenagear aqueles que lutaram pela libertação camponesa. O comício foi cercado por um destacamento de cossacos e vários estudantes foram presos. Cerca de 40 foram expulsos da universidade. Os estudantes debateram sobre o que fazer para continuar a luta. A ânsia por viver em uma sociedade livre em um contexto em que eles se sentiam impotentes politicamente trouxe à tona uma resposta do passado: o terror.

Em um primeiro momento Alexandre se opôs a essa saída, argumentando que era uma tática absurda e suicida. Entretanto, logo foi convencido de que o terrorismo era a única forma de fazer algo em resposta à opressão violenta sofrida pelo povo. No dia 1º de março de 1887, Alexandre participa de uma tentativa de assassinato do czar e o grupo falha. Em 8 de maio do mesmo ano ele, junto com os demais participantes, é enforcado.

Esse evento muda completamente a vida de Lenin, que não tinha ideia das intenções revolucionárias do irmão. Alexandre nunca tentou ganhar o irmão e nem mesmo mostrar suas posições políticas porque não se via como alguém que desejava estar naquele movimento, apenas como alguém obrigado a fazer aquilo diante das circunstâncias. Naquela época também Lenin vivia praticamente em outro mundo, encantado pela poesia e pela literatura. Em uma tarde de verão de 1886, Lênin e Alexandre dividiam o mesmo quarto enquanto liam. Alexandre estava absorto em O Capital e Lenin lia e relia os romances de Turgenev sem demonstrar o menor interesse pela leitura do irmão mais velho. Isso mudou radicalmente após a morte dele.

Na busca por compreender o que se passava na mente do irmão, Lenin recordou do grande respeito que Alexandre sempre teve pela literatura de Nikolai Tchernichevski, revolucionário russo e fundador

filosófico do narodnismo. Com o seu romance *O que fazer?*, escrito no início da década de 1860, Tchernichevski inspirou uma enorme quantidade de revolucionários do período. Mesmo Lenin, aos 14 anos, já havia lido o romance, porém, segundo ele mesmo afirma, não conseguiu compreendê-lo na sua totalidade:

“O romance de Tchernichevski é complexo demais, cheio de pensamentos e ideias, para ser compreendido e valorizado em tenra idade. Eu mesmo tentei ler ... quando eu tinha quatorze anos ... era uma leitura inútil e superficial que não levava a nada. Mas depois da execução de meu irmão, sabendo que o romance de Tchernichevski era uma de suas obras favoritas, comecei o que era uma leitura real e transbordava do livro, não vários dias, mas várias semanas. Só então entendi sua profundidade total. É uma obra que dá uma carga por toda a vida.”

“[O que fazer?] Não apenas mostrou que qualquer pessoa que pensa corretamente e verdadeiramente honesta deve ser um revolucionário, mas também algo mais importante: como deve ser um revolucionário, que regras ele deve seguir, como ele

*deve se aproximar de seu objetivo e que meios e métodos ele deve usar para alcançá-lo.”*⁶

Lenin conclui esse relato explicando que foi por meio de Tchernichevski que ele obteve contato pela primeira vez com a filosofia materialista e com a dialética hegeliana.

O período entre 1887, quando é expulso da universidade, e 1893, ano em que ele efetivamente inicia sua militância revolucionária, será de preparo teórico para Lênin. No seu primeiro “exílio”, vai morar nas terras do avô e tem contato com a biblioteca de um tio, considerado uma pessoa culta para a época. São cerca de cem livros e um bocado de revistas progressistas que Lenin devora e logo precisa ir além, recorrendo à biblioteca da família que assina também um jornal relativamente progressista, onde ele aprende a ler e escrever criticamente.

Em 1888, Lenin pôde voltar a estudar na Universidade de Kazan e lá ele participou de um círculo de discussões onde consegue *O Capital*, obra que já era rara em Kazan e que tinha sido banida inclusive das bibliotecas particulares. “As páginas de ‘*O Capital*’ abriram os olhos

*de Lenin como fizeram com seu irmão alguns anos antes. No entanto, a diferença é que, com Lenin, as ideias de Marx fixaram firmemente nele; elas deram a ele uma compreensão da sociedade em que ele estava vivendo. Ele se sentaria com sua irmã mais velha para explicar os mistérios da mais-valia e da exploração capitalista. Já Alexandre, cheio do pessimismo que prevalecia naquele período, não conseguiu compartilhar sua descoberta com seus irmãos.”*⁷

Uma qualidade pessoal extremamente marcante em Lenin é relatada pelo bolchevique Anatóli Lunatcharski em seu livro de memórias intitulado *Silhuetas Revolucionárias*⁸:

“Quando cheguei a conhecer Lenin melhor, apreciei ainda outro lado dele que não é imediatamente óbvio – sua surpreendente vitalidade. A vida borbulha e brilha dentro dele. Hoje, enquanto escrevo estas linhas, Lenin já tem cinquenta anos, mas ainda é um homem jovem, todo o tom de sua vida é jovem. Quão contagiante, quão encantadoramente é, com que facilidade a risada infantil, como é fácil diverti-lo, como é propenso a rir, que expressão de vitória de um homem sobre as dificuldades! Nos piores momentos em que ele e eu vivíamos juntos, Lenin estava inabalavelmente calmo e tão disposto como sempre a rir alegremente.”

Esse homem, ganho para o marxismo ainda na juventude, jamais deixou de ser jovem e talvez isso tenha contribuído na sua compreensão do papel da juventude na luta pela revolução. Mas Lenin não foi o único bolchevique a ser ganho na juventude, na verdade boa parte dos quadros dirigentes conheceram Marx e sua filosofia ainda antes dos 20 anos.

OS BOLCHEVIQUES DA GERAÇÃO DE TROTSKY

O Partido Operário Socialdemocrata Russo (POSDR) é fundado em 1889 e, em 1900, o Iskra,



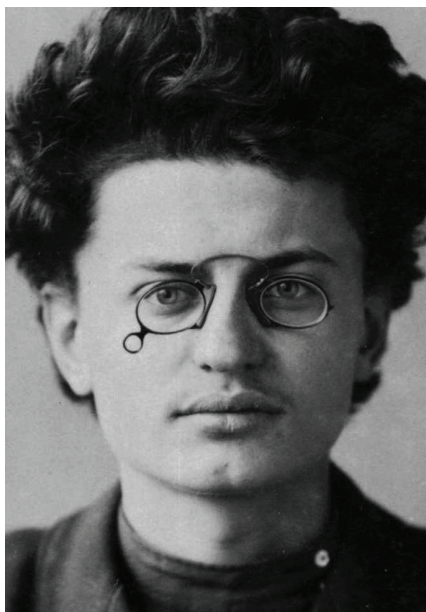
Família Ulyanov. Lenin está sentado à direita

órgão oficial de imprensa do partido, é lançado. A consigna adotada pela juventude no início do século XX não era mais “ir ao povo”, e sim “ir aos trabalhadores”. No início de 1900, as tensões sociais estavam aumentando cada vez mais. A classe operária, apesar de jovem, se organizava. Entre 1894 e 1902, o número de operários em fábricas de 100 a 150 trabalhadores aumentou em 52,8%, as fábricas que empregavam entre 500 e mil trabalhadores aumentaram em 72% e as que empregavam mais de mil operários aumentaram em 141%. Nesse período, 1,155 milhão de operários estavam concentrados em cerca de 450 empresas. Era a receita perfeita para uma explosão social.

Em 1902, uma greve geral estourou em Rostov do Don, cidade localizada ao sul da Rússia, e comícios massivos com milhares de operários fabris e ferroviários foram organizados. Os cossacos reprimiram o movimento e mataram vários trabalhadores. Os funerais desses operários rapidamente se transformaram em manifestações. O número de greves vai aumentar ainda mais em 1903, tomando uma série de cidades localizadas mais ao sul.

Os estudantes também entraram em cena. Uma reivindicação pela autonomia universitária rapidamente adotou um caráter democrático revolucionário diante da situação em que esses jovens se encontravam. As autoridades czaristas rapidamente reprimiram o movimento na tentativa de silenciar e acalmar os ânimos dos estudantes. Milhares foram detidos em manifestações de massas, o que jogou mais lenha na fogueira. Os estudantes, que estavam ideologicamente mais próximos dos liberais, viram nos operários aliados fortes contra o regime.

Na segunda edição do *Iskra*, os trabalhadores são chamados “a ajudar os estudantes”. Ao contrário dos intolerantes economicistas, que viam com desconfiança o movimento estudantil ou qualquer outra coisa que fosse além das reivindica-



Trotsky aos 19 anos

ções sindicais, Lenin compreendeu o potencial revolucionário do movimento dos estudantes apesar de sua composição majoritariamente não proletária. ‘Lenin e seus seguidores’, escreve Zinoviev, ‘ao defenderem a hegemonia do proletariado, assumiram a posição de que se a classe operária era o fator principal, a força fundamental e básica da revolução, ela teria que ter como forças auxiliares todos aqueles que estivessem inclinados em algum grau a lutar contra a autocracia.’”⁹

Nessa onda de greves, manifestações, de grande efervescência revolucionária são ganhos os futuros quadros bolcheviques para a luta. Para citar alguns exemplos: Sverdlov, em 1901, já é um destacado quadro socialdemocrata com apenas 16 anos; Zinoviev filia-se ao POSDR aos 18 anos, em 1902, e, no mesmo ano, Kamenev é preso e ao fugir para o exterior torna-se um revolucionário profissional com 19 anos; Bukharin inicia sua vida militante aos 16 anos e Trotsky, aos 17.

Todos esses revolucionários se aproximam do POSDR nesse período e estão intimamente conectados com as explosões sociais de sua época. Os revolucionários passam por extremas dificuldades e constantemente são presos pela polícia

czarista, muitos são exilados. As ondas sucessivas de jovens que entram no partido coincidem com as greves e momentos de agudização da luta de classes. A geração de Trotsky, Kamenev, Zinoviev, Sverdlov e os demais, que entra a partir de 1898, é a mais antiga. Depois vem a geração de 1905 e dos anos seguintes e, por último, a geração de 1911 e 1912.

Trotsky relata a experiência desses jovens alguns anos antes da primeira revolução russa:

“A juventude da geração revolucionária coincidiu com a juventude do movimento operário. Era a época de pessoas entre as idades de dezoito e trinta anos. Os revolucionários acima dessa idade eram poucos e pareciam velhos. O movimento era ainda totalmente desprovido de carrearismo, vivia na sua fé no futuro e em seu espírito de autossacrifício. Ainda não havia rotina, nem fórmulas fixas, nem gestos teatrais, nem truques oratórios prontos. A luta era por natureza cheia de emoção, tímida e desajeitada. As próprias palavras “comitê”, “partido” eram ainda novas, com uma aura de frescor vernal, e chegavam aos ouvidos da juventude como uma melodia inquietante e sedutora. Qualquer um que se juntava a uma organização sabia que a prisão seguida pelo exí-



Sverdlov, já era um importante quadro do POSDR aos 19



Zinoviev, preso em 1908, aos 25 anos

lio o aguardava nos próximos meses. O cúmulo da ambição era permanecer o maior tempo possível no trabalho sem ser preso; manter-se firme diante dos gendarmes; aliviar, na medida do possível, a situação de seus camaradas; ler, na prisão, tantos livros quanto possível; escapar o mais rapidamente possível do exílio e ir para o exterior para adquirir sabedoria lá; depois retornar à atividade revolucionária na Rússia.”¹⁰

Após o racha de 1903, onde o POSDR se dividiu em duas alas, os Bolcheviques (maioria) e os Mencheviques (minoria), os revolucionários passaram pela experiência da primeira revolução russa, em 1905. Essa experiência foi fundamental e, de acordo com a análise de Lenin e Trotsky, ela foi a escola que preparou a revolução de 1917.

No período entre as duas revoluções, os bolcheviques intervêm na juventude e no movimento operário. Nas cidades universitárias, como explica Pierre Broué em *O Partido Bolchevique*, o trabalho dirigido aos estudantes tem grandes proporções “pois nestas existem diretórios estudantis socialdemocratas e associações socialistas onde se enfrentam estudantes pertencentes às diferentes frações”.¹¹ Eles se inserem nos diretórios e associações para ganhar os estudantes e, quando podem, fazem o mesmo traba-

lho no ensino médio.

Broué também relata como os revolucionários também se dedicavam aos estudos, sendo alguns deles brilhantes teoricamente, como Piatakov e Bukharin. Para a maior parte desses jovens o partido é literalmente uma escola, onde aprendem a ler, a escrever e cada estudante se torna em um “guia de estudos” que reúne um grupo ao seu redor para estudar e discutir política.

Nas escolas de quadros discutem a história do partido russo, do movimento operário ocidental, literatura, direito, economia política, a questão agrária e técnica jornalística. Broué completa:

“Naturalmente, nem todos os bolcheviques são poços de ciência, mas sua cultura se eleva muito acima do nível médio das massas. Em suas fileiras encontram-se alguns dos intelectuais mais brilhantes de nossa época. Sem dúvida alguma, o partido educa e, em todos os aspectos, o revolucionário profissional está longe de ser o burocrata precoce que é descrito pelos detratores do bolchevismo.”¹²

AS TAREFAS DA JUVENTUDE

Os anos de experiência militando ainda jovens e depois buscando construir nas organizações de juventude foram fundamentais para os bolcheviques entenderem o papel da juventude na luta revolucionária. Também, com a vitória da revolução em 1917, eles começaram a discutir e pensar nas tarefas das novas gerações na construção de uma nova sociedade. A maior expressão desse pensamento pode ser encontrada no discurso de Lenin de 1920, no III Congresso de Toda a Rússia da União da Juventude Comunista.

Nele, Lenin explica que a maior tarefa de um jovem consiste em aprender. Um jovem, segundo Lenin, deve aprender o comunismo para então construir uma sociedade comunista e complementa:

“À primeira vista, naturalmen-

te, surge a ideia de que aprender o comunismo é assimilar a soma de conhecimentos que expõem os manuais, brochuras e trabalhos comunistas. Mas isso seria definir de um modo demasiado grosseiro e insuficiente o estudo do comunismo.”¹³

Como, então, podemos aprender a ser comunistas? Adquirindo o conhecimento de tudo o que a humanidade acumulou, inclusive a burguesia. Essa é uma questão crucial para a juventude, pois se trata de aprender a absorver criticamente o que a humanidade produziu até o momento e saber utilizar tudo o que é necessário para a construção de uma nova sociedade, para derrubar o regime da propriedade privada dos grandes meios de produção.

Não sabemos como será uma sociedade comunista, mas sabemos que a ciência produzida pela sociedade burguesa não será descartada. Apenas que a utilizaremos de maneira que ela não atenda a necessidade do “mercado” nem da guerra, mas sim da sociedade e que vamos desenvolvê-la ainda mais possibilitando a descoberta de cura para as doenças, novas tecnologias que nos permitam viajar mais rápido ou ir a lugares mais distantes etc.

Mas esse conhecimento é necessário também para o agora, pois o próprio pensamento comunista surge da atual sociedade, como explica Lenin:



“(...) a doutrina de Marx pôde conquistar milhões e dezenas de milhões de corações na classe mais revolucionária (...) porque Marx se apoiava na sólida base dos conhecimentos humanos adquiridos sob o capitalismo. Ao estudar as leis do desenvolvimento da sociedade humana, Marx compreendeu a inevitabilidade do desenvolvimento do capitalismo, que conduz ao comunismo e – o que é essencial – demonstrou-o baseando-se exclusivamente no estudo mais exato, mais pormenorizado e mais profundo dessa sociedade capitalista, por ter assimilado plenamente tudo aquilo que a ciência anterior tinha dado.”¹⁴

Engels conta em uma carta que aprendeu mais sobre a história da França lendo Balzac do que em todos os livros de historiadores da sua época. A última peça de Tchekóv, O jardim das cerejeiras, encenada pela primeira vez em 1904, retrata a sociedade russa entre os anos 1870 e 1890 ao nos apresentar uma família aristocrata decadente, um burguês ignorante, porém em plena ascensão econômica e a intelectualidade crítica,

mas que não consegue se desvincular das classes dominantes de sua época. A melhor obra de Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas, apresenta ao leitor um burguês medíocre de um país atrasado no século XIX.

O cinema, a música, as artes plásticas, tudo o que já produzimos de arte faz parte de um vasto material de acúmulo de nossas experiências, impressões do mundo que nos cerca. O mesmo vale para a ciência e para o conjunto do conhecimento aculado pela humanidade até hoje.

Mas Lenin, Marx, Engels, Trotsky e tantos outros não aprenderam apenas com os livros. Como demonstrado anteriormente, os quadros bolcheviques vinham da luta prática, dos embates nas escolas, nas fábricas, no dia a dia da luta de classes. Só é possível se tornar um comunista quando o estudo aprofundado do mundo em que vivemos é conectado com a luta dos trabalhadores contra a sociedade capitalista. Essa foi, como dizem os marxistas, a “escola do bolchevismo”:

“Quando os homens viram como os seus pais e mães viveram sob o jugo dos latifundiários e capitalistas, quando eles próprios participaram nos sofrimentos que se abatiam sobre aqueles que iniciaram a luta contra os exploradores, quando viram quantos sacrifícios custou a continuação dessa luta para defender aquilo que foi conquistado e viram que inimigos furiosos são os latifundiários e os capitalistas, esses homens foram educados como comunistas.”¹⁵

A única classe verdadeiramente revolucionária na sociedade burguesa é a classe trabalhadora. As contradições do regime burguês transformaram a camada mais explorada da sociedade na única capaz de destruir o próprio regime. Nenhuma lâmpada acende, nenhuma roda gira sem as mãos da classe trabalhadora. E será na juventude que essa classe encontrará um forte ponto de apoio, cheio de vivacidade, coragem e disposição de luta.

Fim da 1ª parte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 TROTSKY, Leon. **Uma carta à juventude**. Arquivo Marxista na Internet. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1938/mes/carta.htm>> Acesso em: 1º mar. 2019.
- 2 SPRAGUE, Ted. **Lenin, His Youth, and His Formation**. Marxist International Tendency, 2010. Disponível em: <<https://www.bolshevik.info/lenin-his-youth-and-his-formation.htm>> Acesso em: 28 fev. 2019.
- 3 WOODS, Alan. **Bolchevismo: el camino a la revolución**. Centro de Estudios Socialistas Carlos Marx, 2017, p. 51.
- 4 *Ibid.*
- 5 TROTSKY, Leon. **História da Revolução Russa**. São Paulo: Sundermann, 2007, p. 63.
- 6 SPRAGUE *apud* Ronald W. Clark, **Lenin**. New York: Harper & How, 1988, p.16.
- 7 SPRAGUE, Ted. **Lenin, His Youth, and His Formation**. International Marxist Tendency, 2010. Disponível em: <<https://www.bolshevik.info/lenin-his-youth-and-his-formation.htm>> Acesso em: 28 fev. 2019.
- 8 LUNATCHARSKI, Anatóli. **Revolutionary Silhouettes**. 1923. Disponível em <<https://www.marxist.com/revolutionary-silhouettes.htm>>. Acesso em: 1º mar. 2019.
- 9 WOODS, Alan. **Bolchevismo: el camino a la revolución**. Centro de Estudios Socialistas Carlos Marx, 2017, p. 155.
- 10 TROTSKY, Leon. **Stalin: uma análise do homem e de sua influência**. São Paulo: Editora Marxista e Editora Movimento, 2017, p. 138.
- 11 BROUÉ, Pierre. **O Partido Bolchevique**. São Paulo: Sundermann, 2014, p. 62.
- 12 *Ibid.* p. 64.
- 13 LENIN, Vladimir Ilich. **Obras escolhidas, Tomo 3**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 2004, p. 387.
- 14 *Ibid.* p. 388.
- 15 *Ibid.* p. 394.

A longa caminhada do Movimento Negro pela emancipação e o combate do MNS

Roque Ferreira

A escravidão no Brasil durou três séculos, de 1550 até 1888. Foram 300 anos de muita luta e resistência contra o regime escravocrata e sua crueldade que desumanizava o povo negro. Vários foram os movimentos de resistência e de luta, sendo que até 1695 a quilombagem era a movimento de resistência mais eficiente.

Os Quilombos eram o refúgio dos escravos fugitivos de engenhos e fazendas. Palmares foi o quilombo mais importante do período colonial brasileiro e sua origem remonta a 1580, localizado na Serra da Barrica, no Estado de Alagoas.

Chegou a ter mais de 20 mil habitantes em mais de um século de existência e resistência.

Em 1695, o Império consegue derrotar os quilombolas, com uma expedição de mais de seis mil homens que contava também com artilharia e era comandada pelo mercenário denominado de “bandeirante”, Domingos Jorge Velho. Zumbi é capturado e assassinado, e sua cabeça exposta no centro de Recife, capital da província de Pernambuco. Com todo seu comando militar assassinado, o quilombo de Palmares se desintegrou definitivamente em 1710.

No meio do século XIX já não havia mais como manter a escravidão no Brasil. As lutas contra escravidão negra tomavam conta do país. As homenagens que até hoje recebe Zumbi são o testemunho da luta heroica e dolorosa de todo o povo negro, hoje parte importante da classe trabalhadora brasileira, para se libertar de toda opressão e exploração. Inúmeras revoltas populares se somavam às rebeliões de escravos, os assaltos a fazendas, justicamento de fazendeiros, fugas em massa de fazendas.

Nas décadas de 1830 e 1840, o país havia vivido algumas das suas maiores rebeliões ou guerras internas. Entre 1835 e 1840 a província do Grão-Pará (atualmente os estados do Pará, parte do Amazonas, Amapá e Roraima) conheceu as revoltas da “cabanagem”, nome dado aos negros, índios e mestiços que viviam nas cabanas. Eles chegaram a tomar Belém e instituir um governo próprio, em choque frontal com a monarquia escravagista. Esta grande luta popular pagou um tributo de 40 mil mortos tombados na luta por liberdade e igualdade.

A Balaiada, no Maranhão, que durou de 1838 a 1841, teve como herói da monarquia o militar que ganhou ali seu primeiro título de nobreza, o Barão de Caxias (uma das mais importantes cidades do Maranhão), que viria a ser o Duque de Caxias, patrono do exército brasileiro, militar que se especializou em cometer genocídios. Como herói das classes populares, o negro Cosme, líder de um quilombo, comandou cerca de três mil homens armados em combates contra as tropas da monarquia. Mesmo na Guerra dos Farrapos, que se



estendeu de 1835 a 1845, no Rio Grande do Sul, quando a elite local chegou a proclamar a República do Piratini, os negros jogaram um papel importante e, por sugestão do italiano Giuseppe Garibaldi, conquistaram a reivindicação de libertação de todos os negros que lutaram ao lado de Bento Gonçalves contra a monarquia criando os batalhões de lanceiros negros.

O Brasil chegava ao fim do século XIX marcado por rebeliões e imerso numa profunda crise econômica. Esta situação tensa, fruto do agravamento constante das crises econômicas no mercado mundial, juntava-se à pressão internacional da burguesia, que não podia permitir a continuidade da concorrência de produtos da mão-de-obra escrava. Mas, a escravidão não caiu de madura: foi derrotada pela primeira luta popular de caráter nacional da história brasileira.

O Movimento Abolicionista juntou negros, brancos, mestiços e mulatos. Entre seus líderes, estavam ex-escravos. Enquanto, nas fazendas, os escravos se rebelavam e fugiam ajudados pelos abolicionistas, outros atores entravam em cena. Os trabalhadores ferroviários do Estado de São Paulo e os operários tipógrafos, núcleos de uma classe operária ainda em formação, participaram ativamente do movimento, escondendo e transportando os negros fugidos para o Quilombo de Jabaquara na baixada santista, e para o Ceará, onde desde 1883 não havia mais escravidão, e imprimindo os panfletos antiescravistas. Há que se destacar também neste período a importância do movimento dos Jangadeiros do Ceará, que se recusavam a transportar e embarcar os poucos escravos ainda existentes no Ceará, para os estados do sul e sudeste.

A Abolição da Escravidão, no Brasil, foi resultado de um processo histórico complexo, onde o Movimento Abolicionista integrou instituições políticas, instituições da sociedade, espaços públicos, e também teve sua parte clandestina

principalmente no Estado de São Paulo, com o movimento dos Caifazes.

OS CAIFAZES

Os Caifazes constituíram uma das vertentes mais radicalizadas do movimento abolicionista, aproximando-se e apoiando as fugas dos escravos. Publicado por Tales dos Santos Pinto em “Segundo Reinado”:

“Durante a década de 1880, a luta pelo fim da abolição conheceu certa radicalização de alguns de seus setores, conformando o que viria a ser conhecido como movimento abolicionista popular. Apoiando as fugas em massa e as rebeliões de escravos nas fazendas, essa vertente do movimento abolicionista aproximava-se das ações autônomas desenvolvidas pelos cativos, fortalecendo a luta contra a escravidão no Brasil.

Um desses grupos que ganharam destaque foi o dos Caifazes. Formado inicialmente por Antônio Bento de Souza e Castro (1843-1898), o grupo expandiu-se entre os setores populares da sociedade paulista na década final do Império, criando uma extensa rede de solidariedade à luta dos escravos.

Antônio Bento era membro de uma família abastada da sociedade paulista e formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi ainda delegado, promotor e juiz, mas acabou, com sua atuação, criando vários desentendimentos com os proprietários de escravos, já que favorecia os escravos. Um exemplo eram as ações judiciais em que Bento indicava abolicionistas para determinar o valor de alforrias, o que tornava o preço baixo e acessível aos escravos, ou mesmo com os despachos em que apontava a ilegalidade de manter no cativeiro escravos ingressados no país em 1831 e 1850. Posteriormente, Antônio Bento tornou-se jornalista, com o jornal A Redenção, divulgando os posicionamentos abolicionistas.

Um dos locais em que o grupo se

organizava era a irmandade católica de Nossa Senhora dos Remédios. Os Caifazes eram formados principalmente por tipógrafos, ferroviários, artesãos, pequenos comerciantes e ex-escravos. A atuação do grupo consistia em organizar e planejar em conjunto com os escravos das fazendas e das cidades fugas em massa, garantindo ainda condições para os deslocamentos dos fugidos. Uma das figuras que se destacaram nesse tipo de ação foi Antônio Paciência, que, como seu nome mesmo revela, era utilizado principalmente na observação das condições propícias às fugas.

Outra das figuras que contatavam os escravos nas fazendas eram os chamados “cometas”, caixeiros-viajantes que tinham acesso aos latifúndios. Após a realização da fuga, muitos desses escravos se dirigiam às ferrovias onde eram transportados clandestinamente com o apoio dos trabalhadores ferroviários. O destino era geralmente as cidades de São Paulo e Santos, no litoral da província.

Em muitos casos, os Caifazes conseguiram resgatar das mãos das forças policiais escravos que haviam fugido e tinham sido capturados, contando ainda com apoio popular. Esses resgates ocorriam mesmo à luz do dia, após a criação de alguma falsa confusão que facilitava a ação.

Na cidade portuária, os Caifazes constituíram ainda o Quilombo de Jabaquara, que chegou a receber cerca de 10 mil escravos fugidos. Nesse local e também em outras cidades, as relações estabelecidas com comerciantes e alguns industriais garantiam empregos aos escravos que escapavam do cativeiro.

Os fazendeiros viam que as garantias legais que tinham sobre a propriedade escrava eram retiradas na prática pelos próprios cativos e seus apoiadores. Eles passaram a protestar pelo fato de perderem o controle sobre a propriedade que tinham sobre as pessoas. Segundo Antônio Rodrigues de Azevedo Pereira, Barão de Santa Eulália, ‘negar-se que nesta Província [de São Paulo]

não há garantia para a propriedade escrava é não ver o sol. Aí está na Capital o Antonio Bento acolhendo negros de fazendeiros e os alugando por conta própria, sem que os donos possam reavê-los.'

*As ações dos Caifazes representavam a entrada do abolicionismo dentro das senzalas e eitos, aproximando, dessa forma, a insatisfação dos trabalhadores escravizados com a agitação proporcionada também pelo movimento abolicionista nas cidades. Com essas ações populares, atacava-se o principal pilar de sustentação do Império. Segundo Maria Helena Toledo Machado, 'o cimentar de solidariedade entre escravos, libertos, plebe e abolicionistas radicalizados, mesmo como virtualidade, foi percebido e combatido pelas autoridades, como um dos maiores desafios à superação controlada e conservadora da ordem escravista'*¹.

A RENDIÇÃO DO IMPÉRIO

Em 13 de maio de 1888, o império se rendia e a princesa Isabel assinava a Lei Áurea, que concedia a liberdade formal aos escravos, mas não garantia a sua emancipação.

Sobre a situação da população negra após a abolição, o sociólogo Florestan Fernandes em 1964, quando publicou sua obra "A integração do negro na sociedade de classes", afirmou: "a desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel".

PERÍODO PÓS ABOLIÇÃO

O povo negro foi jogado à própria sorte. Carregando os efeitos colaterais de 300 anos de escravatura, passa agora a ser vítima do racismo estrutural do Estado, a ser tratado como cidadão de segunda categoria, a ser considerado inimigo interno, portanto sistematicamente perseguido e assassinado pelos aparatos policiais, o que sem mantém até os dias atuais, 130 anos após a abolição da escravatura.

No início do século XX, ganha força no Brasil a ideologia da "democracia racial", que nega a existência de racismo no Brasil. Segundo o professor e pesquisador da Universidade Federal de Sergipe, Petrônio Domingues, "havia o reconhecimento do preconceito, mas não do racismo. Na comparação com o contexto segregacionista americano, no Brasil era muito melhor, estávamos 'livres' do racismo. Trata-se de um discurso extremamente eficaz, que foi propagado por mais de um século indo além da elite brasileira. A consequência disso é que essa ideologia serviu como entrave para os negros adquirirem consciência racial e lutarem contra as desigualdades no Brasil."

A resistência do povo negro colocava na ordem do dia um conjunto de reivindicações, sendo que a principal era de ser reconhecido como parte da população brasileira em igualdade de condições, sendo que viviam à margem, num verdadeiro limbo social. A resistência neste período se dá através de movimentos diversos como associações esportivas, culturais, clubes de baile, associações de auxílio mútuo de homens de cor, que promoviam uma série de ações para congregar a população negra.

Em 16 de setembro de 1931, durante o Governo de Getúlio Vargas, surge, em São Paulo, a Frente Negra Brasileira, que tinha como objetivo central integrar a população negra à sociedade. Chegou a ter 20 mil associados, com uma forte atuação social em um período em que o desemprego atingia em cheio o homem negro e as mulheres negras, atuando como domésticas, se tornaram o pilar de sustentação das famílias.

O nível de representatividade da Frente Negra Brasileira era tão grande e consolidado que se transformou em um partido político com o objetivo de buscar a representação negra na institucionalidade. Com o advento da Ditadura



Retrato de carregadores, Bahia 1900. Foto: The New York Public Library

Vargas, em 1937 a Frente Negra foi colocada na ilegalidade, assim como todos os partidos políticos, sendo levada a extinção.

Após o Estado Novo, vários grupos começam a se organizar, como a União dos Homens de Cor, em 1943, e o Teatro Experimental do Negro, em 1945, por Abdias do Nascimento, onde o conteúdo das peças encenadas tratava da exploração do negro brasileiro e o racismo a que era submetido. Já na década de 60, a influência do Movimento Pelos Direitos Civis nos Estados Unidos, a luta pela libertação das colônias africanas, os movimentos Black Power e “Black is Beautiful”, faz surgir uma série de movimentos de denúncia do racismo e da exclusão da população negra no Brasil.

O período da ditadura civil militar, iniciado em 1964, com a derrubada do governo João Goulart, teve como consequência uma brutal repressão ao movimento sindical, aos movimentos sociais, ao movimento estudantil e às organizações de esquerda, esmagando qualquer possibilidade de reação organizada, sendo neste período enquadrados como inimigos a serem abatidos os movimentos que discutissem a questão racial no Brasil.

Na metade da década de 70, com o fim do “milagre brasileiro”, abre-se uma crise no regime ditatorial, o que permite, mesmo que clandestinamente, a retomada e a organização operária e popular, que consegue furar os bloqueios impostos pela ditadura, como Movimento Contra a Carestia e as greves operárias do ABC, em 1978 e 1979.

Foi o que ocorreu em 18 de junho de 1978, com a ocupação das escadarias do Teatro Municipal por várias entidades negras e personalidades negras da luta antirracista, reunindo em torno de duas mil pessoas, sob forte cerco policial para protestar, denunciar a violência racial e a morte do jovem Robson Silveira da Luz, assassinado no 44º



Manifestação do MNU. Foto: Jesus Carlos

Distrito Policial de Guaianazes, e a discriminação racial que sofreram jovens negros do Clube de Regatas Tiete. Surgia então o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, e, em 07 de julho, ocorreu sua apresentação oficial como Movimento Negro Unificado, com uma base política classista e antirracista, e que completará, agora, em 2019, 41 anos de existência, com muitas mudanças em sua forma de atuação e também em seu programa.

NOVA REPÚBLICA

Com o fim da ditadura e o advento da Nova República, ocorre um processo de institucionalização e fragmentação do Movimento Negro. Muitas lideranças passam a integrar mandatos parlamentares, a ocupar cargos de confiança em governos das três esferas, surgem uma infinidade de associações, ONGS, movimentos culturais como o Hip Hop, coletivos com as pautas mais diversificadas, como, por exemplo, o acesso à educação, a questão da mulher, o combate à intolerância religiosa e a violência policial.

Na metade dos anos 90, este cenário começa a mudar e os mo-

vimentos negros passam por um processo de mudança radical, principalmente após a Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, promovida pela ONU, e realizada entre 31 de agosto e 8 de setembro de 2001, na cidade de Durban, na África do Sul.

Após a Conferência de Durban ganha força o multiculturalismo e as políticas de reparação como afirma Serge Goulart em seu livro “Racismo e Luta de Classes”: “A política das Reparações foi apresentada pelos movimentos negros nacionalistas, ou pan-africanistas, como uma saída ‘radical’ na luta contra o racismo e o imperialismo. Começou sendo apresentada como uma forma aparentemente radical de se opor às políticas afirmativas, às cotas e outras. Sua origem, entretanto, é a política reacionária das reparações de guerra. Esta política perde suas raízes no tempo. Ela sempre foi utilizada pelos estados vencedores como uma forma de ampliação da pilhagem sem a destruição de seu adversário. É um substituto inteligente da política de terra arrasada e da conquista direta. O movimento negro nacionalista pan-africanista que encara a questão como um problema de guerra entre nações (o povo negro da diáspora) empalmou esta política como palavra de ordem de exigência de reparação pela morte de milhões de negros como escravos, e pela destruição econômica e social da África. Na aparência radical e anti-imperialista, esta exigência, na prática, desloca a luta de classes para uma luta política de ‘africanos’ contra europeus, norte americanos e latinos americanos, que teriam se aproveitado da escravidão para ‘construir seus privilégios’ (grifo nosso) e que agora teriam que pagar por isso. Ela de fato coloca os ‘negros’ em oposição ‘aos brancos’, apagando a luta de classes e a opressão de classes do sistema capitalista”.

Em 2004, esta discussão ganha corpo e se aprofunda, pois chega de modo bastante forte a uma

significativa parcela da população, em virtude do debate aberto sobre os projetos de lei que oficializam a reserva de vagas para negros nas universidades e o Estatuto da Igualdade Racial.

A efervescência dos debates sobre o tema foi uma demonstração inequívoca da importância dos assuntos para toda população, em particular para a classe trabalhadora, que tem uma grande parcela de negros. Com a ofensiva dos defensores das ditas políticas afirmativas, impulsionados por ONGs, instituições internacionais, Fundação Ford etc., encontrando a resistência daqueles que se apoiavam na luta pela igualdade e pelo socialismo e que se posicionaram contra, organizando o combate por vagas para todos e contra as políticas racialistas, o debate recolocou ao alcance das massas a discussão do racismo, que é um dos grandes problemas do Brasil. O enfrentamento entre os racialistas (defensores de cotas, políticas afirmativas, reparações etc.) e os defensores da luta pela igualdade política, econômica e social de toda a classe trabalhadora, que afirmam que é preciso lutar contra toda desigualdade, opressão e exploração, mas que a para derrotar o racismo é preciso derrotar o capitalismo, ganhou uma ampla visibilidade social, forçando o debate sobre a questão racial no Brasil e a situação de exploração que é imposta historicamente aos negros.

Os debates realizados fizeram florescer as divergências existentes dentro do movimento negro, principalmente sobre a questão que envolve classe/raça, o que se materializou em três posições. De um mesmo lado dois grupos de negros: os defensores da luta contra o racismo desvinculado da questão de classe, e aqueles que consideravam a questão de classe um fator determinante, mas que naquele momento abdicam deste combate e se associam ao primeiro para fazer a defesa das políticas afirmativas, como instrumento de re-

parações alegando que seriam reivindicações parciais e transitórias. São os cotistas radicais vinculados principalmente a organizações não governamentais, institutos, organizações religiosas, grupos de acadêmicos, universidades, cujos projetos são financiados principalmente por recursos de grandes corporações privadas que aplicam o conceito de “responsabilidade social”, bancos e fundações internacionais, como a Fundação Ford.

Na outra ponta deste debate estão aqueles, como os integrantes do Movimento Negro Socialista (MNS), que se colocavam contrários às políticas afirmativas, na medida em que se constituíam como eixos estruturantes de uma política de integracionismo negro ao capitalismo e ao Estado burguês, que nos discrimina e explora. E que ao contrário de ser uma reivindicação transitória trata-se de uma política que divide os negros, fazendo-os disputar entre si as migalhas e busca separar a classe trabalhadora entre trabalhadores negros e brancos na disputa pelo mercado de trabalho. E que afirmam que, no Brasil, a condição de classe é um fator determinante nas questões raciais. A partir desta constatação defendem que a luta de combate ao racismo deve estar ligada à luta de classes, sem que por isso se deixe de lutar contra toda e qualquer manifestação racista porque “seria preciso esperar acabar com o capitalismo para resolver a questão”, como afirmavam décadas atrás os velhos stalinistas. Para os revolucionários toda luta parcial contra a opressão e a exploração é parte integrante, e não deve ser levada separadamente, da luta contra o capitalismo.

Os dois primeiros grupos integracionistas afirmam que as políticas universalistas inscritas na constituição republicana, foram incapazes de “incluir o negro”, lhes negando o acesso aos serviços públicos essenciais, não se dando conta que a luta organizada do povo negro e não negro para garantir a

aplicação desses direitos adquirem um caráter revolucionário nos dias atuais, pois se chocam com as políticas implementadas pelos governos, que para atender aos interesses do capital financeiro nacional e internacional e das grandes corporações transnacionais mantêm o superávit primário retirando bilhões de dólares que poderiam ser aplicados no país, para pagar os juros da dívida externa.

Este choque de opiniões levará, com certeza, a população negra, principalmente a classe trabalhadora e a juventude pobre e periférica, a compreender que dentro da atual estrutura republicana, baseada na propriedade privada dos meios de produção e na exploração do homem pelo homem, não há saída para negros e brancos pobres.

O combate realizado de forma organizada nas lutas do dia a dia, em defesa das reivindicações justas como educação pública, gratuita, em todos os níveis para todos, saúde pública e gratuita para todos, reforma agrária, demarcação das terras dos quilombos remanescentes, emprego, salário decente, aposentadoria pública e solidária, fim da violência policial, o que garantiria condições de vida decentes, pavimentaria o caminho para construirmos as forças da revolução socialista e o instrumento político de massa no qual os negros e não negros pobres se reconheçam como irmãos, para lutar com o objetivo de conquistar o poder.

Os setores do movimento negro que negam a questão de classe, que impulsionam o “identitarismo”, que defendem a integração pura e simples dentro da ordem burguesa, cumprem o papel, apesar de seu radicalismo discursivo, de contribuir com o processo histórico de manutenção do racismo. Uma boa parte almeja ser integrada aos setores de classe média, e serem reconhecidos como parte de uma pseudo elite.

Os negros no Brasil não estão no que se convencionou chamar de classe média-baixa, média ou mé-

dia-alta, de modo equilibrado, em relação aos brancos. Existe um número insignificante de negros que vagam por estes estratos. A maioria esmagadora dos negros brasileiros está confinada nas classes subalternas, o que nos leva a afirmar ser impossível combater o racismo de maneira eficaz se a questão de classe não estiver inserida como um elemento determinante deste processo.

Por isso, podemos afirmar que com aqueles setores do movimento negro que defendem as políticas afirmativas como uma questão tática, e não negam a questão de classe, é possível e se deve buscar a unidade de ação, o que exigirá uma discussão paciente, honesta, objetivando criar as condições para galvanizar os dois elementos, o que é central para a luta antirracista.

Os Partidos Comunistas (stalinistas) durante muito tempo trataram a questão do negro de modo rebaixado. De forma burocrática e ditatorial impunham a tese de que a questão do racismo seria resolvida quando o socialismo fosse instituído. Esta postura acabou por influenciar outras organizações políticas que se reivindicam de esquerda, onde a questão dos negros é praticamente inexistente em seus programas e teses. Ainda hoje, mesmo sendo os negros um grande e explorado estrato da classe operária, eles não se sentem representados pelos partidos que pretendem falar em nome da classe e se reivindicam socialistas e/ou comunistas, porque as agruras que o negro sofria, e sofre ainda hoje, são vistas com o olhar simplificador de que tudo vai ser resolvido “um dia”, após o capitalismo. O que abre caminho para toda sorte de embusteiros e suas ideias estranhas aos interesses da classe trabalhadora.

Recusam-se a levar em conta as especificidades de ser negro no Brasil, e toda carga repressiva presente na cultura racista da burguesia e seus aliados, que mantém os negros em quase sua totalidade

confinada em favelas, palafitas, bairros miseráveis, como um grande estoque racial de reserva de mão de obra barata, destinada aos trabalhos insalubres, perigosos, penosos e mal pagos. O estado burguês, dito “republicano”, se apresenta nestes locais, através do seu aparelho repressivo, praticando uma enorme violência étnica e racial, principalmente contra a juventude negra, através de sua eliminação física deliberada, usando seu braço armado que é a polícia. Isso tem um objetivo político: “manter os negros em seu lugar” e reafirmar a cada momento que jovens negros e pobres ou são bandidos, ou vão acabar bandidos. É uma política de terror contra a classe trabalhadora, e de divisão, para melhor reinar da forma bárbara como o capitalismo existe no Brasil e na maioria dos países do mundo.



Combater a classe dominante branca exploradora, racista e seu Estado reacionário é uma tarefa central, como também é central combater uma minoria negra que integra as classes dominantes ou busca se integrar a elas e seus diversos extratos. Estas alcançaram os confortos da burguesia ou da pequena-burguesia, e passaram a

atacar os movimentos negros que combatem a prática da caridade, via ONGs ou “coletivos”, que se constituem em instrumentos de cooptação de parcela de negros para o mundo do capitalismo decadente. Esses negros interessados nos valores burgueses ou pequeno-burgueses são um obstáculo à luta emancipatória da maioria esmagadora do povo negro. A luta contra o racismo, a exploração de classe, está exclusivamente nas mãos grande maioria negra oprimida e explorada.

O Movimento Negro Socialista, constituído em 13/5/2006 como um comitê permanente de socialistas contra o racismo e o racismo, teve como propósito desde sua fundação ajudar os negros a se organizarem para combater o racismo e a exploração de classe, tarefa que se agiganta com a eleição do reacionário Bolsonaro.

A vitória de Bolsonaro, em outubro, com seu programa de ampliação dos planos de austeridade e a difusão de valores reacionários como o racismo, machismo, homofobia, exigirá do proletariado, e entre estes, os negros, uma elevação de sua organização enquanto classe para travar o combate e para se defender.

Ao se falar em “pobres” no Brasil, automaticamente estamos falando, também, da maioria da população negra, que será a mais prejudicada pelas políticas recessivas anunciadas pelo governo, que atingirão em cheio os serviços públicos – previdência, saúde, educação – como o que já ocorre com o congelamento de gastos públicos.

Para colocar em prática todas as medidas anunciadas pelo seu super ministro Paulo Guedes, Bolsonaro será obrigado usar todo o aparato repressivo do Estado como a polícia, o judiciário, e outros para sufocar qualquer movimento da classe trabalhadora e das massas contra seus planos de austeridade. A pretensão de Bolsonaro é sufocar a luta de classes por meios policiais. Isso aumentará de manei-

ra substancial a violência contra a população negra e com certeza enfrentará uma enorme resistência da classe trabalhadora, incluindo nessa massa uma grande parte de seus iludidos eleitores.

A vitória de Bolsonaro foi o enterro da Nova República, do pacto social efetivado com a Constituição de 1988 e da democracia burguesa que sustenta o sistema de exploração de classe. Uma grande parte das massas, onde estão incluídos os negros, deixou claro que pouco lhe importa esse sistema que só fez até agora piorar suas vidas e ampliar seu sofrimento e a angústia permanentemente.

A campanha eleitoral e o resultado das eleições demonstram de forma inequívoca que a negação da luta de classes como um dos pilares centrais da luta antirracista, posição esta defendida por vários segmentos do movimento negro adaptado, contribui para “despolitizar” nossas lutas, confiando-as nas bolhas dos pós-modernistas, principalmente dentro das universidades, alimentando entre a vanguarda a ilusão de que poderiam ser incluídos neste sistema e nesta ordem como empreendedores, a nova nomenclatura para capitalismo.

Aos trabalhadores negros estão reservados os piores empregos. Existe um número insignificante de negros que conseguem sair dessa situação. A aplicação das políticas sociais compensatórias dos últimos governos não mudou em nada essa situação. O Brasil é o segundo país do mundo em população negra, ficando atrás somente da Nigéria. Mais de 51% da população



são esmagados pela pobreza e pela violência do racismo através da discriminação e dos preconceitos, que naturaliza a violência oficial do Estado via seus aparatos repressivos, especialistas em assassinar jovens negros e pobres (são mais de 63 mil mortos a bala por ano no Brasil, a maioria sendo jovens, homens e negros).

A repressão policial, em particular os assassinatos cometidos nas “incursões” nos bairros operários de São Paulo e Rio, sempre tem jovens negros mortos como consequência. A política integracionista ao sistema e à ordem, que tem muitos adeptos no meio universitário e acadêmico, faliu definitivamente, pois o sistema capitalista nesta sua fase de apodrecimento necessita cada vez mais excluir milhões e dividir a classe trabalhadora para

continuar a garantir a manutenção da taxa de lucro dos banqueiros e das grandes corporações, assim como os privilégios da exploração de classe.

A tarefa central para o próximo período para a população negra e para a luta antirracista é estar junto à classe trabalhadora, aos sindicatos, aos movimentos populares no combate contra este governo e ao que ele defende e representa, ou seja, o capitalismo. Nessa dinâmica vigorosa da luta de classes, como trabalhadores, devemos ter como perspectiva a construção de um partido, de fato, dos trabalhadores, que se coloque claramente como um partido da revolução socialista, onde a classe trabalhadora negra e sua juventude se sinta representada e seja protagonista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ MACHADO, Maria Helena Toledo. Escravos e cometas. Movimentos Sociais na década da abolição. Disponível em <<http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/62/67>>
- ² História - O destino dos negros após a Abolição. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23>
- ³ GOULART, Serge. Racismo e Luta de Classes. Conhecer, 2002.



Cartazes de Rosa Luxemburgo e Lenin em manifestação contra a guerra do Vietnã, em Berlim, em fevereiro de 1968. Foto: Rogge/ ullstein bild (Getty Images)

100 anos do assassinato de Rosa Luxemburgo - Uma homenagem à luta pelo socialismo

Maritania Camargo

“A pequena e franzina Rosa era a personificação de uma energia sem igual. A cada momento exigia sempre o máximo de si mesma, e o conseguia. Quando, esgotada, ameaçava entrar em colapso, ela ‘descansava’ tendo um desempenho ainda maior. No trabalho e na luta cresciam-lhe asas.” (Clara Zetkin)

O ano de 2019 marca os 100 anos da morte de Rosa Luxemburgo. Como não é possível ignorar ou apagar a história, a burguesia tenta ludibriar as verdadeiras lições de Rosa, as verdadeiras lições legadas pelos revolucionários. Como disse Lenin:

“Os grandes revolucionários foram sempre perseguidos durante a vida; a sua doutrina foi sempre alvo do ódio mais feroz, das mais furiosas campanhas de mentiras e difamação por parte das classes dominantes. Mas, depois da sua morte, tenta-se convertê-los em ídolos inofensivos, canonizá-los por assim dizer, cercar o seu nome de uma

auréola de glória, para “consolar” as classes oprimidas e para o seu ludíbrio, enquanto se castra a substância do seu ensinamento revolucionário, embotando-lhe o gume, aviltando-o. A burguesia e os oportunistas do movimento operário se unem presentemente para infligir ao marxismo um tal ‘tratamento’”. O capitalismo tenta de alguma forma transformar a imagem de Rosa Luxemburgo em um produto vendável, em especial tenta marcar Rosa Luxemburgo como uma “crítica” da Revolução Russa, o que, vindo da propaganda burguesa, é a mais pura difamação:

“Nessa situação, coube à tendên-

cia bolchevique o mérito histórico de ter proclamado e seguido, desde o início, com uma coerência férrea, a única tática que podia salvar a democracia e fazer avançar a revolução. Todo o poder exclusivamente nas mãos das massas trabalhadoras e camponesas, nas mãos dos soviets – essa era de fato a única saída para as dificuldades em que a revolução havia caído, o golpe de espada que cortava o nó górdio –, tirava a revolução do impasse e deixava o campo livre para que ela continuasse a se desenvolver sem entraves. O partido de Lenin foi, assim, o único na Rússia que compreendeu, nesse primeiro período, os verdadeiros in-

teresses da revolução, foi o elemento que a fez avançar e, nesse sentido, o único partido que praticou uma política realmente socialista. Isso explica também por que os bolcheviques, minoria proscrita, caluniada e acuada por todos os lados no início da revolução, se tornaram, num tempo muito curto, seus dirigentes e puderam reunir, sob a sua bandeira, todas as massas realmente populares: o proletariado urbano, o exército, os camponeses, assim como os elementos revolucionários da democracia, a ala esquerda dos socialistas revolucionários.” (A Revolução Russa)

As críticas de Rosa eram mais do que tudo um estudo da situação, à distância, que são muito bem explicadas nas palavras de Pierre Broué:

“Sabemos que Rosa Luxemburgo escrevera notas, ao mesmo tempo entusiásticas e fortemente críticas, acerca da tomada do poder pelos bolcheviques, do terror vermelho, da dissolução da constituinte e da suspensão das liberdades. Esquecemos frequentemente talvez que ela se opusera a sua publicação: tratavam-se de notas de trabalho para seu uso pessoal, ideias das quais ela não estava certa de ter o direito ou o dever de exprimir, devido à fraqueza de suas informações, que somente serão publicadas após sua morte, num contexto político que, evidentemente, lhes conferia um sentido diferente.”

Por outro lado, alguns movimentos vinculam a imagem da socialista alemã como símbolo do movimento feminista. Desde o início da militância de Rosa, as ideias feministas já existiam e já havia uma distinção muito bem demarcada entre a luta das mulheres operárias e a luta da burguesia.

“A mulher burguesa não tem nenhum interesse real em direitos políticos, pois não exerce uma função econômica na sociedade, pois usufrui dos frutos acabados da dominação de classe. A reivindicação por igualdade de direitos femininos é, onde ela se manifesta nas mulheres burguesas, mera ideologia de alguns

grupos fracos, sem raízes materiais, um fantasma da oposição entre a mulher e o homem, uma esquisitice. Por isso, o caráter anedótico do movimento das sufragetes.

A proletária precisa de direitos políticos, pois exerce a mesma função econômica que o proletário masculino na sociedade, se sacrifica igualmente para o capital, mantém igualmente o Estado, é igualmente sugada e subjugada por ele. Ela tem os mesmos interesses e precisa, para sua defesa, das mesmas armas. Suas reivindicações políticas estão profundamente enraizadas no abismo social que separa a classe dos explorados da classe dos exploradores; não na oposição entre o homem e a mulher, mas na oposição entre o capital e o trabalho.” (A Proletária)

O movimento feminista nada tinha que ver com o movimento da classe operária. Se na atualidade a palavra feminista, de alguma forma, nos parece familiar, essa é uma distorção histórica que precisa ser corrigida. Tanto é que Clara Zetkin, amiga de Rosa até o fim da vida, foi responsável pela fundação da Organização Internacional das Mulheres Proletárias e que, nas palavras de Paul Frolich: “Rosa e Clara firmaram uma aliança que se manteve firme em todas as lutas.”

Não, Rosa Luxemburgo, não foi uma feminista. É com o intuito de aprofundar essas questões teóricas que, em 2019, o Movimento Mulheres pelo Socialismo lançou a brochura com a resolução da CMI sobre “O marxismo e a luta contra as ideias estranhas à classe trabalhadora” e tem feito debates por todo o Brasil com essa temática, portanto, reivindicando o legado de Rosa Luxemburgo:

“É curioso observar que os marxistas são acusados de descuidar ou ignorar os problemas das mulheres. Mas os marxistas inscreveram os problemas das mulheres e o sufrágio masculino e feminino universal em seu programa desde o início. E isto antes das sufragistas...”

Tão logo o Partido Bolchevique tomou o poder na Rússia em 1917,

realizou o programa mais amplo da história para a emancipação das mulheres...” (O marxismo e a luta contra as ideias estranhas a classe trabalhadora)

Tampouco Rosa é uma imagem que o capitalismo possa utilizar. A águia, como a alcunhou Lenin, foi uma inimiga incansável da burguesia, uma verdadeira comunista. Uma marxista convicta. É daí que partimos para qualquer homenagem que queiramos fazer.

Rosa Luxemburgo nasceu e morreu entre revoluções. Seu nascimento foi em 5 de março de 1871, ano da Comuna de Paris, e sua morte em 15 de janeiro de 1919, em meio à Revolução Alemã. Como afirma Pierre Broué, Rosa Luxemburgo era um cérebro poderoso, uma escritora de talento, uma oradora invejável que provocava muito respeito e também um profundo ódio, seja por ser mulher, ter nascido judia ou simplesmente por ser uma revolucionária de envergadura notável. Filha de uma família judia emancipada e culta, em fins do século XIX, Rosa teve acesso a uma boa formação. O pai, um liberal progressista e que, muito provavelmente, não foi um socialista por ainda ter conhecimento limitado sobre o tema. Por outro lado, a mãe, uma mulher muito à frente de seu tempo, inclusive para as mulheres judias, com vasto conhecimento sobre literatura e arte polonesa e alemã, o que sem nenhuma dúvida marcou profundamente Rosa. Relata-se que em sua casa se falava sobre Goethe, Schiller e Mickiewicz como algo corriqueiro.

Com o objetivo de dar uma boa formação aos filhos, o pai de Rosa muda-se para Varsóvia quando a menina tinha cerca de 13 anos. Ainda no ginásio, conhece o movimento operário e junto com estudantes dá os primeiros sinais de sua liderança e revolta contra o Estado. Aos 16 anos já colabora com o Partido Socialista Revolucionário (Proletariat). Acredita-se que participou da fundação da Liga Polone-

sa de Trabalhadores, mas de todo modo foi muito próxima. Perseguida por seu engajamento, por participar do movimento ilegal polonês, é levada à fuga. Vai de Varsóvia a Zurique e é nas alturas de Zurique que a águia dá seus primeiros vãos notáveis.

Na Suíça conhece Leo Jogiches, um revolucionário lituano, e outros socialistas russos exilados, como Plekhanov. Leo será o seu dirigente e, de alguma forma, o homem que mais a influenciou em vida. Com ele tem uma relação amorosa de 15 anos e, politicamente, de toda a vida. Os registros são de que Rosa era uma mulher muito discreta na vida pessoal e muito eloquente na vida política. Sua grandeza era teórica, dirigente e, acima de tudo, militante.

Entre 1889 e 1897, frequenta a Universidade de Zurique e tem uma militância forte. Aos 26 anos defende o doutorado. No mesmo ano, casa-se burocraticamente com Gustav Lübeck com o objetivo de

torna-se cidadã alemã. É 1898, Rosa está em Berlim e tem nacionalidade alemã, conhece Clara Zetkin (amiga de Rosa até o fim da vida) e a partir de então se torna próxima dos grandes dirigentes do SPD – Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Socialdemocrata Alemão) –, Kautsky, Bebel, Clara Zetkin, e em especial torna-se amiga da família Kautsky. É no SPD que se tornará conhecida como uma das mais importantes dirigentes da história do movimento operário mundial.

Quando escreve “Reforma social ou Revolução?”, Rosa tem apenas 27 anos e se torna conhecida por travar neste texto uma dura luta contra Eduard Bernstein, dirigente do partido que se considerava o próprio herdeiro de Marx por ter com este militado, tão herdeiro que acreditava poder revisar a obra de Karl. Neste livro Rosa dá a primeira demonstração de seu porte. Aliás, há de se considerar, sem nenhuma dúvida, este livro um dos

pontos altos dos escritos de Rosa. Explica que a conciliação proposta por Bernstein está em total contradição com o socialismo científico. É sem dúvida uma obra obrigatória para todo revolucionário:

“A maior conquista da luta da classe proletária, no decurso da sua evolução, foi descobrir que a realização do socialismo encontra apoio nos fundamentos econômicos da sociedade capitalista. Até esse momento o socialismo, que era um ‘ideal’, objeto dos sonhos milenários da humanidade, tornou-se uma necessidade histórica.” (Reforma ou Revolução?)

Entre 1900 e 1914, Rosa participará ativamente da Internacional, de congressos, de polêmicas e das famosas divergências com Lenin, o que não impediu que Lenin, após sua morte, tenha defendido sua obra como um todo, mesmo que Rosa tenha cometido muitos erros teóricos, seja na questão nacional, seja na discussão sobre a organização do partido. Lenin



Rosa e Clara Zetkin

explica que Rosa tinha toda a razão sobre a questão política para a Polônia, mas generalizava para a questão nacional. Justamente aí há uma diferença entre eles, com Lenin defendendo o direito à autodeterminação dos povos, questão que Rosa nunca compartilhou. Rosa passou longos anos estudando a Polônia e por fim concluiu que a independência nacional não poderia ser o objetivo do proletariado polonês, ao passo que Lenin anos mais tarde fala sobre o mesmo tema, sob a luz dos acontecimentos, dizendo: *“Levantar o lema da independência da Polônia agora, no atual estado das relações entre os Estados imperialistas vizinhos, significa correr atrás de utopias, incorrer no nacionalismo mesquinho e esquecer as precondições das revoluções, inclusive da russa e da alemã. [...] A situação, sem dúvida, é muito confusa, mas há uma saída que permitiria a todos os envolvidos permanecer internacionalista: esse seria o caso se os socialdemocratas russos e alemães exigissem para a Polônia a ‘liberdade de separação’ incondicional e os socialdemocratas poloneses lutassem pela unidade da luta proletária nos países pequenos e nos países grandes, sem levantar o lema da independência da Polônia”*.

Sua concepção sobre a forma de organização do partido foi um erro que sem dúvida contribuiu, de forma indireta, para seu assassinato sob responsabilidade da socialdemocracia. A falta de uma organização partidária tal qual os bolcheviques souberam construir foi uma falta central na Revolução Alemã.

O texto “Questões de organização da socialdemocracia russa” é uma dura crítica ao livro de Lenin “Um passo à frente, dois passos atrás”, onde o centro do debate é a organização partidária. Rosa fala com desdém daquilo que intitula “ultracentralismo”, ou seja, o centralismo democrático. Crítica os estatutos da socialdemocracia russa, afirmando que os métodos de organização propostos por Lenin são de delegar poderes irrestritos ao comitê central do partido, uma disciplina partidária rigorosa aos extremos, segundo ela.

Lenin responde ao texto de Rosa de forma dura e precisa, agradecendo os alemães por se preocuparem com a literatura partidária russa, mas explicando que as críticas de Rosa são totalmente infundadas ao que Lenin realmente havia escrito e defendido. Aponta todos os equívocos de Rosa: *“mas devo indicar que o artigo de Rosa Luxemburgo na Neue Zeit não dá a conhecer aos leitores o meu livro, mas algo diferente. É o que se vê pelos exemplos seguintes. A camarada Luxemburgo diz, por exemplo, que no meu livro se exprimiu distinta e claramente a tendência de um ‘centralismo intransigente’. A camarada Luxemburgo supõe, deste modo, que eu defendo um sistema organizativo contra um outro. Mas de fato não é assim. Ao longo de todo o livro, da primeira à última página eu defendo os princípios elementares de qualquer sistema de qualquer organização partidária concebível”*.

Mais tarde, quando Lenin fala sobre a brochura de codinome “Junius”, os erros do passado ficam mais evidentes e Lenin retoma a crítica e, ainda que elogie o texto “Junius” de modo geral, faz precisões que considera indispensáveis aos marxistas: *“A maior deficiência de todo o marxismo revolucionário na Alemanha é a ausência de uma organização ilegal coesa que aplique sistematicamente a sua linha e eduque as massas no espírito das novas tarefas”*.

A história foi capaz de mostrar a Rosa, ainda em vida, o seu erro quanto à organização partidária, quando o Partido Bolchevique centralizado e extremamente disciplinado, como ela mesmo disse, foi o único capaz de dirigir a Revolução de Outubro.

A partir de 1914, quando explode a guerra, Rosa é a primeira dentro da Socialdemocracia Alemã a ter uma avaliação clara sobre o significado da guerra, uma guerra imperialista. É ela que centraliza Karl Liebknecht quando ele vota no parlamento alemão sozinho contra os créditos de guerra. Todavia, em seguida hesita seguir as orientações de Lenin:

“Começou a guerra, começou a crise. Em vez da tática revolucionária, a maioria dos partidos socialdemocratas aplicaram uma tática reacionária, colocando-se ao lado dos seus governos e da sua burguesia. Esta traição ao socialismo significa a falência da II Internacional (1889-



ROSA LUXEMBURG
(Fiche anthropométrique de la prison de Varsovie)

1914), e nós devemos aperceber-nos do que causou essa falência, do que gerou o social-chauvinismo, daquilo que lhe deu força.” (O Socialismo e a Guerra)

Ainda que houvesse convergência sobre isso, havia hesitação em construir outro partido, em sair do SPD. Nestes anos havia divergências consideráveis entre Lenin, Rosa, Liebknecht e Trotsky.

Ainda em 1914, Rosa é condenada a um ano de prisão em virtude de um discurso contra a guerra proferido em 1913, cuja acusação é de incitação à desordem. De fevereiro de 1915 a 1916, Rosa fica na prisão.

Em janeiro de 1916, publica “A crise da Socialdemocracia”, um acerto de contas com a política adotada pelo SPD. Em julho, é novamente presa e aí ficará até 8 de dezembro de 1918, quando explode a Revolução Alemã.

Rosa passa praticamente todos os anos de guerra no cárcere, mas de lá dirige a oposição ao SPD, com Liebknecht. Em 1916, formam a Liga Spartakus e, em abril de 1917, juntam-se ao Partido Socialdemocrata Independente. Rosa observa atenta a guerra e muito mais a Revolução Russa.

Mas é no ano de 1918 que a revolução chegará às portas do cárcere e este é o ano fundamental, onde os erros e acertos dos revolucionários alemães foram decisivos. Rosa participa por fim da fundação do Partido Comunista Alemão nos últimos dias de dezembro de 1918. O congresso é tomado por um es-

querdismo infantil, contra a posição dos quadros mais velhos, entre eles Rosa Luxemburgo. Janeiro inicia com guerra civil. O governo de Ebert e Scheidemann (SPD) avança na contrarrevolução. O sanguíneo dirigente socialdemocrata Noske cumpre seu papel e esmaga o levante operário de janeiro de 1919.

Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht se recusam a abandonar Berlim. Decisão fatal. Em 15 de janeiro, foram presos no apartamento onde estavam e foram levados até o hotel Eden, quartel-general das Freikorps, uma organização paramilitar católica e monarquista acobertada pelos dirigentes socialdemocratas governantes e que se transformaria mais tarde nas “SA” (Tropas de Assalto” de Hitler). São maltratados e assassinados a sangue frio. O corpo de Rosa Luxemburgo foi jogado no Canal Landwehr, no Tiergarten, um parque em Berlim, e só encontrado em maio. Nunca se encontrou efetivamente quem deu a ordem dos assassinatos, mas sem nenhuma dúvida essa é uma mancha que separa a socialdemocracia dos comunistas e que não há como apagar. Sob o comando do SPD, milhares de revolucionários tombaram, assassinados pelo exército ou pelas Freikorps. A contrarrevolução venceu, mas a história não acabou e a memória de Rosa Luxemburgo permanece viva entre nós.

Rosa é daquelas figuras fascinantes da história. Mulher muito à frente do seu tempo, fazia da

consciência de classe sua própria potência, fosse na vida pessoal ou pública. De uma sensibilidade marcante e ao mesmo tempo de uma força impressionante. É possível lembrar vários fatos, belas ou enérgicas cartas aos grandes nomes do movimento operário da Alemanha do começo do século XX, panfletos, textos, livros, erros, acertos, mas, acima de tudo, as poucas palavras que destinamos sobre Rosa têm por objetivo traçar resumidamente sua trajetória e, o mais importante, fazer jus ao que Rosa deixou de mais fundamental: a incansável crença na derrubada do sistema, a luta pelo socialismo, a defesa incansável do legado de Marx e Engels. Rosa foi uma autêntica socialista. É ela a responsável pela popularização internacional da expressão marxista: socialismo ou barbárie!

E a necessidade de defesa de seu legado é muito bem explicada por Lenin:

“Responderemos a isso citando duas linhas de uma fábula russa: ‘As águias podem às vezes voar mais baixo que as galinhas, mas as galinhas nunca podem chegar à altura das águias’. [Rosa] apesar de seus erros [...] foi e continua sendo para nós uma águia. E não apenas os comunistas em todo o mundo cuidarão de sua memória, mas sua biografia e seus trabalhos completos servirão como manuais úteis para o treinamento de muitas gerações de comunistas em todo o mundo.”

Rosa vive!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRÖLICH, Paul. **Rosa Luxemburgo: Pensamento e Ação**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo: 2019.
- LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou Revolução?** 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- BROUÉ, Pierre. **História da Internacional Comunista, Vol. 1**. São Paulo: Sundermann, 2007.
- BROUÉ, Pierre. **Revolución en Alemania, Tomo 1**. Barcelona: A. Redondo, 1973.
- LOUREIRO, Isabel (Org.). **Luxemburgo, Rosa: Textos escolhidos: vol. 1, 2 e 3**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- SCHÜTRUMPE, Jörn (Org.). **Rosa Luxemburgo ou o Preço da Liberdade**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2015
- LOUREIRO, Isabel. **Rosa Luxemburgo – vida e obra**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- ESQUERDA MARXISTA. **O Marxismo e a luta contra ideias estranhas à classe trabalhadora**. São Paulo, 2019.

Depois de Engels, onde está o enfoque histórico nas ciências?

Eric Lerner

Eric Lerner, pesquisador norte-americano em física dos plasmas e escritor, publicou, em 1991, um livro “O Big Bang Nunca Ocorreu”, onde demonstra a inconsistência e os erros de tal teoria mística. Este artigo publicado pela revista A Verdade, em 1995, quando ela ainda dizia a verdade, é um resumo de seu livro, feito por ele próprio, que merece ser lido por todo militante socialista interessado em ciência e materialismo histórico e dialético.

Serge Goulart

Marx e Engels desenvolveram um método, o materialismo histórico, que eles consideravam válido não só para estudar a evolução social da humanidade, mas também o universo em seu conjunto - ou seja, seus sistemas de evolução, tanto biológicos quanto físicos. A essência de seu enfoque é que a realidade só pode ser compreendida de um ponto de vista histórico, e que as leis que regem o funcionamento de uma sociedade, de um organismo ou, mesmo, de uma entidade física eram, elas próprias, o produto da história, e não um ordenamento definido por qualquer poder eterno. Ainda mais, Marx e Engels estabeleceram qual é a força motriz da evolução universal - a saber, que todo sistema tende, por seu próprio crescimento e existência, a destruir as condições que permitem tal existência.

Todo sistema, seja social, biológico ou físico, atinge inevitavelmente um ponto crítico a partir do qual deve ser ou aniquilado, ou substituído por uma nova forma de organização, graças à qual a evolução pode se desenvolver num ritmo mais rápido e num nível de organização superior.

Engels viveu o suficiente para ver essa abordagem histórica crescer no terreno das ciências naturais. A aceitação da evolução biológica, o conhecimento da história geológica e a crescente utilização dos métodos históricos em astronomia, para o estudo da evolução e origem das estrelas e dos siste-

mas estelares, pareciam anunciar o fim da antiga visão de um mundo regido por leis imutáveis.

Por certo, a visão histórica predominante era linear e considerava a evolução como um processo sem crise, refletindo a confiança em si do capitalismo do fim do século 19, durante seu período mais durável de crescimento e estabilidade. Mas, em todo caso, o predomínio de uma visão histórica da natureza parecia razoavelmente garantido para Engels.

O que aconteceu com essa visão histórica do universo nas ciências naturais, cem anos após a morte de Engels?

Aparentemente, a abordagem histórica do universo parece não ter sobrevivido ao final do período de expansão capitalista. Caso se considere a cosmologia e a física das partículas, largamente divulgada pela mídia e popularizada, a história parece ter sido substituída por um platonismo bizarro e caótico, onde o Criador utilizou as leis eternas da beleza matemática para ordenar o universo durante um “Big Bang”. O ato mesmo da observação pode ter uma intervenção misteriosa no universo material pela operação da mecânica quântica; o próprio universo, longe de evoluir, deve degenerar durante eternidades para, finalmente, chegar à destruição e ao vazio total.

Como na filosofia de Platão, as ideias matemáticas reinam sobre o mundo real, e astrofísicos como Stephen Hawking mergulham no

estudo do Espírito divino, na esperança de encontrar a “teoria que tudo explica”, a equação matriz que determina o universo.

É evidente que, desde o início do século, em relação mais ou menos direta com a derrocada da prosperidade capitalista durante a Primeira Guerra Mundial, as ideias do platonismo tiveram um largo alento. Tanto na mecânica quântica quanto nos estudos sobre a relatividade, o predomínio e uma visão puramente matemática da natureza adquiriram um peso enorme. Ao invés das equações matemáticas serem consideradas como uma descrição dos processos em curso na natureza, houve um retomo à ideia muito antiga de que as equações matemáticas eram a realidade que governava, de algum jeito, a natureza. Esta abordagem não é absolutamente inerente ao conteúdo físico da mecânica quântica ou da relatividade, mas vem da maneira como essas teorias foram interpretadas por Bohr, Heisenberg e Einstein.

Mas seria totalmente errado afirmar que a abordagem histórica da ciência morreu. De um lado, por fora das áreas muito restritas, mas dominantes da astrofísica e da física das partículas, numerosos cientistas estudam seu próprio campo de um ponto de vista globalmente histórico, seja, por exemplo, em geologia ou em biologia. Mesmo em astronomia, a grande maioria dos cientistas não se preocupa com os arcanos teológicos da teoria do



“Big Bang” em seu trabalho cotidiano, mas, antes, com a evolução das estrelas e dos planetas, o que requer uma abordagem histórica. Ainda mais importante, ao nível mais fundamental, o ressurgimento do platonismo nas ciências é questionado sob diversas formas, com um sucesso crescente.

O conflito entre esses dois enfoques fez surgir um método histórico mais aprofundado nas ciências físicas. O trabalho de dois prêmios Nobel, Hannes Alfvén e Ilya Prigogine é, desse ponto de vista, fundamental.

Alfvén foi o fundador da pesqui-

sa moderna em física dos plasmas. O plasma, um gás condutor de eletricidade, representa a estado dominante da matéria no universo, apesar de raro na terra - as galáxias de estrelas e o espaço entre elas são preenchidos por plasma. Nesse estado, o gás é quente o bastante para que os elétrons sejam arrancados dos átomos, o que lhes permite fácil movimento e transporte de correntes elétricas.

Os plasmas têm extensas aplicações em tecnologia, sendo sua eventual utilização no controle da fusão termonuclear uma das mais animadoras, o que virtualmente

forneceria uma fonte de energia própria, a baixo preço e ilimitada. Reconheceu-se a contribuição de Alfvén à fundação da física dos plasmas concedendo-lhe o Prêmio Nobel em 1970 (ele morreu em março de 1995, em seu país de origem, a Suécia). Mas a contribuição mais significativa de Alfvén à ciência é a audaciosa reformulação da cosmologia, sua crítica ao “Big Bang” e sua formulação de uma alternativa histórica, a de um universo em evolução, sem começo e sem fim.

Para Alfvén, a maior divergência entre seu enfoque e o dos astrofísicos partidários do “Big Bang” é uma divergência de método.

“Quando os homens refletem sobre o Universo, há sempre um conflito entre o enfoque mítico e o empirismo científico”, ele explicou. “Nos mitos, busca-se descobrir como os deuses puderam criar o inundo, que princípio perfeito eles necessariamente utilizaram”.

Este é o método da cosmologia convencional hoje: parte-se de uma teoria matemática, deduz-se a maneira como o Universo deve ter começado e, sobre essa base, se procede ao estudo do cosmos. O “Big Bang” é um erro científico porque ele busca fazer derivar o Universo atual, produto da história, de uma perfeição hipotética do passado. Todas as contradições entre os fatos observados são o produto deste erro fundamental.

O outro método é o utilizado por Alfvén.

“Hoje pensei que a física astronômica deveria se uma extrapolação da física de laboratório, que nós deveríamos partir do Universo atual e remontar progressivamente ao passado, rumo a épocas mais incertas”.

Este Método parte da observação - observação em laboratório, a partir de sondas espaciais, observação do Universo em geral - e depreende teorias destas observações, ao invés de partir da teoria e da matemática puras.

Segundo Alfvén, a evolução do Universo no passado deve ser ex-

plicável a partir dos processos que ocorrem no Universo hoje; os acontecimentos que se produzem nas profundezas do espaço podem ser explicados nos mesmos termos que os fenômenos que nós estudamos em laboratório sobre a Terra.

Tal enfoque exclui conceitos como o Universo surgindo do nada, o início dos tempos ou o “Big Bang”. Como não vemos, em lugar nenhum, qualquer coisa surgir do nada, não há qualquer razão para pensar que isso ocorreu num passado longínquo. A cosmologia do plasma avalia, ao contrário que, uma vez que observamos hoje um Universo que evolui e se modifica, este sempre existiu e sempre evoluiu, e continuará a existir e a evoluir infinitamente. Este enfoque não está apenas firmemente ancorado numa compreensão histórica do próprio Universo. Baseado nesse ponto de vista metodológico, Alfvén desenvolveu uma crítica aprofundada e geral da cosmologia, que ele situou num contexto sócio-histórico e chamou de “pêndulo cosmológico”. Ele desenvolveu a ideia que, em milênios, a cosmologia oscilou como um pêndulo entre uma abordagem mítica e uma abordagem científica.

Os mitos dos primeiros povos foram seguidos pelos esforços científicos dos Jônios e dos primeiros Gregos, a seguir o pêndulo retomou ao mito da perfeição matemática, com Ptolomeu e Platão, que a seguir se confundiu com os mitos da criação dos cristãos. Estes últimos recuaram diante da renovação científica do século 16 que, por sua vez, foi seguido pelo renascimento do mito no século 20 e pela batalha por uma cosmologia científica da atualidade.

Alfvén considerava a fascinação dos astrofísicos de hoje pela perfeição matemática como o elemento central de seu enfoque mítico:

“A diferença entre o mito e a ciência é a diferença entre a inspiração divina e a ‘razão pura’, de um lado, e as teorias desenvolvidas sobre a base da observação direta do mun-

do real, de outro lado. (Trata-se da diferença entre a fé nos profetas e o pensamento crítico, entre o ‘Credo-quia Absurdum’ (acredito, porque é absurdo) de Tertuliano e o ‘De omnibus est dubitandum’ (tudo deve ser submetido à dúvida) de Descartes. Tentar escrever uma grande ópera cômica conduz, necessariamente, ao mito. Buscar substituir a ignorância pelo conhecimento, em domínios cada vez mais amplos do espaço e do tempo, é obra de ciência”.

Dado que o Universo é, majoritariamente, constituído de plasma, Alfvén deduziu que os fenômenos do plasma, os fenômenos de eletricidade e magnetismo, e não simplesmente a gravidade, deviam ser o fator dominante na evolução do Universo. Ele demonstrou, através de teorias concretas, como as vastas correntes e campos magnéticos modelavam o sistema solar e as galáxias. Com a revelação deste universo plásmico, através de sondas e telescópios enviados ao espaço, as ideias de que foi pioneiro foram, cada vez mais, largamente aceitas. Sua visão de um Universo infinito em perpétua evolução é a única que corresponde ao que sabemos da evolução, no plano físico, biológico e social.

O enfoque histórico plásmico da cosmologia continua um ponto de vista minoritário diante do “Big Bang”. Mas, durante os trinta anos seguintes à primeira formulação dessa abordagem por Alfvén; uma parcela limitada, mas crescente, de cientistas (dentre os quais o autor deste artigo) desenvolveram suas teorias. E, durante a última década, um fluxo crescente de observações questionou quase todas as previsões da teoria do “Big Bang”, demonstrando sua falta de fundamento científico.

O problema mais grave e mais conhecido da teoria do “Big Bang” é o fato de existirem objetos no Universo que, simplesmente, são muito grandes para terem sido criados após o “bang” original. Há vastos conglomerados de galáxias, chamados de complexos quasar,

cujo diâmetro ultrapassa um bilhão de anos-luz. Esses conglomerados foram descobertos em 1986, por R. Brent Tully e seus colegas da Universidade do Havai.

Esta descoberta causou pânico entre os defensores do “Big Bang”, pela ameaça que representa a tal teoria. O “Big Bang” considera que o Universo começou por ser inteiramente liso, e que a extrema variedade observada atualmente pelos astrônomos é o resultado de atrações gravitacionais produzidas ao longo de bilhões de anos. Mas, medindo a velocidade de deslocamento das galáxias e as distâncias que elas tiveram que percorrer para se afastar dos quasares, os cientistas podem estimar o tempo que seria necessário para formar essas estruturas. Sendo as velocidades observadas da ordem de 1/600 da velocidade da luz (500 km/s) e as distâncias percorridas de, pelo menos, cem milhões de anos-luz, a idade mínima desses quasares é de, aproximadamente, 60 bilhões de anos, três vezes a idade presumida do próprio Universo.

Mas, tipicamente, os astrofísicos resolveram o problema, afirmando: *“Bem, nós não sabemos como essas estruturas foram criadas, mas isso não contradiz nossa teoria”.* Esta crise sobre “a idade do Universo” se aprofunda rapidamente. Os astrofísicos estimam o tempo transcorrido desde o “Big Bang” medindo a relação de Hubble, que associa as distâncias entre as galáxias à sua velocidade presumida. É difícil medir precisamente essas distâncias, mas recentes progressos dão estimativas relativamente baixas da idade do Universo, entre 8 e 11 bilhões de anos. Isto cria, ainda, novos problemas. Mesmo nossa galáxia parece mais velha que o Universo!

Nos últimos quatro anos, um segundo postulado fundamental, o da abundância de elementos leves, foi por terra. A teoria do “Big Bang” prevê uma abundância de hélio, sendo o segundo elemento mais abundante o deutério e, a se-

guir, o lítio, em função da densidade do Universo. Para que essa teoria se comprove, deve haver uma densidade única que confirme as previsões corretas para esses três elementos, ao mesmo tempo. Mas as observações recentes sobre a abundância de hélio nas galáxias longínquas mostraram que ela era inferior à prevista pela teoria.

Ao mesmo tempo, se adapta a teoria para que as previsões sobre o hélio sejam corretas, as previsões sobre o deutério passam a ser oito vezes superiores às observadas - bem além da margem de erro. Portanto, esta base da teoria do "Big Bang" também se esborou.

Os astrofísicos partidários da teoria do plasma, ao contrário, demonstraram como os processos que ocorrem no Universo hoje - essencialmente processos relacionados às forças familiares do eletromagnetismo - podem ter criado os enormes conglomerados de galáxias a partir de filamentos contidos em campos magnéticos, além de terem gerado tanto a energia de fundo das micro-ondas - uma espécie de chiado de rádio universal - quanto elementos leves como o hélio, durante reações termonucleares das estrelas mais velhas.

Os filamentos de plasma densos que flutuam entre as galáxias podem ter dispersado esta energia, dando-lhe um banho uniforme, uma neblina de rádio, similar à neblina ótica criada na Terra pelas gotas de água. Novas observações confirmaram essa teoria em detalhes e, presentemente, há um número crescente de astrônomos suplicando que se abandone o barco do "Big Bang" e voltando-se, com interesse, para a teoria do plasma.

É absolutamente possível que, na próxima década, o enfoque histórico da cosmologia volte a dominar. O trabalho do cientista belga Ilya Prigogine completa o da cosmologia do plasma, pois se refere ao papel do tempo e da história como fundamentos da teoria física. O trabalho de Prigogine, no campo da termodinâmica, o estu-



Hannes Alfvén

do das transformações de energia em processos físicos evidenciou os paradoxos aparentes da visão física do tempo.

Na física convencional, há duas versões do tempo, que se contradizem entre si e, ambas, contradizem a realidade da evolução tal qual se observa na natureza. De um lado, há o tempo de Einstein, o tempo enquanto quarta dimensão. Na visão einsteiniana, o tempo se desenvolve como uma carta em quarta dimensão. O ano um bilhão a.C., o ano um bilhão d.C., o ano de 1995 existem, todos, numa mesma realidade. O "presente", o passado e o futuro não existem. Tudo neste mundo está predestinado. Neste tempo einsteiniano (que, em muitos aspectos, se assemelha às primeiras ideias de Newton), o tempo é reversível. As equações que governam todos os movimentos são idênticas, quer o tempo avance ou recue; não há, portanto, direção no tempo. O tempo de Einstein contradiz os dados mais fundamentais da observação e, de imediato, a existência de seres humanos cons-

cientes capazes de observação.

Em nossa consciência há um presente, um passado e um futuro. Contudo, para Einstein, tal consciência só pode ser uma ilusão. Isso cava um enorme abismo entre a visão cotidiana do Universo e a visão científica convencional, e coloca o estudo da consciência humana fora do reino da compreensão científica.

Mas há uma outra noção de tempo, também convencional - o tempo da termodinâmica convencional. É o tempo irreversível, que caminha numa só direção, governado pela segunda lei da termodinâmica.

Desse ponto de vista, os ovos podem ser mexidos, mas jamais reconstituídos, pois todos os processos conduzem a estados de desordem cada vez maiores, que crescem numa medida chamada de "entropia". As estrelas se extinguem, os organismos morrem e se decompõem, todo o Universo vai do "Big Bang" a um estado de imobilidade, uma extinção do calor onde nada mais se produz.

Esse tempo irreversível contradiz o tempo de Einstein. Se as leis da física são reversíveis, como podem existir processos irreversíveis definindo, todos, uma mesma direção de tempo? E mais, esta noção do tempo como decomposição contradiz a observação absolutamente geral que, em todo Universo, como na Terra, a evolução tende, em longos períodos, do mais simples para o mais complexo, da desordem para a ordem.

As galáxias e as estrelas emergem de um plasma homogêneo e lançam sua energia no espaço. A vida se desenvolve a partir de elementos químicos simples e evolui para formas cada vez mais complexas. A inteligência surge e sociedades se desenvolvem. Em toda parte, os fluxos de energia aumentam e os sistemas se afastam cada vez mais do ponto de equilíbrio, do estado onde não há qualquer fluxo de energia.

Essas duas visões convencionais do tempo são profundamente es-

tranhas à história -numa, não há direção do tempo de jeito nenhum, na outra, o tempo se dirige unicamente rumo a uma decomposição crescente.

Mas Prigogine demonstrou que há um outro enfoque, que elimina os paradoxos das noções convencionais. Para Prigogine, a reversibilidade das leis físicas fundamentais se baseia numa abstração errônea da realidade. Num sistema real típico, por menor que seja, a mínima mudança na direção de uma só partícula se transforma rapidamente, após algumas colisões com outras partículas, numa situação inteiramente diferente. A maioria dos sistemas são “caóticos”.

Isso não significa que seu resultado não possa ser previsto numa base estatística. Mas este crescimento inerente à instabilidade significa que, mesmo teoricamente, é impossível inverter o movimento das partículas de maneira perfeitamente precisa e, ainda, ver suas ações se reproduzirem retrospectivamente, como num filme que se rebobina. O mais infinitesimal dos erros se tornaria enorme numa fração de segundo, e o ovo quebrado não mais poderia ser reconstituído, mas apenas ser mexido um pouco mais. Apenas uma precisão infinitamente perfeita, que exigiria uma quantidade de informação infinita (impossível mesmo teoricamente) poderia permitir tal reversão.

Da mesma forma, apenas uma tal precisão impossível permitiria a previsibilidade infinita suposta na noção einsteiniana do tempo. O determinismo perfeito do tempo de Einstein é, conseqüentemente, uma ilusão. O inundo real é única criação permanente, produzido por uma malha infinitamente complexa de instabilidades e interações. Como diz Prigogine: “O tempo é uma criação. O futuro, simplesmente, não existe”.

A irreversibilidade existe em todos os níveis do universo físico, mesmo em nível das leis fundamentais e das partículas elementares. O tempo real não é, tampouco,

o da decomposição rumo ao caos.

Prigogine provou que não há uma tendência à desordem senão nos sistemas que já estão próximos de um estado de equilíbrio. De maneira geral, onde os sistemas estão longe do equilíbrio, a instabilidade conduz à captação de energia, a um crescimento dos fluxos de energia, à criação de novas formas de ordem e a um movimento que se afasta do equilíbrio.



Friedrich Engels

A evolução da vida na Terra não é, portanto, um desvio bizarro em meio a uma tendência geral à desordem - é uma expressão de uma tendência geral do Universo. Pesquisas recentes em cosmologia do plasma confirmaram esta tendência rumo a uma ordem crescente e a fluxos crescentes de energia, a taxas de evolução crescentes em escala cósmica.

E mais, Prigogine aplicou as ideias fundamentais desenvolvidas por Marx e Engels ao modo como a evolução ocorre no mundo físico: ele mostrou que, de maneira geral, um dado sistema de instabilidades, uma dada rede de fluxos de energia atinge seus limites, seja porque a fonte dessa energia se esgota, seja porque as instabilidades atingem seu limite máximo.

Nessa etapa, como nas sociedades, uma crise ocorre, seguida ou pelo estabelecimento de um novo sistema de instabilidades baseada nas estruturas já existentes, ou pela destruição temporária, condu-

zindo a um sistema de organização inferior.

A tendência geral, contudo, é a do estabelecimento sempre renovado de novos tipos de relações, de novas leis físicas: as reações nucleares nas estrelas liberam elementos químicos; sua interação química produz organismos vivos, a evolução biológica leva a sociedades inteligentes etc. Prigogine reconheceu, explicitamente, a continuidade entre suas teorias e as do materialismo histórico.

“Nós descrevemos... uma natureza que poderia ser chamada de ‘histórica’, isto é, capaz de desenvolvimento e de inovação”, escreveu em seu livro “A Ordem advinda do Caos” (em coautoria com Isabell Stengers).

A ideia de uma história da natureza como parte integrante do materialismo foi afirmada por Marx e, mais detalhadamente, por Engels. Os desenvolvimentos contemporâneos em física, a descoberta do papel construtivo desempenhado pela irreversibilidade, levantaram, entre as ciências naturais, uma questão que foi, por muito tempo, a questão dos materialistas. Para eles, compreender a natureza significava compreendê-la “como capaz de produzir o homem e a sociedade”.

O trabalho de Prigogine, ainda controverso, é cada vez mais aceito nos círculos da termodinâmica. O estudo dos sistemas caóticos, que vem em parte do trabalho de Prigogine, tornou-se um campo científico atual e em pleno desenvolvimento. E crescem as aplicações tecnológicas da termodinâmica do não-equilíbrio. Mas as implicações mais amplas deste enfoque histórico só se aplicam aqui e ali.

Como noutras épocas da história, o avanço ou recuo das ideias científicas reflete o avanço ou o recuo da sociedade como um todo. Mas esta relação vai nos dois sentidos, e o desenvolvimento de concepções históricas nas ciências reforçará, como ocorreu no passado, as forças que trabalham no sentido.

Sindicalismo e comunismo

Leon Trotsky

A questão sindical é uma das mais importantes para o movimento dos trabalhadores e, portanto, também para a Oposição. Sem uma posição clara sobre esta questão, a Oposição não conseguirá exercer qualquer influência real na classe trabalhadora. É por isso que penso que é necessário apresentar aqui alguma discussão sobre a questão sindical.

O **Partido Comunista** é a arma básica da ação revolucionária do proletariado, a organização combatente de sua vanguarda, que deve assumir o papel de guiar a classe trabalhadora em todas as esferas de sua luta, sem exceção, consequentemente incluindo o movimento sindical.

Aqueles que, em princípio, opõem a autonomia sindical à direção do Partido Comunista, opõem – gostem ou não – a parte mais retrógrada do proletariado à vanguarda da classe operária, a luta pelas demandas imediatas à luta pela libertação total dos trabalhadores, reformismo ao comunismo, oportunismo ao marxismo revolucionário.

O sindicalismo francês antes da guerra, em seu início e durante o seu crescimento, lutando por autonomia sindical realmente lutou por sua independência vis-à-vis do governo burguês e seus partidos, incluindo o de socialismo reformista e parlamentar. Foi uma luta contra o oportunismo, por um caminho revolucionário.

A esse respeito, o sindicalismo revolucionário não fetichizou a autonomia das organizações de massa. Pelo contrário, ele entendeu e afirmou o papel de liderança da minoria revolucionária nas organizações de massa, organizações que refletem a classe trabalhadora com todas as suas contradições, atrasos e fraquezas.

A teoria da minoria ativa era essencialmente uma teoria inacabada do partido proletário. Em sua prática, o sindicalismo revolucionário era o embrião de um partido revolucionário contra o oportunismo, um notável esboço do comunismo revolucionário.

A fraqueza do anarco-sindicalismo, mesmo em seu período clássico, foi a ausência de uma base teórica correta e, portanto, um mal-entendido sobre a natureza do Estado e seu papel na luta de classes; uma concepção inacabada, incompleta e, portanto, er-

rônea do papel da minoria revolucionária, isto é, do partido. Daí os erros de tática, como o fetichismo da greve geral, ignorando a ligação entre a insurreição e a tomada do poder etc.

Depois da guerra, o sindicalismo francês encontrou tanto sua refutação quanto seu desenvolvimento e sua conclusão no comunismo. Tentativas de restaurar o sindicalismo revolucionário estão agora dando as costas à história. Para o movimento dos trabalhadores, essas tentativas só podem ter um significado reacionário.



Greve Geral de 1917 no Brasil

Epígonos do **sindicalismo** transformam (em palavras) a **independência do sindicato vis-à-vis à burguesia** e dos **socialistas reformistas** na *independência em geral*, em **absoluta independência em relação a todos os partidos**, incluindo o **Partido Comunista**.

Se, em seu período de expansão, o sindicalismo se considerou uma vanguarda e lutou pelo papel de liderança da minoria de vanguarda entre as massas, os epígonos do sindicalismo estão agora lutando contra os mesmos desejos da vanguarda comunista tentando, embora sem sucesso, basear-se na falta de desenvolvimento e nos preconceitos das partes mais atrasadas da classe trabalhadora.

Independência da influência da burguesia não pode ser um estado passivo. Ela só pode ser expressa por atos políticos, isto é, pela luta contra a burguesia.

Essa luta deve ser inspirada por um programa específico que requer organização e tática para sua aplicação. É a união do programa, a organização e as táticas que constituem o partido. É por isso que a verdadeira independência do proletariado do governo burguês não pode ser alcançada sem que o proletariado leve sua luta sob a liderança de um partido revolucionário e não de um partido oportunista.

Os epígonos do sindicalismo querem nos fazer acreditar que os sindicatos são autossuficientes. Teoricamente, isso não significa nada, mas na prática significa dissolver a vanguarda revolucionária nas massas, nos sindicatos.

Quanto maior a massa enquadrada pelos sindicatos, melhor eles podem cumprir sua missão. Um partido proletário, ao contrário, só merece seu nome se for ideologicamente homogêneo, dentro dos limites da unidade de ação e organização. Apresentar os sindicatos como autossuficientes sob o pretexto de que o proletariado já teria atingido sua “maio-



riedade” é lisonjear o proletariado descrevendo-o como aquilo que ele não pode ser em um regime capitalista, que mantém as massas de trabalhadores no escuro, deixando apenas à vanguarda proletária a possibilidade de atravessar todas as dificuldades e chegar a um claro entendimento das tarefas de sua classe em seu ensino.

A autonomia real, prática e não-metafísica da organização sindical não é perturbada nem diminuída pela luta do partido comunista pela influência. Cada membro do sindicato tem o direito de votar como achar melhor e de eleger quem é o mais digno. Os comunistas têm esse direito como os outros.

A conquista da maioria pelos comunistas nos órgãos de direção é feita de acordo com os princípios da autonomia, ou seja, a livre autogestão dos sindicatos. Por outro lado, nenhum status sindical pode impedir ou proibir o partido de eleger o secretário-geral da confederação do trabalho para seu comitê central, já que aqui estamos inteiramente no registro da autonomia partidária.

Nos sindicatos, os comunistas estão naturalmente sujeitos à

disciplina do partido, quaisquer que sejam as posições que ocupem. Isso não exclui, mas pressupõe sua submissão à disciplina do sindicato. Em outras palavras, o partido não lhes impõe nenhum curso de ação que contradiga a mentalidade ou opiniões da maioria dos membros do sindicato. Em casos muito excepcionais, quando o partido considera impossível a submissão de seus membros à uma decisão reacionária do sindicato, ele mostra aos seus membros as consequências que disso decorrem, como a retirada das responsabilidades sindicais, as expulsões e assim por diante, imediatamente.

Com fórmulas jurídicas sobre essas questões – e a autonomia é uma fórmula puramente legal – não se chega a nada. A pergunta deve ser feita em seu conteúdo, isto é, em termos de política sindical. **Uma política correta deve se opor a uma política errada.**

As características da liderança partidária, suas formas e métodos, podem diferir profundamente, dependendo das condições gerais de um determinado país ou de seu período de desenvolvimento.

Nos países capitalistas, onde o Partido Comunista não tem meios coercitivos, é evidente que só pode ter a liderança com os comunistas sindicalizados, seja na base ou nas posições burocráticas. O número de comunistas nas principais posições de liderança sindical é apenas uma maneira de medir o papel do partido nos sindicatos. A medida mais importante é a porcentagem de comunistas sindicalizados em relação à massa total sindicalizada. Mas o principal critério é a influência geral do partido sobre a classe trabalhadora, ela mesma mensurável pela difusão da imprensa comunista, a participação nas reuniões do partido, o número de votos nas eleições e o que é particularmente importante, o número de operários e operárias que respondem ativamente aos apelos à luta feitos pelo partido.

Está claro que a influência do Partido Comunista em geral, inclusive nos sindicatos, crescerá à medida que a situação se tornar mais revolucionária.

Essas condições permitem uma apreciação do grau e forma da verdadeira autonomia dos Sindicatos, a autonomia real e não metafísica. Em tempos de “paz”, quando as formas mais militantes de ação sindical são greves econômicas isoladas, o papel direto do partido nos sindicatos permanece secundário. Como regra geral, o partido não intervém em todas as greves isoladas. Ele ajuda o sindicato a decidir se a greve é oportuna, por meio de informações e conselhos políticos e econômicos. Ele serve à greve por sua agitação etc. O primeiro papel na greve repousa naturalmente sobre o sindicato.

A situação muda drasticamente quando o movimento se eleva ao nível da greve geral e da luta direta pelo poder. Nestas condições, o papel principal do partido torna-se imediatamente direto e aberto. Os sindicatos – naturalmente não aqueles que passam para o outro lado das barricadas – tornam-se o aparato da organização partidária que assume a liderança como líder da revolução, assumindo total responsabilidade perante toda a classe trabalhadora.

Neste campo, por tudo o que se situa entre a greve econômica local e a insurreição revolucionária de classe, encontramos todas as formas possíveis de relações

recíprocas entre o partido e os sindicatos, os graus variáveis de liderança direta e imediata etc. Mas, em todas as circunstâncias, o partido busca obter a liderança geral contando com a verdadeira autonomia dos sindicatos, que, como as organizações, não é preciso dizer, não estão “submetidos” a ele.

Os fatos mostram que os sindicatos politicamente “independentes” não existem em nenhum lugar. Nunca houve um. A experiência e a teoria indicam que nunca haverá um.

Nos Estados Unidos, os sindicatos estão diretamente ligados por seus aparelhos ao patronato industrial e aos partidos burgueses. Na Inglaterra, os sindicatos, que no passado apoiavam principalmente os liberais, agora formam a base do Partido Trabalhista. Na Alemanha, os sindicatos estão andando sob a bandeira da socialdemocracia. Na república soviética, sua condução pertence aos bolcheviques. Na França, uma das organizações sindicais segue os socialistas, a outra os comunistas. Na Finlândia, os sindicatos foram divididos há pouco tempo, um indo para a socialdemocracia, o outro para o comunismo. É assim em todo lugar.

Os teóricos da “Independência” do movimento sindical não se incomodaram até agora em pensar nisso: por que seu slogan não só está longe de ser realizado em qualquer lugar, mas, pelo contrário, por que a dependência dos sindicatos da lideran-

ça de um partido se torna em toda parte a regra, sem exceção, e isso abertamente?

Isto corresponde, de fato, às características da época imperialista, que revela todas as relações de classe e que, mesmo entre o proletariado, acentua as contradições entre sua aristocracia e suas camadas mais exploradas.

A expressão atual do sindicalismo do passado é a chamada Liga Sindicalista. Por todas as suas características, aparece como uma organização política que procura subordinar o movimento sindical à sua influência. De fato, a Liga recruta seus membros não de acordo com os princípios sindicais, mas de acordo com os grupos políticos; ela tem sua plataforma, por falta de um programa, e a defende em suas publicações; tem sua própria disciplina interna no movimento trabalhista. Nos congressos de confederações, seus apoiadores atuam como uma fração política, assim como a fração comunista. Em suma, a tendência da Liga Sindicalista é reduzida a uma luta para libertar as duas confederações da liderança dos socialistas e comunistas e para uni-las sob a liderança do grupo de **Monatte**.

A Liga não age abertamente em nome do direito e da necessidade da minoria avançada de combater para estender sua influência às massas; ela se apresenta mascarada pelo que ela chama de “independência” sindical.

Deste ponto de vista, a Liga aproxima-se do Partido Socialista, que



também realiza sua liderança sob cobertura da expressão “independência do movimento sindical”.

O Partido Comunista, ao contrário, diz abertamente à classe trabalhadora: **Aqui está meu programa, minhas táticas e minha política, o que eu proponho aos sindicatos.**

O proletariado nunca deve acreditar em nada cegamente. Ele deve julgar pelo seu trabalho. Mas, os trabalhadores devem ter uma dupla e uma tripla desconfiança em relação a esses pretendentes a líderes que agem incógnitos, sob uma máscara para fazer crer ao proletariado que ele não precisa de nenhuma liderança.

O direito de um partido político de tomar medidas para conquistar sindicatos para sua influência não deve ser negado, mas esta pergunta deve ser feita: Em nome de qual programa e que táticas essa organização age? Deste ponto de vista, a Liga Sindicalista não dá as garantias necessárias. Seu programa é extremamente amorfo, assim como suas táticas. Em suas posições políticas, ela age apenas no curso dos acontecimentos. Reconhecendo a revolução proletária e até a ditadura do proletariado, ela ignora o partido e seus direitos, é contra a liderança comunista, sem a qual a revolução proletária corre o risco de permanecer para sempre uma expressão vazia.

A ideologia da independência sindical não tem nada em comum com as ideias e sentimentos do proletariado como classe. Se o partido, através de sua liderança, for capaz de assegurar uma política correta e perspicaz nos sindicatos, nenhum trabalhador terá a ideia de se rebelar contra a liderança do partido. **A experiência histórica dos bolcheviques provou isso.**

Isso também é verdade para a França, onde os comunistas obtiveram 1,2 milhão de votos nas eleições, enquanto a *Confederação Geral de Trabalho Unitário* (o centro sindical vermelho) tem apenas

um quarto ou um terço desse número. É claro que o slogan abstrato da independência não pode de forma alguma vir das massas. A burocracia sindical é uma coisa diferente. Vê não apenas a competição profissional na burocracia do partido, mas tende a ser independente do controle da vanguarda proletária.

O slogan da independência é, por sua própria fundação, um slogan burocrático e não um slogan de classe.

Depois do fetichismo da “independência”, a Liga Sindicalista também transforma a questão da *unidade sindical* em fetiche.

Escusado será dizer que a manutenção da unidade das organizações sindicais tem enormes vantagens, tanto do ponto de vista das tarefas diárias do proletariado como da luta do Partido Comunista para estender sua influência às massas. Mas os fatos mostram que, assim que a ala revolucionária dos sindicatos obtém seus primeiros sucessos, os oportunistas tomam o caminho da divisão. As relações pacíficas com a burguesia são mais caras para elas do que a unidade do proletariado. Esta é a evidência inegável de experiências pós-guerra.

Nós, comunistas, sempre temos interesse em demonstrar aos trabalhadores que a responsabilidade pela duplicação das organizações sindicais é inteiramente da socialdemocracia. Mas isso não significa que a fórmula oca da unidade seja mais importante que as tarefas revolucionárias da classe trabalhadora.

Oito anos se passaram desde a divisão sindical na França. Enquanto isso, as duas organizações certamente ligaram-se aos dois partidos políticos mortalmente inimigos. Nestas condições, pensar que podemos unificar o movimento sindical pela simples boa palavra de unidade seria espalhar ilusões. Declarar que, sem a unificação das duas centrais sindicais, seria impossível não apenas a revolução proletária, mas mesmo

uma luta de classes séria não seria mais que fazer depender o futuro da revolução da camarilha corrupta dos reformistas sindicais.

De fato, o futuro da revolução não depende da fusão dos dois aparatos sindicais, **mas da unificação da maioria da classe trabalhadora por trás das bandeiras revolucionárias e métodos revolucionários de luta.** Hoje, a unificação da classe trabalhadora só é possível pela luta contra os colaboradores de classe que não estão apenas nos partidos políticos, mas também nos sindicatos.

O verdadeiro caminho da unidade revolucionária do proletariado está no redirecionamento, expansão e consolidação da CGTU revolucionária e no enfraquecimento da CGT reformista.

Não está excluído, mas, ao contrário, é muito provável que no momento de sua revolução, o proletariado francês escreverá a luta com duas confederações: por trás de uma se encontrarão as massas e por trás da outra a aristocracia do trabalho e a burocracia.

A nova oposição sindical obviamente não quer seguir o caminho do sindicalismo. Ao mesmo tempo, ela se separa do partido – não com a ideia de uma certa liderança, mas com o partido em geral. O que significa simplesmente se desarmar ideologicamente e recair no corporativismo.

A oposição sindical como um todo é muito variada. Mas ela é caracterizada por alguns traços comuns que não a aproximam da oposição comunista da esquerda, mas, ao contrário, se opõem a ela.

A oposição sindical não luta contra os atos desenvolvidos e métodos errôneos da liderança comunista, mas contra a influência do comunismo sobre a classe trabalhadora.

A oposição sindical não luta contra uma visão esquerdista da situação e suas perspectivas, mas age, de fato, em oposição a qualquer perspectiva revolucionária.

A oposição sindical não com-



bate os métodos de caricatura do antimilitarismo, mas propõe uma orientação pacifista. Em outras palavras, a oposição sindical está obviamente se desenvolvendo em um estado de espírito reformista.

É completamente errado afirmar que nos últimos anos – contrariamente ao que aconteceu na Alemanha, na Tchecoslováquia e em outros países – uma ala de direita não foi constituída na França dentro do campo revolucionário. O ponto principal é que, abandonando a política revolucionária do comunismo, a oposição de direita na França, de acordo com as tradições do movimento operário francês, assumiu um caráter sindical, escondendo assim sua fisionomia política. No fundo, a maioria da oposição sindical representa a ala direita, como o grupo de Brandler na Alemanha, os sindicalistas tchecos que depois da divisão assumiram uma posição claramente reformista e assim por diante.

Pode-se objetar que todas as considerações precedentes se-

riam válidas somente se o Partido Comunista tivesse uma política correta. Mas essa objeção é infundada. A questão das relações entre o partido, que representa o proletariado como deveria ser, e os sindicatos, que representam o proletariado como ele é, é a questão mais fundamental do marxismo revolucionário. Seria um erro rejeitar a única resposta possível a essa questão apenas porque o Partido Comunista, sob a influência de razões objetivas e subjetivas sobre as quais falamos mais de uma vez, está agora conduzindo uma política errada em relação aos sindicatos, como em outras áreas. Uma política correta deve se opor a uma política errada. É para este propósito que a Oposição de Esquerda se constituiu em fração. Se considerarmos que o Partido Comunista Francês, em sua totalidade, está em um estado completamente irreversível – o que não pensamos –, outro partido deve se opor a ele. Mas, a questão da relação do partido com a

classe não muda nem uma vírgula por esse fato.

A oposição de esquerda considera que é impossível influenciar o movimento sindical, ajudá-lo a encontrar uma orientação correta, impregná-lo com slogans corretos, sem passar pelo Partido Comunista (ou uma fração neste momento) que, além de seus outros atributos, é o laboratório ideológico central da classe trabalhadora.

A tarefa bem compreendida do Partido Comunista não é apenas ganhar influência sobre os sindicatos como eles são, mas ganhar, através dos sindicatos, uma influência sobre a maioria da classe trabalhadora. Isso só é possível se os métodos usados pelo partido nos sindicatos corresponderem à natureza e às tarefas dos sindicatos. A luta do partido pela influência nos sindicatos é objetivamente verificada no fato de que eles prosperam ou não, que aumentam o número de seus membros e suas relações com as massas mais amplas. Se o partido paga o preço da sua influência nos sindicatos pelo seu enfraquecimento e pelo último dos fracionismos – convertendo os sindicatos em auxiliares do partido para fins pontuais e impedindo-os de se tornarem organizações de massa –, as relações entre o partido e o partido classe estão erradas. Não é necessário se debruçar sobre as causas de tal situação. Nós fizemos isso mais de uma vez e fazemos isso todos os dias. A natureza mutável da política comunista oficial reflete sua tendência aventureira de dominar a classe trabalhadora o mais rápido possível por qualquer meio (encenação, invenções, agitação superficial etc.).

No entanto, não sairemos opondo os sindicatos ao partido (ou à fração), mas na luta, sem acordos, para mudar completamente a política do partido assim como a dos sindicatos.

A Oposição de Esquerda deve ligar indissolavelmente as questões do movimento sindical

às questões da luta política do proletariado. Deve dar uma análise concreta do atual estágio de desenvolvimento do movimento operário francês. Ela deve fornecer uma avaliação quantitativa e qualitativa do atual movimento de greves e suas perspectivas em relação às perspectivas de desenvolvimento econômico na França. Escusado será dizer que rejeita completamente a perspectiva de estabilização do capitalismo e a paz nas próximas décadas. Ela age a partir de uma avaliação de nossa época como uma época revolucionária. Ela emerge da necessidade de uma preparação adequada da vanguarda proletária diante de viradas que não são apenas prováveis, mas inevitáveis. Sua ação mais firme e mais implacável é dirigida contra a verborragia revolucionária da burocracia centrada, contra a histeria política que não leva em conta as condições e que confunde hoje com ontem ou amanhã; com mais firmeza e determinação ainda deve posicionar-se contra os elementos da direita que assumem sua crítica e se dissimulam para introduzir

suas tendências no marxismo revolucionário.

Uma nova delimitação? Novas polêmicas? Novas divisões? Estas serão as lamentações das almas puras, mas cansadas, que gostariam de transformar a Oposição em um retiro calmo, onde se poderia tranquilamente tirar férias das grandes tarefas, preservando intacto o nome de revolucionário “de esquerda”. Não! Nós dizemos a eles, a essas almas cansadas: certamente não estamos viajando na mesma estrada. A verdade nunca foi a soma de pequenos erros. Uma organização revolucionária, no entanto, não foi nunca composta por pequenos grupos conservadores, todos procurando acima de tudo se diferenciar uns dos outros. Há épocas em que a tendência revolucionária é reduzida a uma pequena minoria no movimento operário. Mas essas épocas não requerem arranjos entre pequenos grupos para esconder mutuamente seus pecados uns dos outros, mas exigem, ao contrário, uma luta duplamente implacável por

uma perspectiva correta e uma formação de quadros no espírito do marxismo autêntico. Apenas assim a vitória é possível.

Por tudo isso, o autor dessas linhas está pessoalmente preocupado e deve admitir que a noção que ele tinha do grupo de Monatte quando ele foi expulso da União Soviética mostrou-se otimista demais, portanto falsa. Durante vários anos, o autor não conseguiu acompanhar a atividade desse grupo. Ele a julgou por suas memórias. As divergências provaram ser mais profundas e mais agudas do que se poderia supor. Os eventos recentes mostraram, sem sombra de dúvida, que sem uma demarcação ideológica clara e precisa da linha de sindicalismo, a Oposição Comunista na França não avançará. As teses aqui propostas são apenas um primeiro passo na elaboração dessa demarcação, um prelúdio à luta vitoriosa contra o jargão revolucionário e a natureza oportunista de Cachin, Monmousseau e companhia.

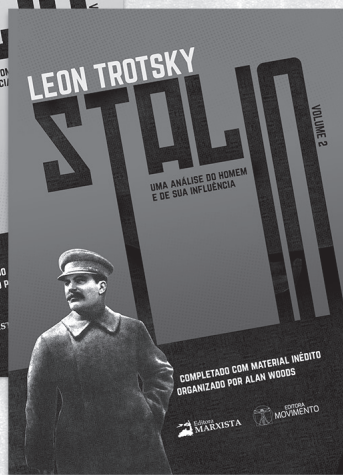
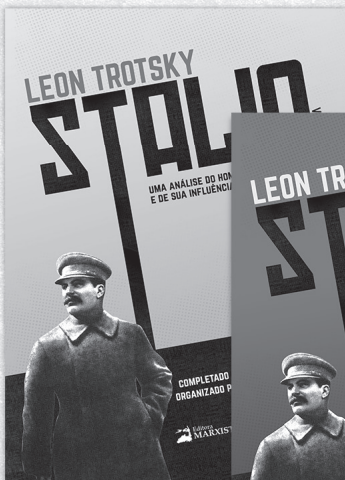
14 de outubro de 1929





Livraria MARXISTA

A Livraria da Esquerda



*Confira as publicações
da Editora Marxista*

R\$ 120
VOL 1 E 2

**STALIN
DE LEON TROTSKY**

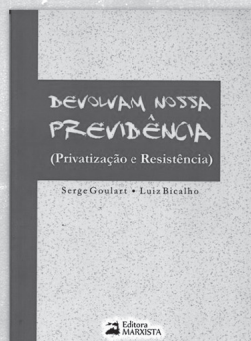
Disponíveis na nossa loja ou
através do site www.livrariamarxista.com.br*

**Rua Tabatinguera, 318, Sé, São Paulo - SP. Tel: 3104 0111*



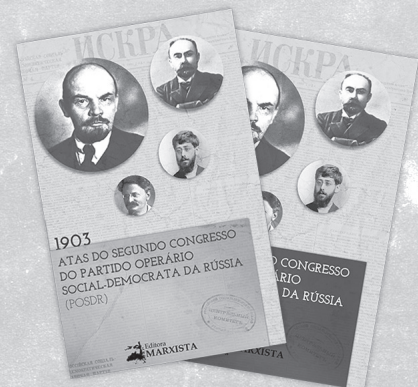
**Reformismo
ou Reveolução**

R\$ 50
(Vol. 1 e 2)



**Devolvam nossa
Previdência**

R\$ 16



**Atas do segundo
Congresso do POSDR**

R\$ 60
(Vol. 1 e 2)